

Religião, Sociedade e Cultura

Vitor César Presoti
Cáio César Nogueira Martins
Ramon da Silva Teixeira

Religião, Sociedade e Cultura

Vitor César Presoti
Cáio César Nogueira Martins
Ramon da Silva Teixeira

2024 – Editora Uniesmero

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Organizadores

Vitor Cesar Presoti

Caio César Nogueira Martins

Ramon da Silva Teixeira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Os Organizadores

Revisão e normalização bibliográfica: Ramon da Silva Teixeira

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Me. Elaine Freitas Fernandes, Universidade Estácio de Sá, UNESA

Me. Laurinaldo Félix Nascimento, Universidade Estácio de Sá, UNESA

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náýra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P934r Religião, Sociedade & Cultura
/ Vitor Cesar Presoti; Caio César Nogueira Martins; Ramon da Silva
Teixeira (organizadores). – Formiga (MG): Editora Uniesmero,
2024. 147 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5492-084-1
DOI: 10.5281/zenodo.13334782

1. Religião 2. Sociedade. 3. Cultura. I. Presoti, Vitor Cesar. II.
Martins, Caio César Nogueira. III. Teixeira, Ramon da Silva. IV. Título.

CDD: 261
CDU: 291

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Uniesmero
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.uniesmero.com.br
uniesmero@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.uniesmero.com.br/2024/08/religiao-sociedade-cultura.html>



AUTORES

**CAIO CÉSAR NOGUEIRA MARTINS
FABRÍCIO ROBERTO COSTA OLIVEIRA
GERALDO MAGELA RODRIGUES DE OLIVEIRA NETO
LUIZ ERNESTO GUIMARÃES
RAMON DA SILVA TEIXEIRA
REINALDO AZEVEDO SCHIAVO
VITOR CESAR PRESOTI**

RELIGIÃO, SOCIEDADE & CULTURA

Vitor Cesar Presoti
Caio César Nogueira Martins
Ramon da Silva Teixeira

RELIGIÃO, SOCIEDADE & CULTURA

Uniesmero

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
<i>Mauro Rocha Baptista</i>	
RELIGIÃO E POLÍTICA: O SEGUNDO ANO DE MANDATO DE UM PREFEITO CARISMÁTICO EM BARBACENA-MG.....	12
<i>Luiz Ernesto Guimarães e Geraldo Magela Rodrigues de Oliveira Neto</i>	
O CONCÍLIO VATICANO II E A CRISE DE VOCAÇÕES	39
<i>Reinaldo Azevedo Schiavo e Fabrício Roberto Costa Oliveira</i>	
O DIABO NÃO É TÃO FEIO QUANTO PINTAM: ALIANÇAS E RUPTURAS DA IURD COM A ESQUERDA BRASILEIRA	57
<i>Caio César Nogueira Martins</i>	
KARDECISMO RURAL: EXCEÇÃO EM UMA CIDADE HEGEMONICAMENTE CATÓLICA.....	88
<i>Vitor Cesar Presoti</i>	
COMO A “RAMA DE ABÓBORA”: O MOBON, AS CEBS E A FORMAÇÃO DE COLETIVOS QUE LUTAM PELA DEFESA DE DIREITOS E RECONHECIMENTO NA ZONA DA MATA MINEIRA	118
<i>Ramon da Silva Teixeira</i>	

PREFÁCIO

Mauro Rocha Baptista

*Professor junto ao departamento de Ciências Humanas na UEMG-Barbacena, doutor em
Ciência da Religião pela UFJF, e-mail: mauro.baptista@uemg.br.*

“O verdadeiro caminho vai sobre uma corda, a qual não está esticada na altura, mas sim apenas sobre o solo. Ela parece mais destinada a fazer tropeços, que a ser percorrida”.

Franz Kafka.

Fazer um prefácio (*praefatio*) é uma daquelas tarefas que nos colocam, perigosamente, em um entre lugar. É preciso lidar com a tênue linha entre aquilo que deve ser dito (*efatio*) antes (*prae*), e o que pode saturar (*fastio*) antes mesmo do começo. Perigo ao qual nos submetemos, exclusivamente, quando os parceiros de ventura nos inspiram a confiança de um Virgílio e nos seduzem como Beatriz. Aos organizadores, parceiros de ventura, agradeço a confiança e me desculpo previamente pelos tropeços que possa causar na caminhada por sobre essa corda bamba. Aos leitores, peço que não prejudiquem o livro pela incapacidade de seu prefaciador.

De partida, retomaria o argumento de Marx (2005, p. 145), segundo o qual “a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica”. Para não enfatiar com um debate sobre os fundamentos da crítica marxiana à religião, ressaltamos apenas o que não pode deixar de ser dito, qualquer crítica que se pretenda desenvolver no ambiente sociocultural precisa tomar como ponto de Arquimedes a crítica da religião. Não significa, contudo, que sempre seja necessário voltar a este ponto para desenvolver as demais críticas, mas que este ponto é o elemento fixo a partir do qual as outras construções humanas podem ser compreendidas.

A religião funcionaria assim como um arquétipo das demais construções sociais

e culturais. E sim, estamos cientes do quanto isso se distancia do pensamento original citado no parágrafo anterior, mas não vamos assumir o fastio de descrever todo o processo desenvolvido entre Marx e a arqueologia foucaultiana. Basta reafirmar o que deve ser dito, há algo de originário nas experiências religiosas que as tornam extremamente relevantes para pensar a sociedade e a cultura, mesmo quando estas já se apresentam como irreligiosas.

Identificar a religião com este ponto de Arquimedes das críticas, ou com algo que arquetipicamente está presente, mesmo quando seu aspecto originário já se esvaiu, não significa que se queira revestir o objeto de estudo apresentado neste compêndio como algo a mais do que ele de fato é. Na verdade o que buscamos aqui é tão somente uma explanação do quanto o estudo sobre a religião consegue nos ajudar na compreensão dos mais diversos temas, o que não a torna o objeto mais glamoroso, mas indubitavelmente, mais limítrofe, tanto quanto a própria atividade de prefaciá-la.

A relevância da religião para os estudos socioculturais está no fundamento mesmo de seu significado original. “Pode-se definir como religião aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas ao uso comum e as transfere para uma esfera separada. Não só não há religião sem separação, como toda separação contém ou conserva em si um núcleo genuinamente religioso” (Agamben, 2007, p. 65). A religião faz o que toda crítica deve fazer, retira as coisas do uso comum. Não se pode desenvolver nenhuma crítica enquanto o objeto de análise não estiver aparte de uso que a sociedade faz dele. A análise que o cientista faz de qualquer objeto, o separa do uso que dele se faz. No limite, a ciência tem algo de “genuinamente religioso”.

Assim como ao prefaciá-la se está por sobre uma corda bamba, assim também a religião se faz na tênue linha entre o comum e a separação para seu uso próprio, e a ciência se desenvolve analisando objetos que já não estão mais em seu uso comum. Conseguir fazer a crítica da religião exige analisar o tema – que, por si, separa coisas de seu uso comum – separando-o de seu uso costumeiro. Ou seja, quase como se se estivesse fazendo religião com a própria religião. Aí se encontra o tenso limite que anunciamos anteriormente.

Enquanto a religião separa as coisas e as sacraliza, impossibilitando que sejam utilizadas tais quais seriam sua função original. Tal qual quando o vinho é sacralizado em sangue de Cristo e não pode mais ser usado como acompanhamento de petiscos e conversa informal. Assim também o objeto da ciência se torna imprestável à sua

função original após a crítica desenvolvida. Ninguém faz seus cultos na Igreja Universal do Reino de Deus dos cientistas da religião, há algo da prática usual que não pode ser vivenciado no objeto da análise retirado do seu uso comum religioso. O cientista analisa um objeto religioso, separando-o do uso comum religioso, mas esta atividade é “genuinamente religiosa”, só não presta mais ao uso religioso anterior. Compreender este aspecto limítrofe é “pressuposto de toda crítica”.

A crítica não profana o objeto de sua análise, não o devolve a um uso comum, dessacralizado. O uso comum é o uso que a sociedade e a cultura fazem de cada um dos seus objetos, mesmo aqueles que são religiosos. A crítica tão somente pode compreender o uso feito, e essa compreensão se faz ao retirar as coisas de seu uso sociocultural comum. Não se deve crer que a crítica indica o verdadeiro caminho, ela percorre a mesma corda bamba por onde todos nos arriscamos constantemente. E a crítica da religião faz esse percurso ao extremo.

Para evitar o risco do fastio fixemos apenas o que não podia deixar de ser dito, a crítica da religião não torna o objeto religião um tema mais importante que os demais, ela experimenta a condição mais extremada e limítrofe possível, por isso ela é pressuposto das demais. Por isso os textos que se seguem precisavam ser ditos (*efatio*), por mais que este *praefatio* não os faça jus, convidamos o leitor a se exercitar sobre essa corda bamba sobre a qual a sociedade e a cultura revelam alguns dos traços que nos ajudam a compreender essa condição fronteira que é nossa condição mais própria.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005.

RELIGIÃO E POLÍTICA: O SEGUNDO ANO DE MANDATO DE UM PREFEITO CARISMÁTICO EM BARBACENA-MG

Luiz Ernesto Guimarães

Professor junto ao departamento de Ciências Humanas na UEMG-Barbacena, graduado e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina e doutor em Ciências Sociais pela Unesp, e-mail: luiz.guimaraes@uemg.br.

Geraldo Magela Rodrigues de Oliveira Neto

Pesquisador, graduado em Ciências Sociais pela UEMG-Barbacena, e-mail: geraldoliveira1951@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho analisa como o prefeito do município de Barbacena-MG desenvolve seu mandato, visto possuir vinculação com a Renovação Carismática Católica, um dos principais movimentos católicos na atualidade. O trabalho de campo foi realizado nas redes sociais, sobretudo no *Instagram*, devido ao número significativo de postagens realizadas pelo próprio prefeito, bem como em razão dos comentários dos seguidores realizados em cada postagem. Percebeu-se que os valores cristãos, de caráter conservador, estruturam em boa parte o trabalho do prefeito divulgado em seu perfil no *Instagram*, resultando no apoio de muitos seguidores.

Palavras-chave: Antropologia da política; redes sociais; Barbacena-MG.

ABSTRACT

This work analyzes how the mayor of the municipality of Barbacena-MG develops his mandate, as he has links with the Catholic Charismatic Renewal, one of the main Catholic movements today. The fieldwork was carried out on social media, especially on Instagram, due to the significant number of posts made by the mayor himself, as well as the comments made by followers on each post. It was noticed that Christian values, of a conservative nature, largely structure the mayor's work published on his Instagram profile, resulting in the support of many followers.

Keywords: Anthropology of politics; social media; Barbacena-MG.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é a terceira publicação elaborada como resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), a quem agradecemos. Os três textos produzidos no âmbito deste projeto buscam compreender como elementos religiosos norteiam o cotidiano político em um município de médio porte do interior mineiro, a saber, Barbacena¹. O primeiro trabalho analisou as eleições municipais do ano de 2020, em que o candidato eleito – e, portanto, o prefeito atualmente –, é um jovem vinculado à Renovação Carismática Católica – (RCC), um dos mais expressivos movimentos católicos das últimas décadas, sob um viés conservador. No segundo texto foi analisado o desenvolvimento do primeiro ano de seu mandato em 2021, sendo a primeira oportunidade de demonstrar aos seus eleitores, na prática, o que foi apresentado como propostas no período eleitoral². Já o presente estudo busca analisar o segundo ano do seu trabalho enquanto chefe do Executivo municipal, concluindo assim, os objetivos propostos no projeto de pesquisa junto à FAPEMIG.

Por força da circunstância, quando iniciamos a primeira pesquisa no ano de 2020 no contexto da pandemia da Covid-19, que assolou rapidamente o mundo inteiro, matando, apenas no Brasil, mais de 700 mil pessoas³, em grande parte pela omissão do então presidente da República, Jair Bolsonaro (2019-2022), o trabalho de campo precisou ser repensado, já que a campanha de 2020 foi realizada, em grande medida, nas redes sociais, levando em consideração que havia naquele momento a necessidade e obrigatoriedade do distanciamento social, por ser o SARS-Cov-2 um

¹ Barbacena está localizada na região da Zona da Mata com aproximadamente 130 mil habitantes. O município é cortado pela BR 040, que liga Belo Horizonte ao Rio de Janeiro. Possui poucas indústrias e, assim, sua principal atividade econômica se restringe, basicamente, à oferta de serviços. No campo da educação, o município possui duas instituições públicas que atraem estudantes locais e de diversos municípios vizinhos, a saber: a UEMG, com os cursos de Ciências Sociais, Serviço Social e Pedagogia, e o Instituto Federal, com diversos cursos técnicos e também de graduação. Há também outras instituições privadas que oferecem cursos de graduação no município. Dois fatores foram determinantes para a escolha do município de Barbacena para a realização desta pesquisa: 1) por ser a cidade onde moramos, o conhecimento do cotidiano político e dos atores sociais nele envolvidos tornou mais viável a execução do estudo; 2) além de ser um município majoritariamente católico, o atual prefeito, objeto desta pesquisa, embora tenha uma trajetória recente na política, possui uma vinculação à Renovação Carismática Católica (RCC), com expressivo reconhecimento na região, um dos motivos que contribuíram para a sua eleição no ano de 2020.

² Estes dois primeiros trabalhos estão em fase de finalização para posterior publicação em revistas científicas.

³ Estima-se que este número seja maior por causa da subnotificação.

novo vírus e, naquela época, ainda sem o desenvolvimento e distribuição de vacinas (que só se iniciou no Brasil em janeiro de 2021). Dessa maneira, foi necessário fazer o acompanhamento e estudo da campanha política de 2020⁴ saindo das ruas e indo para as redes sociais; do espaço físico para o virtual, impondo dessa forma um novo desafio teórico-metodológico. Esse movimento nos retirou da zona de conforto. Antes acostumados a desenvolver pesquisas acadêmicas em campo, – esse local físico, onde se desenvolveu praticamente toda a história da antropologia, em que o pesquisador e os habitantes locais convivem por certo período de tempo, assim resultando na elaboração de diversas pesquisas mundo afora –, naquele momento, esse local de encontro nos foi suprimida.

Robert Kozinets tem certa razão quando afirma que “com algumas exceções, os antropólogos em geral, ao que parece, têm demonstrado lentidão e relutância em seguir grupos sociais online” (Kozinets, 2014, p. 10). Possivelmente sem a pandemia dificilmente teríamos nos aventurado em uma mudança significativa no modo de fazer antropologia. No entanto, após esses poucos anos pesquisando redes sociais, dentro dos limites do objeto de pesquisa, foi possível perceber a importância desse novo campo de trabalho no âmbito da antropologia, bem como suas contribuições significativas para a tentativa de compreender a realidade social, ao oferecer novas possibilidades no levantamento de dados, podendo assim, juntar-se àqueles já tradicionalmente conhecidos.

Com o objetivo de compreender a presença de valores religiosos no desenvolvimento do trabalho do prefeito no município de Barbacena, foi analisado o seu perfil pessoal, bem como o da própria prefeitura, ambos no *Instagram*⁵. As postagens observadas buscam retratar parte do cotidiano do atual prefeito, em especial apresentando suas principais atividades. Não há, portanto, neutralidade nessas postagens, importante para o desenvolvimento de uma antropologia digital

⁴ As eleições municipais de 2020 foram completamente atípicas, por serem as primeiras após o início da pandemia da Covid-19. Moacir Palmeira e Beatriz Heredia (1995, p. 32) observam que “a política aparece com as eleições. E aparece subvertendo o cotidiano”. O cotidiano é completamente alterado: papeis nas ruas, comícios, visitas, reuniões, propagandas etc. Assim, devido à política de distanciamento social, as eleições de 2020 assumiram um caráter completamente distinto daquele descrito no trabalho de Palmeira e Heredia.

⁵ Além do *Instagram*, o prefeito também possui perfil no *Facebook*, outra importante rede social. No entanto, optou-se pela escolha apenas do *Instagram* por ser uma das plataformas mais populares e, dessa maneira, havendo maior número de acessos e engajamento, importante para o processo de levantamento de dados. É importante também destacar que com a rápida ascensão e popularidade que ganhou o *Instagram*, o *Facebook* tem perdido espaço significativo entre os usuários de redes sociais no Brasil.

(Miller; Horst, 2015). O fato de publicizar nas redes sociais uma atividade e não outra demonstra a existência de intencionalidade nessas escolhas, com um objetivo expresso: a formulação de uma imagem do chefe do Executivo municipal, ou da construção de sua reputação no campo político, conforme observa a antropóloga brasileira Cristina Marins (2020).

Se de um lado havia a expressão do serviço público a partir da ótica do chefe do Executivo, por outro havia também as manifestações dos seguidores desses perfis no *Instagram*, seja por meio de *emojis*⁶ ou mesmo comentários sobre a referida postagem. Assim, como aspecto metodológico, as postagens que possuíam conteúdo relacionado, diretamente ou não, com valores religiosos foram intencionalmente selecionadas, sistematizadas e posteriormente analisadas, resultando no que se comunicará neste capítulo.

Em substituição ao caderno de campo, tradicionalmente conhecido na antropologia (Marins, 2020; Magnani, 1997), foi elaborada uma planilha eletrônica onde as postagens selecionadas foram organizadas a partir de algumas informações importantes como: data, conteúdo, comentários etc. Essa planilha contribuiu de forma significativa na organização e desenvolvimento deste estudo. Para assegurar o anonimato, foi preservada a identidade de todas as pessoas pesquisadas no decorrer deste trabalho. Dessa forma, ao fazer algumas transcrições que julgamos importantes para o leitor compreender melhor o cenário que buscamos transmitir, os nomes dos atores foram suprimidos. Em caso em que houve a publicação de alguns comentários no *Instagram*, as fotos de identificação de usuário foram desfocadas com o mesmo intuito, de proteger a identidade dos atores sociais envolvidos durante o processo de pesquisa.

A ANTROPOLOGIA E AS REDES SOCIAIS

O início do século XX é um momento importante na história da antropologia por instaurar a utilização de um novo método: a observação participante. Malinowski, um

⁶ Os *emojis* são diversas figuras em formato de rosto humano presentes em várias redes sociais. Eles expressam uma variedade de sentimentos, como: alegria, tristeza, raiva, dúvida, incerteza, etc. Há outras figuras também em forma de fogo, aplausos, cumprimentos, gestos, sinais etc. É muito comum haver engajamentos de usuários apenas com esses símbolos, sem o uso de palavras; ou também de forma mista, utilizando palavras e *emojis*. Mesmo em caso apenas do uso de *emojis*, é o suficiente para a expressão da maneira como o indivíduo percebe uma determinada postagem.

dos principais responsáveis por essa mudança em relação ao trabalho até então desenvolvido, a “antropologia de gabinete”⁷, deixou a Europa rumo ao Pacífico, onde passou alguns anos em contato com os habitantes daquela região⁸. A partir desse momento o trabalho antropológico passou a ser realizado essencialmente no próprio local da pesquisa, deixando os dados até então obtidos de segunda ou terceira mão – que tornavam a antropologia produzida uma espécie de “interpretação da interpretação” – “de lado”. Por exemplo, Clifford Geertz (2017) afirma que “O *locus* do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam *nas* aldeias” (p. 16, grifos do autor).

Evans-Pritchard (2005), assim como Malinowski, outro importante antropólogo da escola britânica, também recomenda que, se se pretende ser rigoroso, o trabalho de campo deva levar até dois anos de duração. É certo que outros antropólogos passaram mais tempo nesse processo da pesquisa, não havendo uma quantidade exata de tempo estabelecida para o desenvolvimento da pesquisa de campo. Não obstante à sua extensão, o que deve ser destacado é a nova proposta de levantamento de dados, feita exclusivamente pelo próprio antropólogo diretamente no campo de pesquisa, dispensando a utilização de dados já anteriormente interpretados por terceiros, o que poderia incorrer em erros na execução da pesquisa.

Com o surgimento da internet na década de 1960, houve uma mudança radical nos meios de comunicação afetando, inclusive, as relações interpessoais. Isso, especialmente com o surgimento das redes sociais, como o *Orkut*, e, posteriormente, o *Facebook* e o *Instagram*, entre tantas outras presentes na atualidade, com finalidades as mais variadas. Nelas é possível o usuário fazer o compartilhamento de fotos, vídeos, matérias de jornais, até a participação em grupos a partir de assuntos de interesses pessoais, com a publicação de comentários, imagens, *links* etc. Além disso, normalmente é permitido a demonstração de sua reação a uma determinada publicação por meio dos *emojis*. Assim, além de comentários, o usuário pode

⁷ “Antropologia de gabinete” é um termo usado em relação à maneira como os primeiros antropólogos desenvolviam seu trabalho. Diante da posse de livros e relatos de viajantes, missionários, administradores etc., elaboravam suas pesquisas sem sair de seu gabinete, recebendo assim a pesquisa desenvolvida esta alcunha.

⁸ É nas ilhas do Pacífico, especialmente em Trobriand, onde Malinowski elaborou sua mais famosa obra, *Argonautas do Pacífico Ocidental* (originalmente publicada em 1922). Nela Malinowski revela alguns aspectos metodológicos que ele considera relevantes no trabalho de campo. O principal, segundo o antropólogo, é a criação de condições adequadas para o trabalho etnográfico. A saber, isolar-se dos “brancos” e permanecer em contato mais íntimo possível com os nativos, acampando em suas aldeias (Malinowski, 1986).

manifestar sua felicidade, tristeza, dúvida, incerteza, etc. em relação a uma determinada publicação que visualizou.

Com a internet se tornando cada vez mais acessível (Spyer, 2018), surge então a possibilidade de um novo campo de pesquisa para a antropologia. Dessa forma, no final do século XX já começam a ser publicados os primeiros textos abordando as relações presentes nas redes sociais. Já neste século XXI, é a partir de 2010 que se vê o desenvolvimento de novos campos de estudo, como a Antropologia digital e a Sociologia digital (Deslandes; Coutinho, 2020). No caso da antropologia, seu papel é “recusar a permitir que o digital seja visto como um artifício ou, de fato, como mera tecnologia” (Miller; Horst, 2015, p. 108).

Assim, o ambiente virtual é também espaço para o estabelecimento de relações, simbologias e, em última instância, a agência⁹. Em seu artigo Cristina Marins (2020) concorda com outros pesquisadores que não é possível pensar no “universo virtual” como um espaço separado do “mundo real”. Para esta antropóloga, “as mídias sociais devem ser encaradas como parte essencial de nosso cotidiano” (Marins, 2020, p. 12). Dessa forma, é possível encontrar nas redes sociais um espaço privilegiado em que os atores sociais se manifestam de várias maneiras sobre os mais diversos assuntos que são construções feitas a partir do mundo concreto em que vivem. O mundo virtual, portanto, é apenas um lugar, entre outros, em que o indivíduo pode expressar sua opinião, que, no fim, é resultado de uma elaboração a partir da vida concreta onde está inserido¹⁰.

Ao abordar o início das primeiras pesquisas antropológicas no Brasil a partir de espaços virtuais, Jean Segata (2016, p. 38) afirma que “vivíamos em um período em que a ideia de virtual formava uma externalidade com razões próprias, no tom de uma ‘realidade menos real’”. Para este autor, “o ponto crítico naquele momento, era o de convencer nossos pares de que ‘havia gente’ no ciberespaço; que não se tratavam apenas de algoritmos e programações ou o que mais coubesse naquela ideia de dados ou *fluxos de informação*” (Segata, 2016, p. 37, grifos do autor). Foi, então, necessário a comprovação da existência de sociabilidade nos ambientes virtuais como

⁹ Sherry Ortner (2011) publicou um importante artigo em que aborda a teoria da ação no desenvolvimento das variadas correntes antropológicas.

¹⁰ Há no momento um importante debate no Congresso Nacional em relação à regulamentação das redes sociais. O objetivo é impedir que nesses espaços virtuais haja a prática de crimes como racismo, homofobia, xenofobia etc. A disseminação das chamadas “fake news” também fazem parte desse debate. O Projeto de Lei (PL) nº 2630/2020 foi aprovado no Senado em 2023, mas ainda depende de aprovação do texto na Câmara dos Deputados, ainda sem data prevista para ser pautado.

forma de buscar aceitação na comunidade acadêmica, diante de um objeto de estudo completamente novo.

Kozinets (2014), por exemplo, destaca as mudanças sociais resultantes do desenvolvimento tecnológico e suas implicações para o campo científico. Em suas palavras:

Nossos mundos sociais estão se tornando digitais. Consequentemente, cientistas sociais ao redor do mundo estão constatando que para compreender a sociedade, é preciso seguir as atividades e interações das pessoas na internet e por meio de outros meios de comunicação mediados pela tecnologia (Kozinets, 2014, p. 9).

Da mesma forma, Manuel Castells (2003, p. 7) também ressalta o impacto da Internet na modernidade:

A internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana.

Não há dúvida, portanto, do importante papel proporcionado pelo desenvolvimento tecnológico, sobretudo a Internet e as redes sociais, nas relações sociais. Isso afeta diretamente o campo acadêmico, que necessita se adaptar a esse novo momento, implicando no desenvolvimento do aspecto teórico-metodológico. Para o efeito desta pesquisa em que se estuda o perfil do prefeito de Barbacena no *Instagram*, as postagens intencionalmente selecionadas para análise, podem ser remetidas ao debate sobre os mitos na antropologia.

Claude Lévi-Strauss (2012), por exemplo, ao abordar o trabalho do xamã em trabalhos de parto em que há algum tipo de dificuldade no nascimento, ocasionando dor à mulher, descreveu que o trabalho do xamã é basicamente levar a mulher à reconstituição do mito, por meio da experiência. Assim, “o mito que transcorre no corpo interior deverá conservar a mesma vivacidade, o mesmo caráter de experiência vivida, cujas condições terão sido impostas pelo xamã a favor do estado patológico e por meio de uma técnica obsidente apropriada” (Lévi-Strauss, 2012, p. 208).

Em outra importante obra, Lévi-Strauss ao tratar do mito afirma que eles se transformam. Em seus termos:

Estas transformações, que se operam de uma variante à outra de um

mesmo mito, de um mito a um outro mito, de uma sociedade a uma outra sociedade com referência aos mesmos mitos ou a mitos diferentes, afetam ora a armadura, ora o código, ora a mensagem do mito, mas sem que este deixe de existir como tal; elas respeitam assim uma espécie de princípio de conservação da matéria mítica, em função do qual de qualquer mito sempre poderá sair um outro mito (Lévi-Strauss, 1976, p. 261).

Destarte, não podemos deixar de considerar as mudanças as quais os mitos estão passíveis de estar submetidos nesse novo momento, em que o desenvolvimento tecnológico transforma as relações sociais. Visto que os mitos se encarregam de resolver conflitos de elementos que se encontram em contradição, as postagens analisadas neste trabalho, no *Instagram* do prefeito de Barbacena, podem ser um exemplo disso.

É possível usar a reflexão sobre os ritos neste mesmo sentido. Roberto DaMatta na Apresentação à obra “Os ritos de passagem” (2013), de Arnold van Gennep, ressalta a importância dos ritos no estudo da vida social. De acordo com o antropólogo brasileiro, van Gennep foi possivelmente “o primeiro a tomar o rito como um fenômeno a ser estudado como possuindo um espaço independente, isto é, como um objeto dotado de uma autonomia relativa em termos de outros domínios do mundo social, e não mais como um dado secundário, uma espécie de apêndice” (DaMatta, 2013, p. 10).

Ao implicar em uma reflexão acerca do aspecto teórico-metodológico, o uso das redes sociais como campo de pesquisa na antropologia deve levar também à uma atualização de conceitos para que os dados levantados nesse novo campo possam ser compreendidos de forma mais ampla.

O LÍDER CARISMÁTICO

O jovem prefeito de Barbacena, embora jovem em idade e trajetória política, acumula certas experiências em movimentos como grupo de orações, organizações da RCC em Barbacena e região, inclusive essa ligação com o movimento religioso e com demais setores da Igreja Católica foi um dos fatores que lhe angariou votos. Há também uma aproximação religiosa entre o jovem prefeito e o presidente da Câmara de Vereadores, que é pastor e secretário de missões da Igreja do Evangelho

Quadrangular¹¹. Isso lhe garantiu certa vantagem nas eleições municipais de 2020, levando-o a ser eleito para o cargo do Executivo municipal. Convidado a se inserir na vida política ainda em 2014, quando participava de um grupo de evangelização, o jovem foi inquirido por um padre mais velho, que participava da organização do evento, sobre o motivo pelo qual os jovens não participavam da vida política, acrescentando ainda que era “missão” do cristão fazer parte da vida política e ajudar o povo através dela. A partir daí, o jovem, que em 2020 viria a se tornar prefeito da cidade, passou a se preparar, indo às sessões legislativas na Câmara Municipal, pesquisando e se informando com os vereadores daquela legislação, até que na eleição seguinte, no ano de 2016, lançou-se como candidato a vereador pelo partido movimento Democrático Brasileiro (MDB), conseguindo sucesso no resultado, com 1019 votos, e ocupando uma das cadeiras no Legislativo municipal.

Como vereador, legislou por quatro anos organizando pautas morais conservadoras, ligadas ao setor religioso conservador, além de propor projetos e audiências públicas para demandas locais da época. Emerson Silveira (2008) já indicava que, embora a RCC não optasse por partidos e organizações políticas específicas, a maioria de seus representantes ocupavam o campo da centro-direita. Enquanto vereador, passou a utilizar o *Instagram* como uma das principais ferramentas de divulgação de seu mandato, atividade que teve um crescimento maior a partir de 2018 e foi um dos divisores de água determinante para o êxito eleitoral no ano de 2020.

É importante lembrar que o jovem prefeito, durante o período eleitoral de 2020, foi o candidato com maior interação nas redes sociais. Ganhou mais projeção e atenção dos setores religiosos quando em sessões da Câmara Municipal fazia discursos enfáticos sobre temas morais, como por exemplo, a defesa da criminalização do aborto. Em uma oportunidade chegou a comparar o aborto com os 400 anos de escravidão no país e com o Holocausto promovido pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, como indica a Figura 1.

¹¹ A Igreja do Evangelho Quadrangular em Barbacena é uma grande organização situada perto do centro da cidade. A igreja funciona diariamente com várias atividades. Os representantes dessa igreja são atores políticos importantes na cidade, sendo que nas últimas eleições foram eleitos Jhonson Marçal, pastor titular da igreja, e recentemente o pastor Ewerton, vereador em segundo mandato, genro de Jhonson e ex-presidente da Câmara Municipal.

Figura 1 – *Storie* postado no *Instagram* pelo jovem prefeito de Barbacena, em 20 jun. 2018

Fonte: Instagram (2018).

Essa publicação continua presente em seu *Instagram* na área “destaques” a qual intitula como “Vereador” uma referência aos quatro anos de mandato no Legislativo, além da defesa de pautas como “manutenção da criminalização da maconha”, “marcha da família contra as drogas”, “defesa da família tradicional”, temas centrais e que ganharam muita força principalmente no período de 2018, tendo como representação maior a figura de Jair Bolsonaro, líder de extrema-direita brasileira e ex-presidente do Brasil.

A própria ligação entre o jovem prefeito e o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, mostrou-se muito mais significativa durante os processos eleitorais de 2020 e 2022. Momento em que o jovem prefeito, embora não tenha mencionado diretamente a pessoa de Bolsonaro, adotou medidas e discursos similares ao do ex-presidente. Sobre a proximidade entre a religião e o político, a captura dos símbolos e das cores da bandeira nacional, cabe destacar que o perfil oficial do prefeito assumiu, ainda no período de pré campanha, as cores verde água com a logo do partido MDB. Durante o período oficial de campanha, as cores do perfil migraram para o verde e amarelo, em alusão à bandeira nacional, e a logo, depois da vitória eleitoral, quando assumiu a prefeitura em 2023, adotou o azul escuro. Cores que se tornaram também as cores oficiais do perfil.

Outra questão similar do jovem prefeito com o ex-presidente foi o discurso de campanha mais neoliberal, rejeitando políticas sociais de combate às desigualdades. Tudo isso entrou no bojo eleitoral de 2020 para a eleição do jovem prefeito e, posteriormente, no que veio a se tornar apoios claros e velados nas disputas gerais de 2022.

Eleito no ano de 2020, surge, portanto, o desafio de encarar pela primeira vez um mandato no Executivo municipal, tendo em vista as apostas feitas pelos eleitores de renovação e oxigenação da política, em relação às demais campanhas tradicionais da cidade, com eleição das novas figuras políticas, tanto no Executivo quanto no Legislativo. Deste modo, o jovem prefeito assumiu o cargo com o lema “Dias melhores pra sempre”, trecho da música da banda mineira Jota Quest, fazendo valer o papel político das expectativas de renovação política que a população depositou em seu mandato, visto que política institucional estar muito desgastada pelos grandes canais de comunicação, sendo apropriada e expandida de forma significativa no senso comum.

Tendo sua primeira vitória política ao conquistar o mandato, o jovem prefeito conseguiu eleger, em primeiro de janeiro de 2021, uma mesa diretora da câmara municipal alinhada com o Executivo municipal, o que possibilitou a tramitação de uma série de propostas prometidas por ele: eventos e apoio ao comércio com fortes investidas em festas e eventos de grande porte na cidade como a Feira de Origem¹², eventos como Sonho de Natal¹³, uma forte cartada do jovem prefeito para marcar seu mandato, trazendo shows e artistas e gerando um grande movimento no centro da cidade. Mesmo diante de políticas de enfrentamento à Covid-19, distanciamento e vacinação, cabe lembrar que o jovem prefeito assumiu o mandato ainda no período pandêmico em que, embora com mais controle em relação ao seu início, os casos e mortes por Covid-19 ainda eram elevados no país e, conseqüentemente, no município de Barbacena.

O cenário da pandemia da Covid-19 impactou diretamente as eleições

¹² A Feira de Origem é um evento que acontece na praça Matriz, no centro de Barbacena. É uma iniciativa da secretaria de agricultura da cidade e gera oportunidade para trabalhadores exporem e venderem seus produtos. Para mais informações, cf. Vem di Bequê... (2023).

¹³ Sonho de Natal é uma iniciativa da prefeitura municipal de Barbacena para valorização da cultura e dos artistas locais e externos. Normalmente acontece a partir da segunda semana de dezembro e vai até a véspera do natal com shows, brincadeiras para as crianças e enfeites por toda a cidade. É um evento que tem marcado a atual gestão. No entanto, existem diversas críticas a esse evento, por demandar investimento econômico significativo.

municipais de 2020, parte do primeiro ano de mandato do jovem prefeito e, por consequência, o modo de fazer pesquisa sobre os temas. No caso da atual investigação, essa se encontra no estágio de pensar os primeiros anos de mandato do jovem líder da RCC, mas a pesquisa, em sua primeira fase, iniciou-se ainda nas eleições de 2020, momento em que o ensino emergencial remoto foi a ferramenta que possibilitou a manutenção dos vínculos universitários e de pesquisa.

Da mesma forma, o período eleitoral, ou o “tempo da política” (Palmeira; Heredia, 1995), foi também reformulado. As famosas passeatas, entregas de santinhos, política de porta em porta, comícios etc. foram impactados pela necessidade do distanciamento social, medida oficial orientada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Assim, a campanha e parte do mandato do jovem prefeito foram organizadas por meio das redes sociais. Através de uma conversa informal entre um membro da pesquisa e outro, à época jovem candidato e sua equipe, foi relatado que a rede social do candidato eleito, objeto deste estudo, foi a que mais cresceu em números e engajamento, comparado aos demais candidatos. O movimento nas redes sociais do jovem prefeito não parou apenas na campanha, sendo potencializada após o término das eleições. O número de seguidores, em menos de quatro anos de mandato, já duplicou e o jovem prefeito conseguiu se estabelecer como o primeiro chefe do Executivo barbacenense que mais gerou debates, comentários, curtidas e outros tipos de engajamento nas redes sociais¹⁴.

2022: O SEGUNDO ANO DE MANDATO DO JOVEM PREFEITO

O segundo ano de mandato do jovem prefeito começou envolto por expectativas com o aumento de arrecadação do município, bem como o de atividades culturais, como incremento no turismo, festas tradicionais, Copa do Mundo de futebol entre outros eventos. Conforme indicado na Figura 2, na última postagem de 2021 do perfil do mandatário, entre outras coisas, a mensagem trazia uma nota desejando para o ano de 2022 que estava por vir “saúde”, “paz”, “alegrias”, “amor” e “esperança”.

¹⁴ No acesso feito em 29 abr. 2024, o número de seguidores que o jovem prefeito possuía em seu perfil oficial era de 42,8 mil. Nessa mesma data, vimos que o perfil da Prefeitura de Barbacena possuía 47,6 mil seguidores.

Figura 2 – Última publicação de 2021 no *Instagram* do jovem prefeito de Barbacena



Fonte: Instagram (2021).

Especificamente a última palavra, “esperança”, é sempre um sentimento acionado por vários governos ou gestões que costumam se lançar como novidade. Um grande exemplo pode ser observado no caso do primeiro ano do governo Lula, em 2002, quando o lema foi “A esperança venceu o medo”. Em 2006 e 2022, Lula repetiu a mesma dose. Voltando ao âmbito municipal, no contexto barbacenense, o jovem prefeito carismático também lançou a cartilha da esperança, quando adotou como lema uma passagem da música da banda mineira Jota Quest, “Dias melhores pra sempre”, fazendo alusão à nova guinada que a cidade de Barbacena teria em sua gestão, deixando de lado o abandono em que a cidade estava submetida desde as gestões anteriores, tópico tão criticado pelos eleitores durante as eleições de 2020, conforme pôde ser percebido em conversas informais com pessoas no município.

Como já indicado e trabalhado em outra fase da pesquisa, que acabou se transformando em outro artigo, o ano de 2021 foi majoritariamente perpassado pelo combate à Covid-19, ampliação do ciclo vacinal e queda de arrecadação municipal, frutos da pandemia. Metas então foram reorganizadas para tentar superar as adversidades advindas desse processo no ano seguinte, principalmente, apostando-se em eventos culturais como shows e comemorações de datas festivas. O ano de 2021 também foi de menos movimentação política-eleitoral no município, uma vez que o apoio que o jovem prefeito necessitava se deu de forma indireta na eleição da mesa diretora da Câmara Municipal. Cenário que mudou em 2022, ano em que ocorreram as eleições gerais em todo o país.

O primeiro semestre do ano de 2022 foi de relativa similaridade ao do ano anterior. Através da observação do *Instagram* do jovem prefeito, foram vistas diversas postagens com temas já conhecidos como, por exemplo, chamadas de editais para realização de obras municipais, fotos e postagens do prefeito com sua família, sempre com apelo religioso durante as mensagens.

Talvez uma das mais explícitas se dá no dia 13 de janeiro de 2022, quando o jovem prefeito compartilhou o batismo de seu filho, levando mensagens de renovação dos votos e da fé do prefeito. Mensagens como “Um dia quero mostrar essas fotos ao meu filho e ensinar a ele que devemos caminhar sempre com Deus, por Deus e para Deus rumo ao Céu! Deus nos abençoe”. Esta postagem foi a que obteve maior engajamento no mês de janeiro, trazendo diversos comentários que desejavam as bênçãos de Deus sobre a vida do pequeno e do jovem prefeito, conforme pode ser visto na Figura 3.

Figura 3 – Comentários à publicação no *Instagram* do jovem prefeito acerca do batismo de seu filho



Fonte: Instagram (2022).

Ao trazer para seu perfil político no *Instagram* uma publicação relacionada à fé católica e ao batismo de uma criança (seu filho), foi possível perceber como tal postagem impactou seus seguidores. Esse fato demonstra como o objetivo e o interesse do perfil, inicialmente políticos, possui outros elementos – em especial, a religião católica – que lhe dão sustentação na finalidade de angariar apoio. Ou seja, o batismo de seu filho conseguiu atrair maior visibilidade para o seu trabalho como prefeito, mais até do que outras publicações que possuíam temas com viés político. Desse modo, o número maior de interações com a postagem, demonstra que o aspecto religioso é o principal tema de interesse por parte dos eleitores seguidores do prefeito, sendo a política um complemento ou, em última instância, um espaço

privilegiado em que as pautas formuladas com base num viés religioso, cristão, possam ser executadas de forma legal.

Outra ala muito enaltecida no início de 2022 pelo prefeito foi a área da segurança municipal, com o anúncio de novas admissões e a conquistas de novas viaturas para o trabalho da Guarda Civil Municipal (GCM), reforçando o compromisso do jovem prefeito com o aumento da segurança pública no município. Cabe lembrar o apelo das figuras políticas do espectro político da direita e, mais enfaticamente, da extrema direita brasileira, em seu debate sobre a forma punitivista de dirigir a segurança pública. Wilson Witzel, ex-governador do Rio de Janeiro, e Tarcísio de Freitas, atual governador de São Paulo, ilustraram essa situação. O primeiro quando, na época como governador do Rio de Janeiro, fez declarações como “a polícia vai mirar na cabecinha e... fogo” (Pennaft, 2018, n. p.). Essa era a estratégia do governo para lidar com a criminalidade, tema tão sensível no estado do Rio de Janeiro.

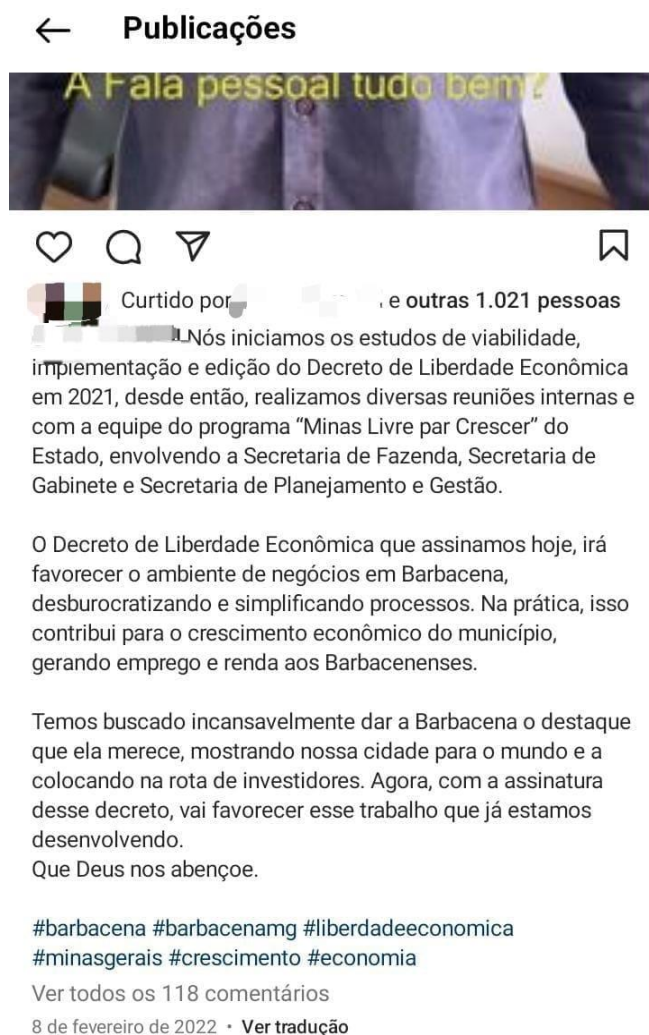
Já Tarcísio de Freitas, eleito governador de São Paulo em 2022, também coleciona fatos similares na gestão da segurança pública. Talvez a mais evidente tenha sido a chacina de Guarujá, na “operação escudo”, que deixou pelo menos 28 mortos. Na ocasião, o governador de São Paulo elogiou a conduta da polícia. Outro fato que também corrobora esse discurso foi o aumento em 86% das mortes cometidas por policiais militares em São Paulo, como aponta Arcoverde (2024) em matéria no site de notícias G1.

É evidente que, em comparação à situação de Barbacena – que até 2021 figurava entre as cidades mais seguras do país (Barbacena..., 2021)—, os casos acima citados possuem maior proporção, devido ao cargo dos mandatários e ao tamanho da população dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Porém, guardadas as devidas particularidades, essa é mais uma das correlações entre o discurso sobre a segurança pública do jovem prefeito que associa a questão simbólica do maior policiamento à melhor eficiência na segurança pública, coadunando com o entendimento vinculado ao espectro político da direita.

Outra questão muito importante anunciada ainda no conjunto de medidas de janeiro foi o projeto “Decreto de Liberdade Econômica”, que buscava desburocratizar o sistema de comércio na região de Barbacena. Esse projeto, assim como os outros citados, fizeram parte de uma lógica de construção da imagem do jovem prefeito buscando a similaridade com o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, e também

com o governador do Estado de Minas Gerais, Romeu Zema¹⁵. Ambos, em seus discursos, também priorizaram alas como as destacadas pelo jovem prefeito. A saber, como indica a Figura 4, a “defesa da família”, o “aumento do efetivo militar e maior ação policial na segurança pública”, além da adesão à lógica econômica neoliberal que traz como agenda a chamada “desburocratização”, que visa menor intervenção estatal na organização e defesa dos direitos trabalhistas, sobretudo, na relação entre empregado e patrão.

Figura 4 - Publicação do jovem prefeito no Instagram sobre o Decreto de Liberdade Econômica



Fonte: Instagram (2022).

¹⁵ Romeu Zema é um empreendedor mineiro, que entrou na política a partir de 2018, com discurso alinhado ao bolsonarismo e à nova direita brasileira. Foi eleito em 2018 com forte discurso de cortes de investimentos e menos atuação estatal na economia, além de ganhar aprovação do eleitorado ao pedir votos ao então candidato à presidência da República Jair Bolsonaro. Em 2022, defendeu seu mandato sendo reeleito na disputa mencionada. A despeito da derrota de Bolsonaro, seu aliado político, por uma pequena diferença de votos para o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Zema foi reeleito em primeiro turno, demonstrando ampliar seu capital político nos quatro anos de seu primeiro mandato, quando disputou o governo do estado em dois turnos.

Uma diferença das postagens do jovem prefeito de 2021 para 2022 foi a aparição cada vez maior de menções ao governador do Estado, Romeu Zema. O jovem prefeito nunca escondeu a parceria que tem com o atual governo do Estado de Minas Gerais, mas, em 2022 acabou veiculando em suas redes sociais um número cada vez maior de postagens referentes às obras e parcerias com o governador mineiro. Cabe destacar que 2022 foi ano eleitoral e as campanhas e buscas por parcerias eram cada vez mais frequentes. Assim, o jovem prefeito, que usufruía de certa aprovação da população barbacenense, empregou seu capital político no apoio à campanha política de Romeu Zema. Relação que será melhor abordada à frente, em um tópico específico sobre as eleições gerais de 2022.

Outra questão muito abordada nas publicações do jovem prefeito e que o fez ganhar simpatia, inclusive por alas ideológicas distintas, foi o comprometimento com aspectos culturais do município, área que ganhou investimento por meio de um projeto para a construção de uma pista de *skate*, bem como projetos como o de um telão público para transmissão dos jogos da Copa do Mundo e o evento Sonho de Natal, que vem se transformando em marca registrada do atual governo.

Sobre o evento Sonho de Natal, já referenciado neste trabalho, foi uma iniciativa proposta pelo executivo municipal com intuito de reanimar o “espírito natalino” da cidade. Como já indicado em nota, o evento ocorre a partir da segunda semana de dezembro e vai até a véspera de Natal.

O evento conta com diversas atrações. Uma passeata com pessoas fantasiadas de personagens natalinos que percorrem o centro da cidade marca o início da festa. Barraquinhas com diversos tipos de alimentos, como: churros, churrasquinho, cocada, doce de leite, pastel etc., também fazem parte da festa e movimentam, direta e indiretamente, a economia local. O evento teve início em 2021, ainda no primeiro ano de mandato do jovem prefeito, e desde então ocorre todos os anos. Há também nesse período o concurso para eleger a casa mais enfeitada da cidade, gerando assim maior impulsionamento da prefeitura através da festa do Natal, que ganha mais ênfase e destaque.

Entretanto, o evento não coleciona apenas apoio. Nas redes sociais e em algumas camadas sociais da cidade, é sempre ponderado que, embora necessário e bonito, o evento gera um gasto excessivo que poderia ser revertido em áreas que demandam mais atenção. Nesse sentido, como é possível perceber nos comentários nas Figuras 5 e 6, a principal crítica se dá em relação à prioridade do evento em

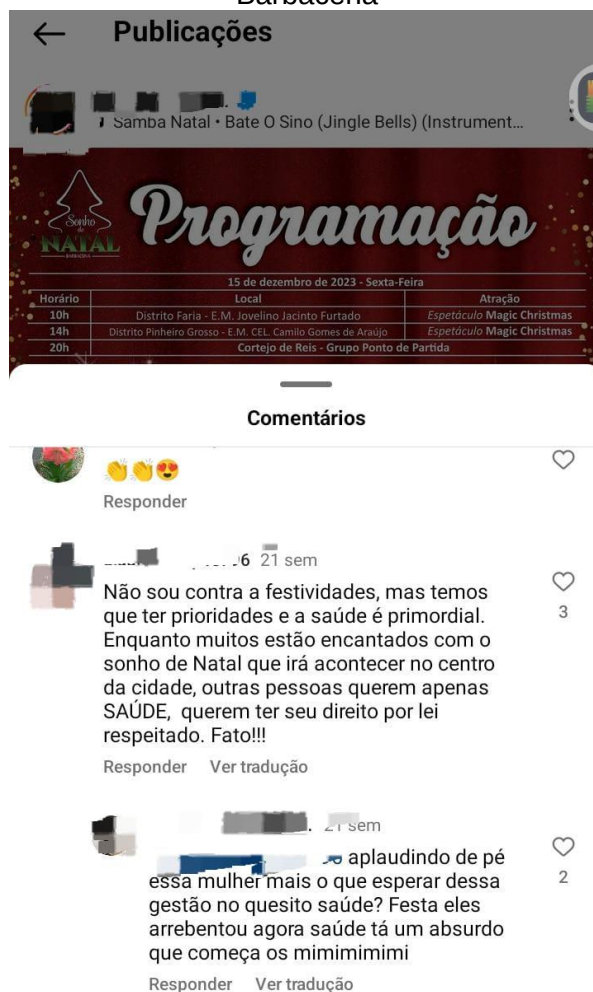
detrimento do investimento na saúde e na aceleração de atendimentos e demandas da população, que está nas filas dos hospitais e postos de saúde.

Figura 5 – Comentários à publicação com a programação do "Sonho de Natal" em Barbacena



Fonte: Instagram (2022).

Figura 6 – Comentários à publicação com a programação do "Sonho de Natal" em Barbacena



Fonte: Instagram (2022).

O jovem prefeito de Barbacena pode se encaixar naquilo que Carlos Procópio (2015) conceituou como “multiposicional”, que é como os candidatos ligados a movimentos religiosos tentam expandir sua rede de apoio abrindo mais diálogo com outros setores da sociedade, mas sem abrir mão de suas pautas prioritárias. No caso do jovem prefeito, ele buscou o apoio junto a setores mais amplos da sociedade através da cultura, com diversos eventos e shows, e também por meio das obras na cidade, tudo isso, sem abrir mão de sua pauta moral e conservadora, que o ajudou tanto a se eleger vereador nas eleições de 2016, quanto para prefeito nas eleições de 2020. Pautas que convergem com a agenda da atual direita e extrema direita nacional e internacional, expressas principalmente nas eleições de 2022 e no apoio dado pelo jovem prefeito aos candidatos do espectro político citado.

AS ELEIÇÕES DE 2022

O ano de 2022 seguiu marcado pela polarização política e por uma disputa eleitoral em dois turnos, ocorrida nos dias 2 e 30 de outubro. Todo o desenrolar político, além das ações de campanha, da apresentação dos candidatos, dos comícios e debates sempre acalorados, contou com o papel crucial dos meios digitais, como foi nas eleições de 2018. Embora com 11 candidatos disputando oficialmente, a maior disputa se deu entre Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Messias Bolsonaro (PL). Essa disputa foi levada também para o âmbito do apoio às candidaturas a governos dos estados. Em Minas Gerais, local onde a pesquisa foi realizada, Lula adotou Alexandre Kalil (PSD) como seu candidato. Já Romeu Zema (NOVO), embora eleito em 2018 muito por influência de seu apoio a Bolsonaro, na reta final das eleições daquele ano, em 2022 preferiu não tomar partido, pelo menos no primeiro turno.

Como o atual governador ganhou o pleito em primeiro turno, logo na sequência assumiu seu apoio formal ao candidato de extrema direita, Jair Bolsonaro, que seguiu para a disputa com Lula no segundo turno. A estratégia do governador de Minas foi alvo de críticas de alas da oposição, que consideraram o ato do governador traição com a população. Porém, as críticas em nada alteraram sua posição.

Em Barbacena a disputa também foi complexa, principalmente se forem levadas em consideração as parcerias e o apoio de cada candidato, que não surtiram tanto efeito. No primeiro turno, Lula obteve 54,29% dos votos contra 37,59% de Jair Bolsonaro. Já no segundo turno, o petista aumentou sua vantagem fazendo 56,63% contra 43,37% de Bolsonaro.

A complexidade da questão eleitoral de Barbacena e de Minas Gerais como um todo aparece quando Romeu Zema, eleito em primeiro turno, obteve 56,12% dos votos contra 35,02% de seu adversário, o candidato apoiado por Lula, Alexandre Kalil (PSD). A título de ilustração, o candidato de Lula para o senado, Alexandre Silveira (PSD), também foi derrotado, perdendo para o candidato de Bolsonaro, Cleitinho (PSC). Demonstrando que a polarização política continuava em voga e que a força da direita e da extrema direita estava organizada no estado, mesmo que não diretamente com base na figura de Jair Bolsonaro.

O apoio, expressas em posições oficiais do Executivo Municipal de Barbacena durante essas eleições, estenderam-se em suporte a candidatos aos cargos de deputado estadual até o de governador. O jovem prefeito declarou publicamente seu

apoio aos seguintes candidatos: para deputado estadual, a Aloísio Dias (REDE), vice-prefeito eleito em 2020, e a Luiz Fernando (PSD); para o senado, a Marcelo Aro (NOVO); e a Romeu Zema (NOVO) para governador. Desses, Luiz Fernando e Zema obtiveram êxito e foram eleitos. E no que se refere ao alinhamento político, com exceção da candidatura ao legislativo estadual de seu vice, todas as outras candidaturas se posicionaram à direita e à extrema direita.

Uma questão simbólica muito debatida na cidade durante as eleições foi o fato de o Executivo Municipal não ter se posicionado claramente sobre seu apoio a algum candidato à presidência da República. Embora não se posicionando claramente, deixando de dizer explicitamente nas redes a quem apoiava, quando se leva em consideração todo o discurso e a atividade eleitoral do jovem prefeito em 2020, com o discurso religioso, a escolha das cores verde e amarelo, a defesa de pautas, por exemplo, contra o aborto e a favor da “família tradicional brasileira” – discurso muito alinhado ao que garantiu a vitória a Bolsonaro em 2018 –, além de seu apoio, em 2022, a candidatos, em sua maioria, de direita e base de apoio à Bolsonaro durante seu mandato, vemos uma indicação de uma posição.

Outra questão muito peculiar durante o processo eleitoral de 2022 foram as *lives* no *Instagram* organizadas pelo jovem prefeito, dez dias antes das eleições, para “orar pelo país”. Mais uma evidência do vínculo entre a questão religiosa e a política, que tanto no Legislativo, quanto no Executivo, sempre foi bem notório em seus mandatos.

Outra questão percebida durante essas *lives* foi a interação massiva de apoio dos telespectadores à candidatura de Jair Bolsonaro, através do envio de comentários com frases como “Deus nos salve do comunismo”, além de *emojis* da bandeira do Brasil e do número 22, número de Bolsonaro nas eleições de 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou pesquisar no âmbito da política municipal algumas formas de seu desenvolvimento, especialmente considerando o viés religioso cristão como pano de fundo. Por fazer parte de uma região do estado de Minas Gerais, em que o catolicismo possui forte expressão¹⁶, Barbacena se tornou um local ímpar para a

¹⁶ Segundo o censo do IBGE de 2010, o Brasil possui 64,6% de católicos. O índice do estado de Minas Gerais é superior ao do Brasil, representando 71,94% da população. Já a porcentagem de católicos no

realização deste estudo. Pelo fato de não ser um município muito populoso, como as grandes capitais como, por exemplo, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, em que o campo político possui uma dinâmica muito específica, a escolha por Barbacena permitiu compreender como determinados fatos, que ocorrem com frequência em grandes municípios, desenvolvem-se em lugares com menor visibilidade. Lançar luz sobre esses atores sociais, que também analisam e agem a partir de sua própria concepção de mundo e, conseqüentemente, de política, foi um elemento importante neste trabalho.

Como dito, esse texto é uma continuidade de alguns trabalhos realizados nos últimos anos como parte de um trabalho mais amplo, em que se buscava compreender a relação entre religião e política no município de Barbacena, a partir de um proeminente político vinculado à Renovação Carismática Católica na região. Tal agente político iniciou sua trajetória política como vereador, na legislatura 2017-2020. Logo depois se lançou candidato à Prefeitura, obtendo êxito no pleito do ano de 2020. E é neste momento, em que o político ocupa um posto no Executivo municipal, que desenvolvemos trabalhos investigando sua atuação no primeiro e segundo anos do mandato. Este último ano, metade de seu mandato como prefeito, é o objeto deste capítulo.

A pesquisa de campo realizada especialmente por meio das redes sociais, sobretudo, observando o *Instagram*, ofereceu uma nova possibilidade no processo de levantamento de dados, o que, conseqüentemente, contribuiu para o desenvolvimento teórico-metodológico antropológico. Apesar de alguns limites presentes na pesquisa *on-line*, obteve-se também inúmeras contribuições que se somaram ao trabalho de campo já consolidado na história da antropologia. Desconsiderar as redes sociais no estudo do campo da política atualmente, pode representar uma perda significativa de elementos importantes para o desenvolvimento da análise. Afinal, as redes sociais se tornaram um cartão de visita na atualidade. Conseqüentemente a esse fato, as redes sociais vem sendo cada vez mais utilizadas por políticos no mundo inteiro, como plataforma para divulgar suas ideias e, especialmente, seu trabalho cotidiano, para um público que cada vez mais se utiliza das redes sociais para se informar, em especial, sobre política.

Importante destacar que as redes sociais, especialmente a rede observada

município de Barbacena é ainda mais expressiva, com 86,99%.

neste trabalho, o *Instagram*, não são espaço de manifestação de apenas uma parcela da população ou do espectro político. Nelas há a possibilidade de qualquer usuário se expressar, seja contrário ou a favor de uma determinada postagem. E mais, os usuários podem interagir entre si. Nesse ambiente, todo clique é significativo. Por exemplo, em casos em que não há manifestação direta por meio de comentários em forma de texto e/ou de *emojis*, o simples fato de o usuário deixar uma “curtida” (no *Instagram* representada pela imagem de um coração), já é o suficiente para demonstrar sua concordância e apoio ao que foi postado. Enfim, a sistematização e análise desses dados foram fundamentais para alcançar os objetivos propostos no início deste trabalho.

Assim, no desenvolvimento desta pesquisa, percebeu-se que o atual prefeito de Barbacena possui uma familiaridade significativa com as redes sociais¹⁷. O que pode estar associado ao fato de ele ser uma pessoa jovem, já acostumada com o uso de aplicativos como o *Instagram*. As postagens são praticamente diárias, alcançando um público significativo, que interage de maneira expressiva com tais publicações. São muitos os comentários de seus seguidores para cada postagem realizada, seja por meio de palavras ou mesmo de *emojis*. Em sua maioria, as respostas demonstram aprovação, incentivo, concordância e encorajamento para que o trabalho continue da mesma forma.

Nos comentários, é muito comum também a presença de palavras de caráter religioso vinculadas ao trabalho político do prefeito. Por conseguinte, que relacionam a esfera do secular e do profano à esfera do sagrado como se as ações do prefeito fossem uma extensão da “vontade de Deus”, realizada por meio do voto de seus apoiadores, que se tornam, assim, coparticipantes dessas conquistas “divinas” no campo da política.

Além de divulgar o trabalho político, as postagens no *Instagram*, ao sustentarem um posicionamento alinhado ao campo político conservador como caminho possível para o enfrentamento dos diversos problemas sociais da atualidade, possuem a capacidade de renovar junto a seu eleitorado – predominantemente conservador e vinculado ao catolicismo – o sentimento de terem realizado a melhor

¹⁷ Possivelmente há assessores responsáveis pela administração de seu perfil no *Instagram*. De toda forma, percebe-se um uso racional, com intenções implícitas, que é da criação de uma imagem de político a partir das expectativas do perfil de seus eleitores, de viés majoritariamente conservador e vinculados ao catolicismo.

escolha no dia da eleição. Manter o eleitor próximo e engajado nas redes sociais é uma forma interessante de sustentar o capital político, evitando assim uma lacuna de tempo significativa no período de quatro anos, entre uma eleição e outra.

Assim como os mitos atuam no processo de atualização da história e seus acontecimentos, aplicando significados a novos contextos, essas postagens publicadas no perfil do prefeito, ou mesmo no da Prefeitura, são uma forma de atualizar o apoio dado por seus eleitores. A cada postagem com a publicização de seu trabalho – publicações sobre projetos, reuniões, entre outras atividades – é uma forma de demonstrar, na prática, a concretização de ideias repassadas pelo prefeito no período da campanha política.

Embora as ações apresentadas nas redes sociais não afetem significativamente nas condições de vida da população, em especial, da maior parcela da população, a classe trabalhadora, que necessita de maior intervenção do poder público, o apoio a tais pautas pode ser percebido nas mais diversas formas de interação possíveis no *Instagram*. Entende-se com isso que, sendo a política o espaço próprio capaz de impulsionar avanços coletivos, a afinidade ideológica supera os anseios por melhor qualidade de vida.

Permeadas pelo viés ideológico, que pode ser sintetizado em uma atuação “em defesa da vida”, ao estabelecer algumas pautas como expressões simbólicas que evidenciam a atuação política, como o combate às drogas, a criminalização do aborto, a proibição do casamento entre pessoas do mesmo sexo, etc., as publicações parecem ser o suficiente para que o trabalho cotidiano do jovem prefeito ganhe apoio do eleitorado, ainda que esses temas mais morais apareçam mais no período da campanha política do que durante o mandato. Uma vez conquistando esse apoio no campo ideológico, qualquer ação apresentada, ainda que não se restrinja a esses temas morais e conservadores, tendem a ser bem vista por seus apoiadores/seguidores.

Enfim, ao buscar analisar a atuação do jovem prefeito de Barbacena a partir de determinações religiosas, observando, sobretudo, o ambiente *on-line* das redes sociais, este trabalho busca contribuir com outras pesquisas desenvolvidas sob esse mesmo viés. De outro modo, sem possuir pretensão de esgotar o tema, este trabalho é apenas uma pequena contribuição para estudiosos da área e mesmo para leitores sem vínculos acadêmicos, que possuem interesse em conhecer melhor a relação entre religião e política, e vice-versa, na atualidade.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Léo. Mortes cometidas por PMs sobem 86% no 1º trimestre de 2024, 2º ano do governo Tarcísio em São Paulo. **G1**, 1 abr. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/04/01/mortes-cometidas-por-pms-sobem-86percent-no-1o-trimestre-de-2024-2o-ano-do-governo-tarcisio-em-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 2 jul. 2024.

BARBACENA permanece entre as cidades mais seguras do país. **Barbacena portal de notícias**, 4 maio 2021. Disponível em: <https://www.barbacenamais.com.br/policia-mais/17958-barbacena-permanece-entre-as-cidades-mais-seguras-do-pais>. Acesso em: 2 jul. 2024.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DAMATTA, Roberto. Apresentação. In: VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Tradução de Mariano Ferreira. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

DESLANDES, Suely; COUTINHO, Tiago. Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de COVID-19: notas teórico-metodológicas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 11, 2020, p. e0022312.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O velho e bom caderno de campo. **Revista Sexta Feira**, n. 1, p. 8-12, 1997.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: DURHAM, Eunice (org.). **Malinowski**. São Paulo: Ática, 1986.

MARINS, Cristina. Internet e trabalho de campo antropológico: dois relatos etnográficos. **Ponto Urbe**, v. 27, p. 1-18.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. O digital e o humano: prospecto para uma antropologia digital. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, p. 91-111, jul./dez. 2015.

ORTNER, Sherry. Teoria na antropologia desde os anos 60. **Mana**, v. 17, n. 2, p. 419-466, 2011.

PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz. Os comícios e a política de facções. **Anuário antropológico**, v. 19, n. 1, p. 95-125, 1995.

PENNAFORT, Roberta. “A polícia vai mirar na cabecinha e... fogo”, diz novo governador do Rio. **Estadão**, 1 nov. 2018. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo-diz-novo-governador-do-rio/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. Quando a religião fica perto da política: o caso dos candidatos apoiados pelo catolicismo carismático nas eleições de 2014 no Brasil. **Debates do NER**, Porto Alegre, n. 27, p. 199-232, jan./jun. 2015.

SEGATA, Jean. Um efeito ciber na antropologia. **Revista Florestan**, n. 4, p. 35-46, 2016.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Terços, “Santinhos” e Versículos: a relação entre Católicos Carismáticos e a Política. **Rever**, São Paulo, v. 8, p. 54-74, mar. 2008.

SPYER, Juliano. **Social media in emergent Brazil**. London: UCL Press, 2018.

VEM DI BEQUE te leva para conhecer a Feira de Origem de Barbacena. **Portal da Cidade Barbacena**, 21 nov. 2023. Disponível em: <https://barbacena.portaldacidade.com/noticias/cidade/vem-di-beque-te-leva-para-conhecer-a-feira-de-origem-de-barbacena-1238>. Acesso em: 1 jul. 2024.

O CONCÍLIO VATICANO II E A CRISE DE VOCAÇÕES¹⁸

Reinaldo Azevedo Schiavo

Professor do Departamento de Ciências Humanas e Fundamentos da Educação da UEMG-Ibirité, bacharel e licenciado em História pela UFV, mestre em História pela UFOP, doutor em Sociologia pelo IUPERJ-UCAM, e-mail: reinaldo.schiavo@uemg.br.

Fabício Roberto Costa Oliveira

Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFV, bacharel e licenciado em História pela UFOP, mestre em Extensão Rural pela UFV, doutor em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pelo CPDA-UFRRJ, e-mail: fabriciooliveira@ufv.br.

RESUMO

O objetivo deste capítulo é apresentar uma reflexão sobre desdobramentos do Concílio Vaticano II (1962-1965) na crise de vocações ao longo da década de 1960. Metodologicamente nos embasamos em relatos memoriais, um flerte com as lembranças de presbíteros católicos que experimentaram os ventos do *aggiornamento* conciliar e foram diretamente afetados pela crise. Nossa pesquisa indica que naquele contexto não só havia uma crise de novas vocações, mas também de enorme insegurança para os padres já estabelecidos. Assim, a memória dos agentes que viveram este contexto demonstra que foi um momento de enorme tensão e angústia pela incerteza quanto ao papel do padre na Igreja e na sociedade; e receio pelo arrefecimento de novas vocações.

Palavras-chave: Igreja Católica; Concílio Vaticano II; Vocações.

ABSTRACT

The purpose of this chapter is to present reflections about deployment of the Second Vatican Council (1962-1965) in the vocation crisis of the 1960s. Methodologically we draw on memorial accounts, a flirtation with the memories of Catholic elders who experienced the winds of conciliar *aggiornamento* and were directly affected by the crisis. Our research indicates that in that context there was not only a crisis of new vocations, but also enormous insecurity for already established priests. Thus, the memory of the agents who lived in this context shows that it was a moment of enormous tension and anguish over the uncertainty about the priest's role in the Church and in society and fear for the cooling of new vocations.

¹⁸ Essas reflexões foram inicialmente comunicadas em um artigo no dossiê temático “Memória e testemunho”, publicado na revista eletrônica de filosofia *InconΦidentia* (Oliveira; Schiavo, 2019).

Keywords: Catholic Church; Vatican Council II; Vocations.

INTRODUÇÃO

Na década de 1960, o catolicismo romano vivenciou, nos âmbitos eclesial e eclesiástico, um processo de muitas transformações, um tempo de *aggiornamento*. A Igreja Católica foi convocada em concílio pelo Papa João XXIII para repensar sua relação com o mundo e consigo mesma. Na avaliação do Sumo Pontífice era preciso um olhar atento à suas estruturas internas para renovar sua pastoral e trilhar novos caminhos; mas era também indispensável um olhar para fora, para o mundo moderno que parecia cada vez mais complexo e incerto quanto ao futuro da humanidade (Alberigo, 2006). No Brasil, as mudanças conciliares colocaram em pauta um novo planejamento pastoral no intuito de reorganizar as bases institucionais da Igreja, colocando-a em sintonia com as orientações do Concílio Vaticano II (1962-1965). Igrejas particulares e institutos religiosos procuraram se adequar às novas diretrizes pastorais, algo perpassado por dúvidas, tensões e crises.

Passados quase de 60 anos da realização do Concílio, muita coisa mudou *intra* e *extra* Igreja Católica, deixando marcas na memória dessa instituição. Nesse sentido, esse capítulo pretende abordar algumas tonalidades da memória social sobre os momentos de crises concomitantes ao Concílio, com foco mais específico à chamada “crise de vocações”, acentuada na década de 1960 e, de alguma forma, presente até os dias de hoje no catolicismo. Inicialmente propomos uma reflexão sobre o Vaticano II, o contexto sócio-histórico em que foi realizado e seus desdobramentos, no intuito de perceber suas consequências para a referida crise de vocações. Posteriormente, apresentaremos alguns relatos memoriais, um flerte com as lembranças de presbíteros católicos que experimentaram os ventos do *aggiornamento* conciliar e foram diretamente afetados pela crise.

O CONCÍLIO VATICANO II E A DÉCADA DE 1960

Na história da Igreja Católica nos últimos cem anos, o Concílio Vaticano II é possivelmente o evento de maior amplitude, representando, de certa forma, um novo *tempo* do catolicismo. Trata-se de um acontecimento que reuniu o mais alto escalão

da hierarquia católica em suas quatro sessões, mas o Vaticano II enquanto *evento histórico* é muito mais amplo do que as reuniões em Roma. Sua universalidade e duração envolvem uma soma de ideias, iniciativas e acontecimentos que abarcam um espaço temporal maior, renovando, em alguma medida, o modo de fazer, de organizar ou de entender a realidade.

Assim como o Concílio de Trento (1545-1563) inaugurou uma nova fase do catolicismo, com a alcunha de *Igreja Tridentina* e com uma dimensão temporal que extrapola os limites do século XVI, o Concílio Vaticano II também representou um novo momento histórico, com uma “duração organizacional” que vai muito além das sessões conciliares e com uma abrangência temporal (e histórica) muito maior, ao se considerar a leva de “eventos singulares” que o sucedem, como, por exemplo, os Planos de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín (1968), a formação e proliferação das Comunidades Eclesiais de Base, o surgimento da Teologia da Libertação e, mais a frente, a criação de alguns organismo sociais vinculados à CNBB como o Conselho Indigenista Missionário (1972) e a Comissão Pastoral da Terra (1975)¹⁹. Cada evento singular tem sua dinâmica própria, sua especificidade, mas está imbricado ao evento histórico que possibilitou seu surgimento, seja reinterpretando-o, modificando-o, atualizando-o, ampliando ou reduzindo seus limites.

Todavia, é importante frisar que as transformações vivenciadas pelo catolicismo na década de sessenta e nos anos ulteriores não se processaram unicamente por questões internas à Igreja. A elaboração e execução do Concílio Vaticano II, bem como todos os esforços para implementar as novas orientações conciliares, foram, em grande medida, condicionados e influenciados por questões de ordem social, política, econômica e cultural do mundo moderno. A ordem social, por exemplo, esteve altamente questionada pelo que se convencionou chamar de “movimentos de contracultura”, normalmente desencadeados por organizações juvenis com forte teor de contestação ao *establishment*. Com diferentes formatos em vários países do mundo, esses movimentos encontraram na música *folk* e no *rock’n roll* uma potente amplificação para os diversos protestos marcados pela ousadia,

¹⁹ O CIMI é um organismo que atua por meio de assessorias na defesa dos povos indígenas, denunciando as estruturas de dominação, violência e injustiça. Já a CPT é uma organização que desde sua criação tem atuado em favor da organização e mobilização dos trabalhadores rurais por seus direitos, com destaque para as denúncias contra a violência para com os trabalhadores rurais e o trabalho escravo.

irreverência e militância.

Segundo Martteo Guarnaccia (2004, p. 13), “o primeiro lugar em que a mistura entre poesia, drogas e música pop conseguiu dar vida a um movimento contracultural gigante” foi em Amsterdã, capital de uma Holanda considerada, na década de 1960, como uma “ilha de bem-estar e tranquilidade”, sem guerras, segregação racial e conflitos sociais exacerbados. Num local onde aparentemente não havia nenhum motivo concreto para protestar contra a ordem estabelecida, surgiu um movimento de inspirações anarquistas chamado *Provos*, com o objetivo de contestar “a própria existência da ordem constituída” (*Ibidem*, p. 15). Em sua carta de apresentação, os integrantes desse movimento se auto denominam como “alguma coisa contra o capitalismo, o comunismo, o fascismo, a burocracia, o militarismo, o profissionalismo, o dogmatismo e o autoritarismo”²⁰.

As atitudes dos *Provos* tiveram, em certa medida, grande influência da *Internacional Situacionista*²¹, uma agremiação supranacional de intelectuais, filósofos, cineastas, arquitetos, artistas e ativistas-políticos que surgiu na Europa no final da década de 1950 como uma verdadeira difusora de concepções adversas ao sistema capitalista, à “sociedade do automóvel”²², à vida cotidiana, ao modernismo e, enfim, à “sociedade do espetáculo”²³. Liderados pelo francês Guy-Ernest Debord, os *situacionistas* se tornaram um movimento de grande expressão nos anos sessenta, pontuando questões ligadas à arte, urbanismo e política, sobretudo incentivando movimentos revolucionários, “culminando na determinante e ativa participação situacionista nos eventos de Maio de 1968 em Paris” (Jacques, 2003, p. 15).

Entre os movimentos de contracultura da década de 1960, o *Maio de 68* na França e o *movimento hippie* nos Estados Unidos foram, talvez, aqueles que mais se popularizaram e influenciaram em outros países movimentos de protestos contra o

²⁰ Carta de apresentação dos Povos datada de junho de 1965 citada por Guarnaccia (*op cit.*, p. 15).

²¹ Sobre a Internacional Situacionista cf. Jacques (2003).

²² *Sociedade do Automóvel* foi uma expressão muito utilizada pelos *situacionistas* para descrever e criticar a lógica de urbanização que condicionava os planejamentos urbanos – e a vida das pessoas – ao avanço progressivo do uso do automóvel e ao arbítrio da lógica industrial. Um modelo de sociedade definida pelos situacionistas como de “consumidores hidrocarburodependentes, mimados pelos traficantes de petróleo: as companhias petrolíferas, que criam e moldam governos, estilos de vida, espaços urbanos e paisagens geográficas conforme suas necessidades” (Jacques, *op cit.*, p. 13).

²³ A *Sociedade do Espectáculo* é o título da principal obra de Guy Debord que tece uma feroz crítica à sociedade capitalista que, conforme o autor, transforma a dura realidade da vida real em uma “imensa acumulação de espetáculos” que imergem os indivíduos numa lógica de consumo e de aparências. De caráter subversivo, esse livro provoca os leitores a agir contra qualquer forma de controle do sistema, e foi considerado um grande estimulador das manifestações de “maio de 68” (Debord, 1997).

establishment. O primeiro, iniciou-se no meio estudantil francês e rapidamente se espalhou entre a classe operária, gerando greves e insurreições contra o governo de Charles de Gaulle. O segundo, nasceu no seio de uma sociedade norte-americana cada vez mais insatisfeita com os desastrosos resultados da Guerra do Vietnã. O jargão “sexo, drogas e rock’n roll” se tornou um *slogan* desse movimento contracultural, que alcançou grande destaque midiático e conquistou simpatizantes em grande parte do mundo ocidental²⁴.

Esse cenário de contestações e protestos está intimamente ligado à conjuntura política internacional marcada pela bipolarização do mundo, protagonizada pelos Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), e a consequente *Guerra Fria* entre os capitalistas norte-americanos e os comunistas soviéticos que disputavam a hegemonia do globo, fazendo com que gerações inteiras vivessem “à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade” (Hobsbawm, 1995, p. 224). É certo que os beligerantes EUA e URSS não chegaram a um confronto direto, mas suas disputas política, econômica e ideológica, aliada a uma desenfreada “corrida armamentista”, promoveram conflitos indiretos entre essas duas potências, como a Guerra da Coreia (1950-1953) e a Guerra do Vietnã (1962-1975), além de situações delicadas e, porque não dizer, deploráveis como a construção do Muro de Berlim (1961) e a Crise dos Mísseis em Cuba (1962).

Nesse conturbado contexto histórico, a Igreja Católica Romana se encontrava diante de um grande desafio: adaptar-se à era moderna. De um lado o comunismo ateu, inimigo declarado antes mesmo das guerras mundiais; do outro um capitalismo cada vez mais contestado por sua ineficiência em sanar as injustiças sociais que afetava sociedades inteiras, principalmente nos países subdesenvolvidos. Como se não bastasse, questões como o avanço tecnológico, novas formas de divisão do trabalho e a aparente “secularização” do mundo moderno foram combinações que “convidaram a Igreja a tomar consciência de que se encontrava diante de um mundo novo, perante o qual devia representar os valores da igualdade universal, da pobreza, da justiça, da paz e da unidade cristã” (Alberigo, 2006, p. 189). Todavia, para isso era “necessário que enfrentasse uma renovação de grande profundidade” (*Ibidem*, p. 187).

²⁴ Sobre o Maio de 68 na França e o movimento hippie nos EUA, cf. Kurlansky (2005).

É importante dizer que a teoria da secularização, ou desencantamento do mundo, não se confirmou na prática. Embora tenha sido defendida por importantes sociólogos – como Max Weber (2002) e Peter Berger (1987) –, o mundo moderno não se secularizou como pensaram. De outro modo, não houve um refluxo pleno da religião, ela não desapareceu e, menos ainda, não existe nenhuma evidência histórica de que isso possa vir a acontecer.

Com toda sua pluralidade ideológica, política, social e cultural, o mundo moderno potencializou não o declínio e desaparecimento da religião, mas o prosperar de novas formas de religião que não se esgotam nas igrejas e sobrevivem fora dos domínios eclesiásticos. Mais do que isso, parece se confirmar a tese de Ernst Troeltsch de que “a história espiritual e religiosa dos últimos séculos deu origem a uma cultura religiosa que, mais cedo ou mais tarde, tende a repudiar o autoritarismo eclesiástico” (Mata, 2008, p. 242). Ao invés de “uma oposição especial à religião e às coisas religiosas”, o que Troeltsch (*apud* Mata, 2008, p. 246) detectou foi “uma recusa específica do modelo eclesiástico e uma aversão à forma da Igreja e aos pressupostos da Igreja”.

Uma dura realidade para a Igreja de Roma que, diante desse quadro, aspirava por mudanças pastorais, litúrgicas e eclesiológicas que a colocasse em sintonia com os “novos tempos”. Giacomo Martina (1997) considera que tais aspirações se intensificaram no período posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e só se efetivaram com a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), que “assinalou não só o fim de uma época, mas possivelmente, do ponto de vista conciliar, o primeiro ato de nova fase, em que o binômio espiritual/temporal tem novo equacionamento” (Souza, 2004, p. 244).

O Vaticano II foi convocado em 1959 pelo papa João XXIII para ser, conforme afirmou Giuseppe Alberigo (2006), um acontecimento de “transição de época”, que introduzisse a Igreja numa fase nova de seu caminho. Na Encíclica *Ad Petri Cathedram*, de 29 junho de 1959, escreveu o Sumo Pontífice que “os sagrados pastores do orbe católico” estavam sendo convocados para “tratarem dos graves problemas da religião, principalmente para se conseguirem o incremento da fé católica e a saudável renovação dos costumes no povo cristão e para a disciplina eclesiástica se adaptar melhor às necessidades dos nossos tempos”²⁵.

²⁵ Papa João XXIII. Encíclica *Ad Petri Cathedram*, de 29 junho de 1959. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_29061959_ad-petri.html.

Aos “padres conciliares” foi dada a missão de repensarem não somente questões internas da Igreja (*ad intra*), mas também sua relação com o mundo exterior (*ad extra*). Decerto, o Concílio abordou muitos aspectos do catolicismo romano, desde tradições e sacramentos à liturgia e pastoral, inserindo na pauta da Igreja Católica os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais do mundo moderno, seguindo, de certa forma, as orientações de João XXIII no discurso de abertura do Vaticano II:

É nosso dever não só conservar este tesouro precioso [tradição e dogmas da Igreja], como se nos preocupássemos unicamente da antiguidade, mas também dedicar-nos com vontade pronta e sem temor às obras que nossa época exige, prosseguindo assim o caminho que a Igreja percorre há vinte séculos²⁶.

Muitas mudanças aconteceram em decorrência do Vaticano II. O ecumenismo e o diálogo com outras religiões se tornaram mais afluídos, assim como se acentuou a responsabilidade de bispos e padres para com os problemas “mundanos” de seus fiéis (Beozzo, 1993, p. 7). Introduziu-se a noção de Igreja como *povo de Deus*, e os leigos ganharam mais autonomia nos assuntos da *ecclesia*. Na liturgia, o antigo missal publicado por Pio V, quatro séculos antes, foi substituído por um novo livro litúrgico trazendo renovações nas diversas partes da missa católica (Martina, 1997, p. 335), que deixou de ser realizada exclusivamente nos templos sagrados, podendo acontecer também em outros ambientes, desde salões de reuniões até em campo aberto, conforme a necessidade de localidade ou data religiosa.

Foi permitido o uso de língua vernácula nas celebrações eucarísticas e matrimoniais, em orações e cânticos, nas administrações de sacramentos e demais atos litúrgicos até então realizados somente em latim, língua oficial da Igreja. O calendário foi renovado “dividindo com mais clareza o ano litúrgico, deslocando corajosamente algumas festas, eliminando alguns santos pouco conhecidos ou discutidos, e introduzindo o culto de outros, mais representativos da universalidade da Igreja” (Martina, 1997, p. 336).

Contudo, para que as mudanças preconizadas pelo Concílio pudessem ser efetivadas foi necessário um planejamento pastoral que adaptasse as Igrejas locais às novas orientações. Na América Latina, a tentativa de traduzir o Vaticano II para a realidade desse continente tem como referência a Segunda Conferência Episcopal de

Acesso em: 28 ago. 2019.

²⁶ Discurso de Sua Santidade Papa João XXIII na Abertura Solene do SS. Concílio. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-xxiii/en/speeches/1962/index.html>. Acesso em: 28 ago. 2019.

Medellín (1968), quando uma parcela significativa da Igreja latino-americana definiu sua “opção preferencial pelos pobres”, adotando a nascente Teologia da Libertação como referencial teológico para sua atuação pastoral. Para Oscar Beozzo (1993, p. 120):

[...] a verdadeira raiz espiritual de Medellín, sua fecundidade e perenidade, reside no fato de que, pela primeira vez na história da América Latina, a Igreja aqui presente tomou a palavra em plenitude, uma palavra inspirada profética, gesto decisivo para quem sempre escutou a palavra que lhe era dirigida ou imposta de fora. E tomou a palavra através de um auscultar paciente, humilde e dinâmico da realidade do povo latino-americano.

Essa “realidade” a que Beozzo (1993) se refere tem a ver, dentre outras coisas, com o subdesenvolvimento da América Latina e os reflexos da *Guerra Fria* nos anos sessenta. A revolução cubana de 1959, liderada por Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, intensificou a “ameaça vermelha” em todo o continente, deixando em alerta o bloco capitalista liderado pelos norte-americanos. Ao mesmo tempo em que serviu de inspiração para a esquerda revolucionária da América, despertou a atenção daqueles que entendiam o comunismo como mal a ser combatido, gerando inquietude tanto nas elites nacionais quanto nas forças armadas de vários países, além de boa parte da hierarquia eclesiástica católica. “O exemplo de Fidel inspirou os intelectuais militantes em toda parte da América Latina”, e Cuba “passou a estimular a insurreição continental, exortada por Ernesto Che Guevara, o defensor da revolução latino-americana” (Hobsbawm, 1995, p. 427-428).

Essa ameaça comunista serviu de álibi para os vários golpes militares ocorridos no continente americano, que se alastraram pelas décadas subsequentes à de 1960, atingindo países como Chile, Argentina, Uruguai e Brasil. No nosso país, as Forças Armadas, com considerável apoio da sociedade civil²⁷, tomaram o poder em 1964, sob o argumento de estarem defendendo a pátria do “inimigo externo” (D’araújo; Castro; Soares, 1994), que se adentrava no país através dos herdeiros políticos de Getúlio Vargas, que se deslocavam para a esquerda e ofereciam democratização, reforma agrária e ceticismo em relação à política norte americana (Hobsbawm, 1995, p. 429).

Uma vez no poder, os militares implementaram a chamada Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, que tornou-se um importante instrumento de

²⁷ Sobre o apoio da sociedade civil aos militares no golpe de 1964, cf. Aarão Reis Filho (2005) e Cordeiro (2009).

consolidação de uma estrutura estatal destinada a facilitar o desenvolvimento capitalista. Em nome do anticomunismo, esta doutrina intensificou a segurança interna através de uma implacável série de perseguições aos opositores do regime, com prisões arbitrárias, torturas e supressão da liberdade de expressão²⁸.

Se o *aggiornamento* proposto pelo Vaticano II significou um processo de mudanças no seio do catolicismo, é fato que elas aconteceram num contexto – nacional e internacional – marcado por muitas tensões e incertezas. Um campo propício para o desencadear de crises diversas, como a que afligiu as vocações na Igreja Católica.

MEMÓRIAS DA CRISE DE VOCAÇÕES

A crise que sucedeu os anos conciliares foi um fenômeno geral que afetou tanto o clero regular quanto o secular da Igreja de Roma, abalando as vocações sacerdotais de um modo geral. O abandono do sacerdócio nas décadas de 60 e 70 alcançou proporções sem precedentes na história do catolicismo. Entre os anos de 1939 e 1963, que correspondem aos pontificados de Pio XII e João XXIII, a Santa Sé concedeu 563 dispensas do sacerdócio, o que corresponde a uma média pouco superior a 20 por ano. Entre 1964 e 1970 esse número sobe para 13.139, alcançando a exorbitante média de 1877 por ano (Martina, 1997, p. 356). Na data de encerramento do Concílio, em 1965, havia em todo o mundo quase 315 mil religiosos de vida consagrada, em meados dos anos oitenta esse número se encontrava reduzido a pouco mais de 200 mil. Entre as religiosas, no mesmo período, a redução foi de aproximadamente 25% das vocações (*Ibidem*, p. 341).

A Igreja Católica, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, não conseguia atender à demanda de leigos em função dessa crescente limitação quanto à presença de sacerdotes. No Brasil, por exemplo, Casanova (1994) mostra que, em meados dos anos de 1960, havia uma população de 80 milhões de habitantes, sendo 93% nomeadamente católica. Para cuidar desse “rebanho”, existiam apenas 250 bispos, 12.500 padres (40% deles, estrangeiros) e, em torno de, 4.600 paróquias.

Os motivos de tamanha defecção no clero católico, na avaliação de Martina (1997), não teve nenhuma ligação direta com o Concílio. Ao contrário, foram

²⁸ Sobre a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, cf. Alves (2005).

consequências de fenômenos que abrangem toda a sociedade moderna, variando entre questões de ordem afetivas, perdas de valores fundamentais ao sacerdócio, esvaziamento espiritual, secularização, frustrações intelectuais ou disciplinares, contestação e rejeição à Igreja-instituição, ou mesmo discordância das regras e normas sacerdotais e/ou institucionais (*Ibidem*, p. 326). Nessa interpretação, a crise teria acontecido concomitantemente ao Concílio, porém, não como efeito das renovações conciliares.

De outro modo, conforme também atestou Dom Lélis Lara, redentorista e bispo emérito da Diocese de Itabira-MG:

[...] qualquer mudança profunda gera crise, mas a gente deve dizer que a crise não foi provocada pelo Concílio, a crise aconteceu junto com o concílio. O concílio veio estabelecer uma nova caminhada para a Igreja, abrir as janelas e as portas da Igreja, escancará-la para o mundo. Não é que o concílio tenha provocado isso. Interpretaram mal o Concílio Vaticano II, em muitas coisas. A crise foi um fenômeno daquele período. As pessoas não estavam preparadas para viver nesse novo tempo²⁹.

De fato, é pertinente dizer que a crise não foi provocada pelo Vaticano II, mas não podemos isentá-lo totalmente. Esse fenômeno que atingiu o catolicismo pós-conciliar tem raízes em problemas próprios da dimensão secular da sociedade novecentista dos quais o clero não estava imune. Ao contrário, “quando a Igreja abandonou a era tridentina e se lançou de cabeça na modernidade, o clero e os seminários foram arrastados para um turbilhão” (Serbin, 2008, p. 156), ficando mais vulneráveis aos conflitos sociais e existenciais frutos daquele contexto.

Além disso, as transformações conciliares também promoveram uma “mudança profunda de perspectivas no ministério presbiteral”, o que gerou um “período de alteração da imagem e do papel dos presbíteros, com consequentes reflexos de incerteza para as pessoas, especialmente os próprios padres e os seminaristas” (CNBB, 1975, p. 5). Para Augustin Wernet, muitos alimentaram a esperança de que o *aggiornamento* apresentasse “soluções efetivas para todos os problemas religiosos, eclesiais e pastorais do mundo moderno” (Wernet, 1997, p. 40). Esperava-se um “milagre” que não aconteceu.

Isto é,

²⁹ Em entrevista concedida a Reinaldo Azevedo Schiavo, em Coronel Fabriciano-MG, em 16 de dezembro de 2009. Arquivo Digital (38 min.).

[...] com o tempo, decepções cederam lugar às expectativas e certo desespero seguiu-se às esperanças; decepção e insegurança daqueles que se apegavam demasiadamente às tradições; decepção e frustração daqueles que apostavam demais nas inovações; desespero dos que esperavam o 'milagre' (*Ibidem*).

Entremeio à *tradição* a ser preservada e às *inovações* a serem assimiladas, instaurou-se um espaço de embates que colocou em disputa o perfil da vida sacerdotal a ser constituída e o processo de formação das novas vocações. Assim, sob forte influência do Concílio Vaticano II, costumes e práticas religiosas, bem como toda uma vivência eclesial, entraram em processo de transformação, e os religiosos mais adeptos às inovações se dedicaram com “certa predisposição” a esse processo (Wernet, 1997, p. 225). Por outro lado, aqueles mais *tradicionalistas*, geralmente receosos ou mesmo resistentes, “entendiam talvez intelectualmente as propostas inovadoras, mas tinham dificuldades de assimilá-las inteira e existencialmente” (*Ibidem*).

De todo modo, alterar hábitos e costumes centenários é um processo árduo, ainda mais quando questões consideradas por muito tempo imutáveis e inabaláveis começam a se transformar. Por exemplo, a rigidez da vida conventual se tornou mais flexível, o uso indispensável da batina, aos poucos, foi substituído pelo clergyman e trajes civis, os instrumentos e práticas de penitência e mortificação caíram em desuso e até mesmo a introdução de “música profana” no repertório das celebrações, tudo isso era, em alguma medida, causa de estranheza e conflitos. Nas lembranças de Dom Lélis Lara:

[...] as gerações de religiosos e eclesialistas anteriores ao segundo Concílio Vaticano não receberam formação adequada aos novos tempos. Muitas vezes essa formação era condicionada pelas estruturas da vida clerical e religiosa. Essas estruturas ruíram. Acresce que o que era estático se abalou, muitos valores considerados absolutos se relativizaram e, então, numerosos sacerdotes e religiosas não tiveram condições ou oportunidade de passar por uma reciclagem que os adequasse às novas modalidades de vida eclesial e religiosa (Lara, 1995, p. 36).

O Concílio Vaticano II buscava enfatizar a importância do leigo dentro da Igreja. Para Fasutino Teixeira (1988), a valorização do leigo era um dos elementos mais fundamentais desse Concílio. Em suas palavras:

[...] pode-se dizer que a valorização do leigo talvez seja um dos elementos mais importantes propiciados pelo movimento de

renovação teológica da eclesiologia e legitimado pelo Concílio II. Este último opera de fato um grande desbloqueio, favorecendo uma nova compreensão da Igreja, menos triunfalista e mais dinâmica: Igreja Povo de Deus. Grande parte das experiências das CEBs iniciaram-se a partir do impulso proporcionado pelo Vaticano II (*Ibidem*, p. 235).

Isso aparece na Constituição Dogmática, elaborada pelo Concílio, intitulada *Lumen Gentium* (1964), que, entre outras coisas, destaca a importância da valorização dos leigos:

Por seu lado, os sagrados pastores devem reconhecer e fomentar a dignidade e responsabilidade dos leigos na Igreja; recorram espontaneamente ao seu conselho prudente, entreguem-lhes confiadamente cargos em serviço da Igreja e dêem-lhes margem e liberdade de acção, animando-os até a tomarem a iniciativa de empreendimentos. Considerem atentamente e com amor paterno, em Cristo, as iniciativas, pedidos e desejos propostos pelos leigos (118). E reconheçam a justa liberdade que a todos compete na cidade terrestre³⁰.

O novo posicionamento católico propiciava, pelo menos em tese, uma aproximação entre dois grupos distintos no campo religioso católico, quais sejam: o clero, detentor de *domínio erudito* de um conjunto de normas e conhecimentos explícitos sistematizados por especialistas pertencentes a uma instituição responsável por reproduzir o capital religioso; e os leigos, que teriam um *domínio prático* de um conjunto de esquemas de pensamento, adquiridos por familiarização, comuns a todos os membros dos grupos (Bourdieu, 2005).

O clero e os leigos trabalhariam em conjunto para difusão dos ideais católicos. Os leigos ganhavam maiores espaços de atuação, mas suas ações permaneciam sendo administradas e geridas por *corpus* de especialistas das gestões dos bens de salvação, em geral, representados por padres e bispos.

Uma vez que a ênfase na separação simbólica entre os sacerdotes, agentes institucionais detentores do saber religioso, e os leigos sempre foi um dos pilares do catolicismo (Bourdieu, 2005), a valorização do leigo era representativa das transformações na Igreja Católica. Por mais que essa separação simbólica não tenha deixado de existir, entra em cena a ideia de que os membros da hierarquia e os leigos são corresponsáveis pela instituição. E mais, o fato de que leigos poderiam gerir atividades religiosas em nome da instituição – muito embora isso não tenha sido

³⁰ Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, capítulo IV, Os Leigos. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 20 ago. 2019.

colocado plenamente em prática – é algo significativo. Em alguma medida, ecoa em duas narrativas de memória: uma saudosista, que narra esse passado como uma abertura da Igreja à atuação do leigo; e outra mais traumática, que entende a suposta abertura aos leigos como uma forma de constrangimento e ameaça à tradicional condição de dominação dos sacerdotes, enquanto agentes especializados.

As ordens e congregações religiosas foram as mais atingidas pela crise. Redentoristas, franciscanos, salesianos, carmelitas, todos eles, em alguma medida, foram afetados. Para a Companhia de Jesus, por exemplo, os efeitos ganharam tamanha proporção a ponto de haver uma intervenção direta do papado de João Paulo II, em 1981, através do “comissariamento” da Companhia. Isto é, a nomeação de um “delegado pontifício” com autoridade máxima para conduzir o processo de reorganização desse instituto, promovendo mudanças na cúpula administrativa e substituição de vários provinciais. Somente em 1983 os jesuítas puderam reunir uma nova “congregação geral” e eleger um novo Governo Geral (Martina, 1997, p. 341-342).

Um exemplo categórico aconteceu com a Província Redentorista do Rio de Janeiro, que sofreu uma redução significativa no número de confrades. Em 1960 eles contavam com um contingente de 162 membros entre padres e irmãos (Leite, 2003, p. 96), dez anos mais tarde já estavam reduzidos a 92 (Wernet, 1997, p. 51). Anos turbulentos foram vividos pela congregação quando a crise de vocações desencadeou um enfraquecimento das atividades missionárias e a supressão de muitas de suas fundações.

Já em Minas Gerais, em Congonhas do Campo, o Juvenato de São Clemente e o Juniorato de Santo Afonso cessaram suas atividades em 1964, mas a presença dos redentoristas nessa cidade perdurou até 1975, quando devolveram à Arquidiocese de Mariana a administração da paróquia local e do Santuário do Senhor Bom Jesus. Em 1965 foi a vez do Noviciado de Correia de Almeida fechar suas portas; três anos depois, sob os reflexos financeiros da crise, a Província vendeu suas instalações – abaixo do valor venal do imóvel, segundo consta em Wernet (1997, p. 12) – findando em definitivo a presença daqueles confrades em Barbacena. Os Junioratos de Santa Terezinha em Três Corações e São José em Três Pontas fecharam simultaneamente em 1968, e o Seminário Maior da Floresta, em Juiz de Fora, onde aconteciam os cursos de Filosofia e Teologia, foi se extenuando até ser transformado, no início dos anos setenta, em uma casa de encontros e retiros

(Província do Rio de Janeiro, s. d.).

O fechamento de todos os seus seminários reflete a intensidade da crise na Província do Rio de Janeiro e sinaliza os seus reflexos no processo católico de formação sacerdotal. No Vaticano II, o decreto intitulado *Optatum Totius* (1965) foi importante fonte de argumentos para a revisão do modelo católico de formação vigente até então. A partir dele, ficou estabelecido que as instituições católicas de cada país poderiam ter métodos próprios de ensino. Embora houvesse fiscalização, isso afrouxava a europeização do catolicismo nacional e permitia algumas inovações, como consentir “aos seminaristas viver em pequenas comunidades, estudar as ciências sociais e ter mais contato com o laicato” (Serbin, 2008, p. 163).

Setores da Igreja Católica, mais engajados no propósito de renovação da instituição, acreditavam viver um momento em que a instituição precisava se modernizar. Assim, o Concílio Vaticano II foi o evento dedicado a oficializar e legitimar tal intento. A formação de um catolicismo mais presente na vida dos fiéis era uma questão central; não obstante, no Concílio, “os párocos, particularmente, receberam pouca atenção. Viram-se entalados entre a tradição e a modernidade. Permaneciam como mediadores entre Deus e os fiéis, mas tinham a obrigação de descer ao nível do povo” (Serbin, 2008, p. 163).

Para o historiador, a eminente transformação gerava uma “tremenda incerteza quanto aos papéis do clero e mergulharam os padres católicos de todas as partes em uma das mais profundas crises da história da religião” (*Ibidem*). O grande número de padres que deixaram suas atividades, bem como a evasão de seminaristas tinha uma relação direta com a efervescência política da década de 1960. Entretanto, as transformações nas práticas católicas não eram menos importantes. Padres atuavam de forma diferente, mas ainda era muito obscuro como essas transformações se dariam. Vejamos o relato do Monsenhor Raul sobre a crise ocorrida na Diocese de Caratinga em meados da década de 1960:

As turmas do meu tempo foram as que mais pegaram essas mudanças completas, muitos padres deixaram o ministério, inclusive da minha turma me parece que mais de 10 deixaram, porque você estuda pra uma coisa e logo depois vêm mudanças tão drásticas. Foi depois do Concílio que aconteceu isso, depois do Concílio que a gente via muitos leigos pregar à frente da coisa, aí muitos padres pensaram: “O que eu vou fazer mais”, os leigos já fazem tudo, até batizados já fazem, então foi uma crise no mundo inteiro³¹.

³¹ Em entrevista concedida a Fabrício Roberto Costa Oliveira. Caratinga-MG, em janeiro de 2011.

O poder dos padres foi criticado por jovens estudantes formados no contexto do Vaticano II; muitos deles tiveram muito contato com as ciências sociais e compartilhavam uma visão crítica em relação às formas de poder da Igreja Católica. No final da década de 1960, Ivo Poletto, que mais tarde se tornou nome importante na CPT, afirmou ao seu bispo que era contrário ao celibato, lutaria contra e estava disposto a abandonar o sacerdócio quando não conseguisse mais viver em castidade. Frei Betto, conhecido militante da Igreja Católica, recusou Ordens Sacras de sua instituição, afirmando que o sacramento era o primeiro passo para o poder da Igreja Católica e estava convencido de que o poder tendia a corromper. Além disso, afirmou que “a prioridade não era mais sacramental, e sim evangélica, ele poderia muito bem continuar a evangelizar sem ser ordenado padre” (Serbin, 2008, p. 156). Na interpretação de Serbin (2008), tudo isso se configurava como um grande paradoxo e reflexo do momento de crise: jovens seminaristas apresentando publicamente um conjunto de críticas depreciativas à função sacerdotal, ocupação que se preparavam para exercer.

Nesse mesmo contexto, o seminário da Diocese de Caratinga também foi afetado pela crise, cogitando-se, inclusive, encerrar suas atividades. Segundo o editorial da revista Diretrizes, baseado numa pesquisa de um historiador de Caratinga-MG, o sumiço de candidatos “trouxe grande decepção aos que se empenharam na obra, apostando numa tendência de crescimento das vocações sacerdotais” (Cardoso, 2009, p. 10). Algo similar aconteceu com muitas casas de formação católicas pelo Brasil a fora. Quiçá, com a maioria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1960 foi um contexto histórico de profundos debates políticos e intelectuais em todo mundo. A conjuntura política de *Guerra Fria*, protagonizada pelos Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) favorecia um enorme clima de tensão e as manifestações daquele contexto são reflexos que, ao mesmo tempo, retroalimentaram tal cenário.

A Igreja Católica procurava, na ocasião, discutir suas estratégias e formas de

“diálogo com o mundo”, numa conjuntura de intensas manifestações e transformações. Uma das questões que já estava em debate era a dificuldade que a instituição tinha em atender à demanda dos leigos em função de uma limitada presença de sacerdotes.

A carência de sacerdotes era uma questão muito importante mundialmente. Ao tentar solucionar esta questão, a instituição procurou potencializar a presença leiga. Paradoxalmente esta iniciativa culminou no desinteresse de jovens em se tornarem sacerdotes. Tendo em vista que, a partir do Concílio Vaticano II, os leigos poderiam fazer “quase tudo”, não haveria mais a mesma relevância simbólica se tornar padre. Também se tornava difícil enveredar por uma formação cuja função e modos de atuação, na Igreja e na sociedade, estava em debate.

Nosso trabalho demonstra que havia também grande apreensão dos próprios religiosos e eclesiásticos que já estavam formados, pois a estrutura em que se formaram estava sendo revista. Assim, como visto, esse cenário de transformações se tornou um contexto de insegurança para os padres já estabelecidos, além de uma incerteza enorme para que novas candidaturas aparecessem nos seminários.

A memória dos agentes que viveram este contexto demonstra que foi um período de enorme tensão e mesmo de decepção para aqueles que tanto atuaram na construção e manutenção de seminários para receberem novos candidatos ao sacerdócio.

REFERÊNCIAS

AARÃO REIS FILHO, Daniel. **Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ALBERIGO, Guiseppe. **Breve História do Concílio Vaticano II**. Aparecida, SP: Ed. Santuário, 2006.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964 - 1984)**. 2 ed. Bauru, SP: Editora Edusc, 2005.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

BERGER, Peter L. **O Dossel do Sagrado**. São Paulo: Editora Paulinas, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 6 ed. São Paulo:

Perspectiva, 2005.

CARDOSO, Léssio Lima. Mobon: uma casa que fez história. **Diretrizes - Revista da Diocese de Caratinga**, Caratinga, –n. 809, fev. 2009.

CASANOVA, José. **Public Religions in the Modern World**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil 1975-1978**. São Paulo: Paulinas, 1975 (Documento da CNBB, 4).

CORDEIRO, Janaina Martins. **Diretas em Movimento**: A campanha da mulher pela democracia e a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso; SOARES, Glauco Ary Dillon. **Visões do Golpe**: a memória militar de 1964. São Paulo: Ediouro, 1994.

DEBORD, Guy-Ernest. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GUARNACCIA, Matteo. **Provos**: Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad, 2004.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX, 1914 - 1991. Tradução de Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KURLANSKY, Mark. *1968. O ano que abalou o mundo*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2005.

LARA, Dom Lelis. Província do Rio de Janeiro. **Intercâmbio**, n. 112, 1995.

LEITE, João Boaventura. **Pequena História do Governo (vice) Provincial Redentorista no Leste Brasileiro**. Juiz de Fora, 2003.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja**: de Lutero a nossos dias. São Paulo: Edições Loyola, 1997. v. 4 (A era contemporânea).

MATA, Sérgio da. Religião e modernidade em Ernst Troeltsch. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 235-255, 2008.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto da Costa; SCHIAVO, Reinaldo Azevedo. Concílio Vaticano II: memórias da crise de vocações. **InconΦidentia**, v. 3, n. 6, p. 72-87, jul./dez. 2019.

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO. **Relato das Crônicas do Início das Casas Redentoristas, mesmo daquelas que já foram supressas**. Juiz de Fora, sem data.

Texto de circulação interna.

SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da Igreja Católica no Brasil. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. **Do Vaticano II a um Novo Concílio?** O olhar de um cristão leigo sobre a Igreja. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

TEIXEIRA, Faustino Luis Couto. **A Gênese das CEBs no Brasil**: elementos explicativos. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

WEBER, Max. **Ensaaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.

WERNET, Augustin. **Os Redentoristas no Brasil**. Aparecida, SP: Santuário, 1997. v. 3.

O DIABO NÃO É TÃO FEIO QUANTO PINTAM: ALIANÇAS E RUPTURAS DA IURD COM A ESQUERDA BRASILEIRA

Caio César Nogueira Martins

Pesquisador, licenciado em Ciências Sociais pela UEMG, bacharel em Ciência Política pelo UNINTER e em Direito pela UNIPAC, mestre em Ciência da Religião pelo PPCIR-UFJF, doutorando pelo PPGCSO-UFJF, e-mail: caio_martins.007@hotmail.com.

RESUMO

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é uma instituição religiosa brasileira que além de se destacar pelos serviços religiosos, possui forte atuação na esfera da política institucional, mantendo estreitas relações com diferentes governos presidenciais desde 1989. Neste contexto, objetivamos analisar o tratamento conferido aos políticos e as agremiações partidárias de esquerda pela IURD ao longo dos anos, com especial ênfase no relacionamento da instituição com Lula e o Partido dos Trabalhadores (PT). Metodologicamente optamos por realizar ampla revisão bibliográfica, bem como análise do conteúdo publicizado pelo jornal Folha Universal. Resultados indicam que a igreja vem adotando uma postura ambígua e pragmática, marcada por alianças e rupturas, ora demonizando os representantes da esquerda, ora se aliando a eles.

Palavras-chave: Esquerda; IURD; Neopentecostalismo; Política; Religião.

ABSTRACT

The Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) is a Brazilian religious institution that, in addition to standing out for its religious services, has a strong presence in the sphere of institutional politics, maintaining close relations with different presidential governments since 1989. In this context, we aim to analyze the treatment granted to politicians and left-wing party groups by the church over the years, with special emphasis on Lula and the Workers' Party. Methodologically, we chose to carry out an extensive bibliographical review, as well as an analysis of the content published by the newspaper Folha Universal. Results indicate that the church has been adopting an ambiguous and pragmatic stance, marked by alliances and ruptures, sometimes demonizing representatives of the left, sometimes allying with them.

Keywords: Left; IURD; Neo-Pentecostalism; Policy; Religion.

INTRODUÇÃO

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é uma instituição religiosa evangélica fundada no Brasil no ano de 1977. Tendo como máxima a frase: “Jesus Cristo é o Senhor”, a igreja iniciou suas atividades em um pequeno imóvel alugado no bairro da Abolição, subúrbio da zona norte do Rio de Janeiro-RJ. Com pouco mais de 45 anos de existência, a IURD conseguiu se expandir por todo o território nacional, contando com aproximadamente 1,9 milhões de seguidores apenas no Brasil, além de uma clientela flutuante que, embora não convertida oficialmente, frequenta seus templos em busca de serviços espirituais de cura e prosperidade³² (Mariano, 2014; Nascimento, 2019).

Teologicamente a IURD adere às principais doutrinas do pentecostalismo norte-americano, como a crença nos dons do Espírito Santo e no batismo, a conversão e libertação das garras do demônio, e o puritanismo de conduta. Além disso, o que a diferencia das demais instituições evangélicas é a propagação da ideia de exclusividade e eficácia nos serviços e nos meios de salvação dos fiéis, além da utilização exacerbada da mídia (jornal, rádio, televisão, internet) para propagandear seus rituais de cura e combate ao demônio (Oro, 2001).

Sobre o aspecto comportamental, a instituição chefiada pelo bispo Edir Macedo, é tida como uma das mais liberais quando comparada com outras igrejas pentecostais. Não impõe restrições quanto ao embelezamento feminino ou controles disciplinares quanto à conduta de seus fiéis. Entretanto, constantemente condena o uso de drogas, a homossexualidade e a promiscuidade, justificando esses males como sendo investidas do diabo na Terra.

A moral das igrejas evangélicas perpassa por certas normas que determinam como os indivíduos devem agir socialmente, com vistas a alcançar o reino dos céus. Entre as condutas esperadas, destacam-se a obediência às autoridades religiosas, o casamento heteroafetivo, o ato sexual exclusivamente com finalidade de procriação, o cultivo das virtudes e a negação dos vícios e, por fim, o empreendedorismo como meio de enriquecimento e vida plena no presente. Assim, a maior parte dos iurdianos

³² Nascimento (2019) aponta que, na época de seus estudos, a IURD afirmava possuir 7.157 templos espalhados pelo território nacional e outros 2.857 espalhados em outros 95 países em que marca presença. Outros dados relevantes apontados pelo autor são referentes ao quantitativo de bispos e pastores: 320.000 e 14.000, respectivamente.

tendem a adotar uma visão conservadora nos costumes e liberal na esfera econômica, posições ratificadas por meio da interpretação literal de trechos da Bíblia Sagrada por bispos, pastores e pelos fiéis (Freston, 1993).

Além de sua atuação religiosa, a IURD possui proeminência no âmbito político/eleitoral, sendo considerada uma das igrejas mais atuantes neste cenário. A inserção da instituição na política coincide com o processo de redemocratização do Brasil nos anos de 1980. Imperioso sublinhar que o interesse dos evangélicos em participar ativamente da vida política e, especialmente da lavratura da nova Carta Magna, justificava-se pelo receio do fechamento de templos religiosos, da banalização da família cristã – com a aprovação, por exemplo, do casamento entre pessoas do mesmo sexo – e da legalização irrestrita do aborto e das drogas, pautas comumente associadas pelos evangélicos ao comunismo e ao diabo. Não menos importante, temia-se o fim da laicidade do estado, com o eventual retorno do catolicismo como a religião oficial do país, nos moldes do período colonial e imperial. Tais preocupações são ratificadas nos trabalhos de pesquisadores como Freston (1993), Mariano (2014), Nascimento (2019) e Oliveira e Martins (2021).

Desde a primeira eleição direta para a Presidência da República no pós regime-militar, ocorrida em 1989, a cúpula da igreja do bispo Macedo vem declarando apoio a presidentiáveis e se alinhando aos ocupantes do Palácio do Planalto, independentemente do posicionamento ideológico (direita, centro ou esquerda) do mandatário eleito, conforme veremos adiante.

Frente ao exposto, neste capítulo apresentarei o ambíguo tratamento que a IURD tem conferido a esquerda brasileira, ora demonizando seus representantes, ora se aliando aos mesmos almejando a obtenção de benesses, com especial destaque dado ao PT e sua principal liderança, Luiz Inácio Lula da Silva.

O texto está dividido em quatro partes: 1) o posicionamento oficial da igreja durante a década de 1990; 2) o comportamento das lideranças da igreja durante os anos 2000, momento em que a esquerda chegou ao poder; 3) ascensão da extrema-direita e o aval de Edir Macedo ao governo de Jair Messias Bolsonaro; 4) a postura do bispo após a derrota de seus aliados no ano de 2022. Por fim, apresentarei as considerações finais.

A RELAÇÃO DA IURD COM A ESQUERDA DURANTE A DÉCADA DE 90

Durante a primeira eleição direta para Presidente da República no período pós ditadura civil-militar, deflagrada no ano de 1989, o bispo Edir Macedo e a cúpula de sua igreja apoiaram entusiasticamente o candidato Fernando Collor de Mello, um dos principais nomes da centro-direita, filiado ao nanico Partido da Reconstrução Nacional (PRN). A imagem de Collor, construída por seus marqueteiros de campanha e publicizada pela grande mídia, era a de um candidato que se eleito colocaria as finanças do país nos eixos, reduziria a inflação e combateria os altos salários do funcionalismo público, dos chamados “Marajás”.

O maior oponente de Collor naquele pleito foi o líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva, fundador do PT. Vinculado ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, Lula havia sido eleito deputado constituinte em 1986 e, em 1989, candidatou-se ao cargo máximo do poder executivo. Como forma de frear o crescimento da intenção de votos do candidato da esquerda entre sua membesia, a mídia iurdiana propagandeava que caso Lula fosse eleito, que ele determinaria o fechamento da Universal, causando pânico moral nos fiéis e induzindo o voto em Fernando Collor (Oliveira; Martins, 2021).

Ambos os candidatos caminharam para o segundo turno das eleições, porém, na última semana do horário eleitoral, Collor usou o depoimento de Mirian Cordeiro para macular a imagem de seu opositor perante os cristãos. Mirian era uma ex-namorada de Lula que, na ocasião, o acusava de tê-la abandonado ao descobrir a gravidez da filha Lurian, e de a ter obrigado a interromper a gestação. O episódio foi fartamente explorado no último debate entre os candidatos organizado pela Rede Globo – que anos mais tarde, confessou que a edição do programa foi feita de maneira a favorecer Collor –, sendo exibido em rede nacional os momentos em que o candidato da centro-direita se saiu melhor³³.

Collor se sagrou vitorioso com 53,03% dos votos válidos. Comprando o discurso moralizador do presidente eleito, a bancada evangélica integrou o bloco de

³³ Em 2001 o diretor de jornalismo da Rede Globo, Armando Nogueira, afirmou em entrevista ao Memória Globo que houve manipulação do debate em 1989 e concluiu que a falha foi “um gol contra da TV Globo” e um “desserviço” à emissora. Em 2011, foi José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, ex-diretor geral da emissora, que também comentou o assunto em entrevista ao Dossiê GloboNews, admitindo o erro. Como disse, “Achei que estava desigual. Foi uma maneira de melhorar a postura do Collor”, revelando até o uso de suor falso em Collor para melhorar a imagem dele.

sustentação do governo, votando favoravelmente a boa parte das demandas encaminhadas pelo Executivo Federal (Nascimento, 2019).

No plano econômico Collor adotou as medidas recomendadas pelo Consenso de Washington³⁴, que consistiam na redução e racionalização dos gastos públicos, reforma tributária com intuito de aumentar a base de contribuintes e elevar a arrecadação, abertura comercial, desregulamentação da economia e o enxugamento do Estado através da política de privatização de empresas públicas. Além disso, valeu-se do controle de preços e do bloqueio dos saques nas cadernetas de poupança, como tentativas para o controle da inflação. O conjunto de intervenções na economia culminaram no sucateamento da indústria nacional, na queda do Produto Interno Bruto (PIB), no aumento dos índices de desemprego e na queda da massa salarial, principalmente nos grandes centros urbanos, locais de maior penetração da Universal (Pires, 2010).

Embora a IURD tenha apoiado sua eleição e dado sustentação a seu governo, Collor se manteve afastado de Edir Macedo desde a posse presidencial, inclusive causando descontentamento no bispo por permitir que a Universal fosse alvo de investigações que, em 1992, culminaram em sua prisão. Na ocasião, a liderança primaz da igreja foi acusada de curandeirismo, charlatanismo e estelionato.

No mesmo ano da prisão de Edir Macedo, o governo Collor começou a se esfacelar. Pedro Collor de Mello, irmão do então chefe do Executivo, fez sérias denúncias à *Revista Veja* sobre esquemas de corrupção envolvendo o então presidente e Paulo César Farias, o PC Farias, ex-tesoureiro de campanha e homem de confiança de Fernando Collor. O avanço das investigações foi suficiente para macular a imagem do presidente e culminar no seu *impeachment* em outubro daquele ano. Além das acusações de corrupção e tráfico de influência, o presidente era apontado como participante de uma seita satânica que realizava sacrifícios de animais em devoção a entidades das trevas, e que franqueava o acesso de mães-de-santo à Casa da Dinda – residência do político em Brasília –, para a realização de trabalhos espirituais (Burckhardt, 2014; Paula, 2021).

³⁴ O Consenso de Washington consiste em uma série de reuniões realizadas na capital dos Estados Unidos, envolvendo os dirigentes do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento e do Tesouro dos Estados Unidos, além de políticos e economistas latino-americanos (Pires, 2010).

Ante as denúncias criminais, agravadas pelas acusações de cunho religioso, os parlamentares evangélicos desembarcaram do governo e apoiaram a destituição do chefe do Executivo. Edir Macedo não demorou em explicar espiritualmente a queda do presidente. Segundo ele, ao dificultar novas concessões de rádio e TV e evitar a proximidade com a IURD, Collor havia ido contra um “ungindo de Deus”, o que gerou sua queda (Mariano, 2014).

As promessas de campanha de Collor não se concretizaram e o país naufragou em uma profunda crise política e econômica, marcada pela descrença da população no Poder Executivo, com a moeda desvalorizada e altos índices de inflação e desemprego, o que corroborou para que Itamar Franco, vice-presidente, fosse alçado a chefe do Executivo e renovasse o gabinete ministerial em seu governo.

Na seara econômica, o presidente substituto convidou o sociólogo Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP) para ser o novo Ministro da Fazenda, incumbindo-lhe de coordenar a equipe de criação de um novo plano econômico, o Plano Real. Era a sétima tentativa de estabilização da moeda em mais de dez anos de luta contra os altos índices inflacionários. Tendo como sua matriz o plano de estabilização econômica implementado na República de Weimar para conter a hiperinflação alemã entre os anos de 1923 e 1924, o Plano Real conseguiu reduzir uma inflação anual de 2.500%, para menos de 10%. Todavia, o ônus da estabilidade econômica perpassava pela alta taxa de juros, necessária para atrair o capital estrangeiro, a redução significativa dos gastos do Estado e a implantação de uma disciplina fiscal rigorosa, capaz de produzir superávits orçamentários para garantir o pagamento dos juros da dívida externa (Pires, 2010).

O sucesso inicial do plano no controle da inflação e no fortalecimento da moeda brasileira fez de FHC um natural e forte candidato à sucessão de Itamar ao Palácio do Planalto, sendo o candidato do governo nas eleições de 1994.

Naquele ano de 1994, a cúpula da igreja de Edir Macedo optou por dar apoio a FHC. A parceria entre os iurdianos e o candidato foi selada pelo bispo Carlos Rodrigues, coordenador político da igreja e emissário do bispo Macedo, sob a condição de que, caso eleito, o presidente não interferisse no crescimento da Universal. O receio de Macedo era que o peessedebista revisse as concessões de

rádio e TV adquiridas pela IURD, em especial a da TV Record (Nascimento, 2019; Paula, 2021)³⁵.

Assim como na eleição anterior, Macedo e as lideranças de sua igreja continuaram achincalhando os candidatos da esquerda, com especial foco na desmoralização de Lula perante o segmento evangélico, já que o petista se candidatara a Presidente da República novamente. As mídias iurdianas, em especial o jornal *Folha Universal*, trabalharam fortemente para convencer os fiéis da igreja de que Lula era vinculado ao comunismo, à Igreja Católica e ao Candomblé, associados no imaginário evangélico aos empreendimentos do diabo na Terra. Não menos importante, a IURD utilizou sua estrutura midiática para acusar o PT de pretender legalizar o aborto e o casamento homoafetivo, questões que ferem de morte os preceitos da moral evangélica (Paula, 2021; Oliveira; Martins, 2021).

As previsões dos institutos eleitorais, em suas pesquisas realizadas às vésperas da eleição, que indicavam grande probabilidade de FHC se eleger presidente já em primeiro turno, confirmaram-se. O candidato obteve 54,24% dos votos válidos naquela eleição.

Durante os anos de seu primeiro mandato, Fernando Henrique Cardoso colheu os frutos da estabilidade econômica, gozou de prestígio tanto por parte da elite financeira, que se beneficiou com a elevada taxa de juros, quanto da classe trabalhadora, que comemorava o aumento no poder de compra da nova moeda. O governo também foi marcado pela adoção de novas recomendações do Consenso de Washington, tais como reforma jurídica e política, flexibilidade do mercado de trabalho e celebração de acordos com a Organização Mundial do Comércio (OMC). Todavia, a estabilidade da economia teve como consequência o aumento do endividamento externo, baixas taxas no crescimento interno, perda da competitividade nacional em razão da equiparação inicial do real ao dólar, aumento do índice de desemprego no país e da concentração de renda entre os mais ricos, novamente prejudicando os mais pobres (Pires, 2010).

³⁵ Em novembro de 1989, a Edir Macedo amealhou a *Rede Record*, emissora de propriedade do comunicador Sílvio Santos e da família Machado de Carvalho, façanha pouco comum para um pastor evangélico no Brasil. O negócio consistiu no pagamento de 45 milhões de dólares e a assunção de uma dívida próxima de 300 milhões de dólares, posteriormente quitada pela igreja. Mariano (2014) considera que parte da aquisição e pagamento das dívidas é fruto da campanha “Sacrifício de Isaac”, na qual pastores e fiéis doaram salários, carros e casas em prol dos empreendimentos de divulgação da palavra de Deus.

O governo de FHC contou com o apoio dos parlamentares evangélicos e, em contrapartida, concedeu e renovou concessões de rádio e TV a bispos e pastores. Foi durante o primeiro mandato de FHC que Edir Macedo obteve a regularização da concessão da Rede Mulher, posteriormente renomeada como Record News (Roldão, 1999; Paula, 2021).

Foi também durante o primeiro mandato de FHC que a igreja de Edir Macedo se viu envolta em um embaraço nacional. No feriado de 12 de outubro de 1995, dia dedicado a Nossa Senhora Aparecida, considerada a Padroeira do Brasil, o bispo Sérgio Von Helder, apresentador do programa “O Despertar da Fé”, chutou uma imagem de gesso da santa ao vivo e em rede nacional, criticando a adoração à imagens. O episódio causou indignação aos católicos e integrantes de outras denominações religiosas, contra a intolerância religiosa. Os veículos de comunicação exploraram fortemente o episódio, sobretudo, a Rede Globo. A exploração do assunto pelo canal de TV da família Marinho foi tamanha que necessitou da intervenção do então ministro das comunicações, Sergio Motta, para abrandar os ânimos entre as emissoras, uma vez a IURD utilizava a TV Record para revidar os ataques (Nascimento, 2019).

Há pouco menos de um ano antes da deflagração de novas eleições, integrantes do governo estudavam uma forma de permitir que FHC concorresse novamente à presidência do país. Legalmente o ordenamento jurídico não previa essa possibilidade, todavia, parlamentares governistas apresentaram ao Congresso Nacional o projeto de Emenda Constitucional nº 16, contemplando a possibilidade de reeleição do presidente da República, governadores de Estado e do Distrito Federal, e prefeitos para um único mandato subsequente. A medida foi aprovada em 4 de junho de 1997, tendo aplicabilidade para as eleições que ocorreria no ano seguinte³⁶.

Assim, em 1998 FHC disputou a reeleição presidencial, tendo Lula novamente como seu principal oponente. Entretanto, diferentemente do que ocorrera nas últimas eleições, os reiterados ataques ao candidato da esquerda e ao PT pela mídia e pelo clérigo da Universal foram praticamente extintos. A postura adotada pelas

³⁶ Em 16 de fevereiro de 1995 foi apresentada pelo deputado federal Mendonça Filho (PFL-PB) uma Proposta de Emenda à Constituição que visava permitir a reeleição do presidente da república, governadores de estado e prefeitos para um único mandato subsequente. De tramitação bastante lenta, a proposta só foi aprovada no ano de 1997.

lideranças da IURD naquele ano evidenciava certo descontentamento com o governo do peessedebista. Tal desgaste se dava por dois principais motivos. Primeiro, em razão do avanço de pautas ligadas ao aborto e aos direitos da população LGBT relacionadas ao Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-I), aprovado em 1996. Segundo, pelo fato de o governo não intervir nas operações de análise das contas bancárias, movimentações financeiras e declaração de bens da IURD e de membros da cúpula da igreja da Receita Federal e do Banco Central (Cruz, 2019; Nascimento, 2019).

Fernando Henrique novamente logrou êxito nas urnas, obtendo 53,06% dos votos válidos. Os parlamentares eleitos pela igreja continuavam a integrar a coalizão de apoio ao presidente, porém o segundo governo de FHC enfrentou crises como o agravamento dos índices de desemprego, o colapso no sistema energético, o endividamento do país com o FMI, os escândalos de corrupção envolvendo as privatizações de empresas públicas como a Vale do Rio Doce, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e a Telebrás, e denúncias sobre a suposta compra de parlamentares para a aprovação da Emenda Constitucional que permitiu a reeleição – eventos fortemente explorados pela grande mídia (Pires, 2010).

Esses fatos promoveram o desgaste da imagem do governo e do presidente, o que, conseqüentemente, foi transferido para o seu apadrinhado político ao Palácio do Planalto, o então ministro da saúde, José Serra (PSDB-SP), inviabilizando sua eleição. Nesse contexto, o apoio de Edir Macedo nas eleições de 2002 a um candidato vinculado a FHC dificilmente seria benéfico para seus projetos, fato este que justifica a retomada da aliança da igreja com seus antigos inimigos, Lula e o PT, conforme veremos mais adiante.

Conforme apontamos, durante a década de 1990 a IURD adotou uma postura visando a demonização da esquerda, com especial foco no PT e em sua principal liderança, Lula. Todavia, importante ter em mente que o esgotamento do modelo neoliberal não apenas na Europa, mas também nos países da América Latina culminou em uma onda de governos chefiados por políticos de esquerda. Esse fenômeno internacional, atrelado às crises do governo FHC, fez com que a IURD mudasse suas estratégias político/eleitorais, aliando-se a esquerda, para seguir garantindo benesses à igreja e aos empreendimentos de sua cúpula. A seguir, abordarei a aliança da IURD com o PT durante os anos 2000.

A ALIANÇA ENTRE A IURD E A ESQUERDA NOS ANOS 2000

Após três derrotas consecutivas – 1989, 1994 e 1998 –, Lula já não era o mesmo político de outrora. Durante a campanha eleitoral de 2002 o candidato petista passou a apresentar um discurso mais moderado, sinalizando que não haveria mudanças drásticas na condução da política econômica do país caso fosse eleito, o que tranquilizava a elite econômica brasileira. Assim, o candidato antes associado ao diabo passava a contar com a simpatia da classe empresária e atraía o apoio de lideranças religiosas, sendo vendido por seus marqueteiros como um homem oriundo do povo, comprometido com as causas sociais e com a ética na política (Oliveira; Martins, 2021).

No primeiro turno das eleições ocorridas no ano de 2002, a IURD apoiou a candidatura do evangélico presbiteriano Anthony Garotinho (PSB/RJ), que ficou em terceiro lugar. No segundo turno, a IURD optou por apoiar Lula, antigo desafeto da igreja.

A literatura especializada aponta que o deputado federal bispo Rodrigues (PL/RJ), homem de confiança de Macedo e de muito prestígio dentro da Universal, foi um importante articulador da aliança entre a igreja, Lula e o PT³⁷. Outro importante intermediário desta aproximação foi o criminalista Márcio Thomaz Bastos, amigo da liderança petista e advogado do bispo Macedo no episódio de sua prisão em 1992 (Cruz, 2009; Nascimento, 2019).

Sob a promessa de gerar 10 milhões de vagas de emprego em quatro anos, Lula foi eleito com 61,27% dos votos válidos. Seu primeiro governo foi marcado por grandes avanços no âmbito das políticas econômicas e sociais. O presidente buscou fortalecer as universidades federais e as empresas nacionais estratégicas como a Petrobras e a Eletrobras, além de promover a liberalização do mercado de capitais e a eliminação da burocracia para a criação e desenvolvimento de novos negócios, facilitando o empreendedorismo. O aprimoramento e expansão dos programas de distribuição de renda e a universalização do acesso ao ensino superior foram o carro-chefe de sua popularidade, inclusive recebendo o aval da bancada evangélica.

³⁷ A aliança entre PT e PL resultou na chapa formada por Lula (PT/SP) e o empresário José Alencar (PL/MG). Nascimento (2019) aponta que Alencar era católico, mas frequentemente participava de reuniões de orações com o bispo Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo.

A IURD não demorou a amearhar frutos de seu apoio ao político, pois Lula manteve e ampliou as concessões de rádio e televisão da igreja, bem como sancionou a Lei nº 10.825/2003, que garantiu personalidade jurídica de direito privado às instituições religiosas no país, expressamente vedando ao poder público negar reconhecimento ou registro dos atos constitutivos e necessários a sua criação e funcionamento (Paula, 2021).

Embora o governo do petista gozasse de grande prestígio por parte da população, escândalos envolvendo o pagamento de mesadas a parlamentares e a lideranças de diversos partidos em troca de apoio no Congresso Nacional resultaram em uma grave crise política³⁸ e na exoneração de importantes nomes ligados ao Presidente como Antônio Palocci (Ministro-chefe da Casa Civil) e José Dirceu (Ministro da Fazenda) (Nascimento, 2019).

A crise política instalada no governo resvalou na cúpula iurdiana. O bispo Rodrigues, coordenador político da igreja e deputado federal filiado ao PL, foi acusado de receber mensalmente valores em dinheiro para votar a favor das pautas do governo, sendo destituído do cargo de bispo e tendo renunciado ao mandato parlamentar em 2005 (Zampier, 2012).

Mesmo diante dos escândalos de corrupção, a reputação e popularidade de Lula permaneceram incólumes. Lula afirmava desconhecer previamente as irregularidades em seu governo, atribuindo os escândalos a atos isolados de correligionários que se deslumbraram com a chegada ao poder. Assim, sob a promessa de continuidade dos programas sociais de seu primeiro mandato, no ano de 2006 Lula disputou novamente o cargo de chefe máximo do Executivo Federal, obtendo 60,83% dos votos válidos e derrotando o peessedebista católico Geraldo Alckmin (Nascimento, 2019). O petista continuou gozando do apoio dos iurdianos.

Foi no ano de 2007 que Edir Macedo inaugurou a Record News, emissora de TV com ênfase em telejornalismo, pertencente ao Grupo Record. O projeto da nova emissora buscava concorrer diretamente com a GloboNews, pertencente à família Marinho. A inauguração do canal contou com a presença do Presidente Lula.

³⁸ Segundo Darie (2018) o escândalo do Mensalão foi um esquema de corrupção descoberto no ano de 2005 que consistia no pagamento de propinas mensalmente a diversos partidos políticos e parlamentares para darem sustentação ao governo do então presidente Lula.

Figura 1 – Cerimônia de inauguração da Record News



Fonte: Google (2007).

Importante peça dentro dos governos Lula foi a economista Dilma Rousseff (PT/RS). Ao passar pela chefia dos ministérios das Minas-Energia e da Casa Civil, tornou-se a candidata apadrinhada pelo Presidente para sucedê-lo nas eleições de 2010. Dilma era propagandeada pelo governo como a natural sucessora de Lula, em razão de sua competência e trabalhos prestados ao país. Vítima dos porões da ditadura, a primeira mulher que ocuparia a presidência se ancorava nos altos índices de aprovação dos governos petistas.

Sob a promessa de continuidade dos governos de Lula, Dilma era noticiada explicitamente pela mídia iurdiana como a representante da moral evangélica. Jardim (2016) aponta que os veículos de comunicação da Universal eram constantemente acionados, seja para defender a candidata ou atacar seus opositores. A título de exemplo, o pesquisador ilustra sua pesquisa com a contracapa da edição nº 969 do jornal *Folha Universal*, onde o senador Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo, assinou um artigo intitulado “7 razões para votar em Dilma” (Figura 2), explicitando o apoio da igreja a petista.

Figura 2 – Artigo publicado na *Folha Universal* por Marcelo Crivella em apoio à candidatura de Dilma Rousseff

ponto final De 11 de outubro a 6 de novembro de 2010 - Nº 949 - folha Universal

ARTIGO
Senador Marcelo Crivella

7 RAZÕES para votar em DILMA

- 1 "Deus envia as crises às vezes para emergências, as salvas e salva as coisas fracas do mundo para emergências as fortes" (1 Coríntios 1:27), como nas histórias do presidente Lula e do bispo Rildo Macedo. Eles vieram do pó, foram julgados e perseguidos pelas elites do País e cresceram com a força do povo.
- 2 Dilma vai prosseguir o governo de Lula, que já tem 24 milhões de brasileiros da pobreza. Nunca um governo conseguiu reduzir tanto a desigualdade entre ricos e pobres.
- 3 A população corrente tem hoje mais do que comia na mesa tem dignidade. Além da ajuda direta dos programas sociais do governo Lula, o povo ganhou emprego. Mais de 15 milhões de vagas foram criadas. Isso precisa continuar.
- 4 Dilma é respeitada no exterior por sua competência ministrada durante o governo Lula. Ajudou a desobter a autoestima dos brasileiros com a descoberta de novas reservas de petróleo e com as conquistas da Olimpíada e da Copa do Mundo.
- 5 Combate como ninguém o PAC que é o maior programa de obras da história do País. Nossa economia está firme. Por isso na última eleição os primeiros a sair da maior crise econômica das últimas décadas. Quem por outro candidato é correr o risco de jogar fora todas as conquistas do povo brasileiro.
- 6 É hora de uma mulher no governo. Tem as características de torres na sua luta por justiça e liberdade nos tempos da ditadura. Aprendeu na pele o que é democracia.
- 7 Vai governar respeitando as igrejas de todos as denominações e a liberdade de culto. Respeita os valores cristãos de defesa da vida e da família. Tem um compromisso pessoal em apoiar os ideais do Evangelho, princípio maior da Igreja Universal do Reino de Deus.



Fonte: Crivella (2010).

Quadro 1 – As sete razões para votar em Dilma segundo Marcelo Crivella

Motivo	Justificativa
1	“Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar as sábias e escolheu as coisas fracas para envergonhar as fortes” (Coríntios 1:27), como nas histórias do presidente Lula e do bispo Edir Macedo. Eles vieram do povo, foram julgados e perseguidos pelas elites do país e cresceram com a força do povo.
2	Dilma vai prosseguir o governo de Lula, que já tirou 24 milhões de brasileiros da pobreza. Nunca um governo conseguiu reduzir tanto a desigualdade entre ricos e pobres.
3	A população carente tem hoje mais do que comida na mesa, tem dignidade. Além da ajuda direta dos programas sociais do governo Lula, o povo ganhou emprego. Mais de 15 milhões de vagas foram criadas. Isso precisa continuar.
4	Dilma é respeitada no exterior por sua competência mostrada durante o governo Lula. Ajudou a devolver a autoestima dos brasileiros com a descoberta de novas reservas de petróleo e com as conquistas da Olimpíada e da Copa do Mundo.
5	Conhece como ninguém o PAC, que é o maior programa de obras da história do país. Nossa economia está firme. Fomos os últimos a entrar e os primeiros a sair da maior crise econômica das últimas décadas. Optar por outro candidato é correr o risco de jogar fora todas as conquistas do povo brasileiro.
6	É hora de uma mulher no governo. Tem as cicatrizes da tortura na sua luta por justiça e liberdade nos tempos da ditadura. Aprendeu na pele o que é democracia.
7	Vai governar respeitando as igrejas de todas as denominações e a liberdade de culto. Respeita os valores cristãos de defesa da vida e da família. Tem um compromisso pessoal em apoiar os ideais do Evangelho, princípio maior da Igreja Universal do Reino de Deus.

Fonte: Crivella (2010), adaptado pelo autor.

No segundo turno das eleições de 2010, Dilma obteve 56,05% dos votos válidos, derrotando o ex-governador paulista José Serra (PSDB/SP) e se tornando a primeira Presidenta do Brasil. Atendendo a uma demanda da bancada evangélica, que almejava maior espaço junto ao Poder Executivo, em 2012 Dilma Rousseff ofereceu o Ministério da Pesca e Aquicultura ao senador e bispo Marcelo Crivella, que permaneceu no posto até o ano de 2014, quando se desincompatibilizou para concorrer ao cargo de governador do Rio de Janeiro. Eduardo Lopes, pastor vinculado a IURD e suplente de Crivella no senado o substituiu no ministério até o final do mandato de Dilma Rousseff (Nascimento, 2019).

Assim como nos governos de seu padrinho político, o governo Dilma foi marcado por avanços sociais e escândalos sobre um esquema bilionário de corrupção na Petrobras – a Operação Lava Jato –, ocorrido durante os governos petistas, que envolvia cobrança de propina de empreiteiras, lavagem de dinheiro, evasão de divisas e superfaturamentos de obras públicas, tudo com intuito de abastecer os cofres de partidos políticos, funcionários da estatal e parlamentares. Não menos importante, no

ano de 2013 o governo foi surpreendido com inúmeros protestos contra a classe política e em defesa do Poder Judiciário, o que ficou conhecido como Junho de 2013. Todavia, mesmo com a imagem dilacerada pela mídia e a consequente diminuição de sua popularidade, Dilma e o PT optaram por novamente submeter o nome da presidenta ao crivo dos eleitores (Oliveira; Martins, 2021).

A eleição deflagrada em 2014 foi marcada pelo acidente aéreo que vitimou um dos candidatos – Eduardo Campos (PSB/PE) – e por uma acirrada disputa entre a esquerda e a direita. Diante do desgaste da então presidenta e da indefinição do cenário eleitoral, a IURD optou pela neutralidade (Jardim, 2016).

O segundo turno foi disputado por Dilma Rousseff e por Aécio Neves (PSDB/MG). Dilma obteve 51,64% dos votos válidos, logrando êxito em sua reeleição. Nas redes sociais se ventilava a possibilidade de fraude no processo de totalização dos votos, razão pela qual a coordenação de campanha de Aécio Neves formulou pedido de auditoria dos resultados (G1, 2014). Na prática, tal atitude suscitou dúvidas quanto a lisura do pleito e a integridade do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), instituição responsável por garantir a normalidade e transparência dos processos eleitorais no Brasil, acirrando ainda mais os ânimos entre governistas e oposicionistas.

Eleita para um segundo mandato, Dilma novamente deu espaço para integrantes da cúpula iurdiana, oferecendo o Ministério dos Esportes ao deputado federal e pastor George Hilton. Na época se tratava de uma pasta com grande visibilidade, tendo em vista que no ano de 2016 ocorreram os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (Nascimento, 2019).

O segundo governo da presidenta foi marcado pelo agravamento da crise política e pelo reconhecimento de um colapso econômico negados pela candidata durante todo o período de campanha. Ainda nos primeiros meses de mandato, Dilma era acusada pelos partidos de oposição e pela mídia de ter praticado estelionato eleitoral, ao passar aos eleitores um retrato da situação econômica muito diferente da realidade enfrentada pelo país, marcada pela queda no PIB e pelo elevado crescimento dos índices de desemprego, impactados, inclusive, pelos desdobramentos da Operação Lava-Jato, que culminaram na anulação de contratos com a iniciativa privada para realização de obras públicas.

A pressão midiática e o descrédito da população nas instituições políticas afetaram significativamente a popularidade da presidenta. Diversos pedidos de

impeachment foram protocolados no Congresso Nacional na tentativa de destituir Dilma, porém o seu maior algoz foi o peemedebista Eduardo Cunha (DIP, 2018).

O evangélico Eduardo Cunha (PMDB/RJ) se elegeu presidente da Câmara dos Deputados com o apoio de parlamentares do “Centrão” e da bancada evangélica, sem o aval do Palácio do Planalto. No ano de 2016 o deputado respondia a um processo no Conselho de Ética por suposta cobrança de propina para facilitar a exploração de petróleo pela Petrobrás na África. Frente à iminência da cassação de seu mandato, tentou articular votos com parlamentares petistas para sua absolvição, não logrando êxito na empreitada. Como medida de retaliação, Cunha acolheu a denúncia formulada pelos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior. e Janaína Paschoal por supostos crimes de responsabilidade contra a Lei Orçamentária praticados por Dilma (January Júnior, 2015; Nascimento, 2019).

Através da articulação de Cunha com partidos de oposição e do “Centrão”, no dia 17 de abril de 2016 a Câmara dos Deputados autorizou a abertura do processo de *impeachment* da presidenta. Tanto no Congresso Nacional quanto nas ruas e nas redes sociais parlamentares oposicionistas ao governo e cidadãos favoráveis ao afastamento da presidenta propagandeavam o slogan “tchau, querida”, em alusão a uma fala do ex-presidente Lula com Dilma em uma conversa telefônica interceptada pela Operação Lava-Jato e publicizada pelos principais canais de comunicação naquele ano³⁹.

Diferente do procedimento que destituiu Collor da presidência, no processo envolvendo Dilma houve o fatiamento da votação. Ou seja, primeiramente os senadores deliberaram sobre a cassação, e posteriormente votaram sobre a suspensão dos direitos políticos da presidenta afastada. Dilma recebeu 61 votos favoráveis à sua cassação e 20 contrários, não houve abstenções/ausências naquela votação. Posteriormente, os senadores decidiram favoravelmente à manutenção dos direitos políticos da ex-presidenta.

³⁹ No dia 16 de março de 2016, o juiz Sergio Moro retirou o sigilo de uma interceptação telefônica do ex-presidente Lula com a presidenta Dilma. Visando tirar Lula da jurisdição do magistrado, a presidenta enviou através de um emissário o termo de posse do petista como Ministro da Casa Civil. Na qualidade de ministro, Lula passaria a ter foro privilegiado e só poderia ser julgado pela Corte do Superior Tribunal Eleitoral (STF). Em decisão monocrática do Ministro do STF Gilmar Mendes, houve a suspensão da nomeação, sob a alegação de desvio da finalidade do ato administrativo (Nascimento, 2019).

Em reportagem veiculada na época, Marcos Pereira, presidente do Partido Republicano Brasileiro (PRB)⁴⁰, afirmou que os vinte e dois deputados federais de seu partido e o senador Marcelo Crivella haviam decidido, por unanimidade, votar a favor do *impeachment* de Dilma. Era o claro desembarque dos parlamentares iurdianos de um governo que estava se esfacelando. Pereira, além de uma importante liderança dentro da IURD, foi funcionário da *TV Record*, emissora de Edir Macedo (Gutierrez, 2016; G1, 2016).

Tanto o PRB quanto a Universal embarcaram no governo tampão de Michel Temer (PMDB/SP), sucessor de Dilma Rousseff. Prova disso foi o convite feito a Marcos Pereira para ocupar o ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, cargo que exerceu entre os anos de 2016 e 2018. O iurdiano chefiou a pasta pelo período de dois anos, pedindo demissão em janeiro de 2018 após ter seu nome mencionado nas investigações da Operação Lava-Jato. Pairavam sobre Pereira acusações de ter solicitado e recebido dinheiro ilegal para cobrir gastos referentes a campanha de 2014 (Nascimento, 2019).

Os protestos de rua em junho de 2013, a crise política e econômica agravada após as eleições de 2014, o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff em 2016 e os sucessivos escândalos de corrupção envolvendo diversos partidos políticos culminaram no fortalecimento da nova direita no Brasil, cujas principais bandeiras são o liberalismo econômico e o conservadorismo nos costumes (Almeida, 2019).

Não menos importante, os evangélicos, especialmente os pentecostais conservadores, consolidaram-se como novos atores políticos no cenário brasileiro, enveredando-se por duas frentes: a demonização da esquerda política, que luta pelos direitos das minorias, e a consolidação de uma direita cristã conservadora, que brada em defesa da estrutura familiar heteronormativa (Carranza, 2020), conforme veremos a seguir.

⁴⁰ Muito embora o antigo PRB, atual Republicanos, preocupe-se em relegar sua proximidade com a IURD e se mostrar um partido laico, a participação da igreja na legenda é notória desde a sua fundação. Grande parte dos membros da igreja que se candidatam a cargo público eletivo encontram-se filiados a agremiação política. Cerqueira (2021) tece que tanto a redação do estatuto do partido como o pedido de registro junto ao TSE ficaram a cargo do advogado e pastor Vítor Paulo Araújo dos Santos. Não menos importante, a escolha de Marcos Pereira como presidente da legenda, bem como a composição significativa dos cargos de direção do PRB por pessoas ligadas à igreja evidenciam as relações entre ambas as instituições (Gutierrez, 2016).

“BRASIL ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DE TODOS”: O APOIO DA IURD AO GOVERNO DO ULTRA-DIREITISTA JAIR BOLSONARO

No ano de 2018 ocorreu no país eleições para diversos cargos a nível estadual e federal. Importante destacar que se tratava de um momento significativo para a história política do país, pois marcava o restabelecimento da expressão da vontade popular nas urnas. Isso porque como já mencionado anteriormente, a presidenta Dilma Rousseff acabou destituída de seu segundo mandato presidencial em função de manobras jurídico-políticas que, embora previstas no texto constitucional, culminaram no desrespeito à escolha dos cidadãos manifesta nas urnas, e alçaram ao poder defensores de um projeto de país não referendado pela maioria dos eleitores nas urnas.

Naquele pleito houve uma grande incerteza quanto ao candidato petista que disputaria o Palácio do Planalto. Embora Lula figurasse como a preferência nacional entre os entrevistados pelos institutos de pesquisa, uma condenação criminal por corrupção passiva e lavagem de dinheiro proferida pelo juiz titular da 13ª Vara Federal de Curitiba, e confirmada pela 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, fez com que o candidato fosse preso e se tornasse inelegível por enquadramento na Lei da Ficha Limpa⁴¹. Já iniciada a campanha eleitoral, o partido optou por substituir a candidatura de Lula pela de Fernando Haddad (PT/SP)⁴².

⁴¹ Sergio Moro, titular da 13ª Vara Federal de Curitiba/PR, condenou Lula a nove anos e seis meses de prisão pela prática dos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro, sendo o ex-presidente acusado de receber um apartamento de alto padrão na orla da praia no Guarujá/SP como forma de pagamento pelo favorecimento da Construtora OAS em obras realizadas pela Petrobras. O processo movido pelo Ministério Público Federal (MPF) em desfavor de Lula era um desdobramento das delações premiadas obtidas pela Operação Lava-Jato, e ficou conhecido como “o caso do Triplex do Guarujá”. Lula foi preso em 7 de abril de 2018, o ex-presidente se entregou à Polícia Federal em ato político realizado próximo à sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, sediado na cidade de São Bernardo do Campo/SP. Em 9 de junho de 2019 foram publicadas pelo site *The Intercept Brasil* supostas conversas atribuídas ao juiz Sergio Moro e procuradores da Lava-Jato em grupo no aplicativo *Telegram*, sinalizando a existência de conluio entre o magistrado e os promotores de justiça para a condenação de Lula e demais investigados na operação. O ex-presidente foi solto no dia 8 de novembro de 2019, após o STF considerar inconstitucional a prisão de condenados pela justiça antes do trânsito em julgado da sentença criminal. No dia 8 março de 2021 o ministro do STF Edson Fachin entendeu que a condenação de Lula no caso do Triplex do Guarujá não guardava conexão com os desvios apurados na Petrobras pela Lava-Jato, declarando, portanto, incompetente o foro de Curitiba e reconhecendo a competência da Justiça Federal de São Paulo. Dessa forma, o ministro anulou a condenação imposta por Sérgio Moro ao ex-presidente Lula. A medida foi referendada pelo Plenário do STF em 15 de abril daquele ano. O petista recuperou seus direitos políticos, fato que possibilitou sua candidatura nas eleições de 2022 (Ibrahin, 2021; Stochero, 2021).

⁴² Fernando Haddad era vice na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva. Com o indeferimento do registro da chapa, o PT optou por formar a chapa Fernando Haddad e Manuela D’Ávila (PC do B).

Nesse mesmo passo, oportuno tecer que da mesma forma como políticos tradicionais da esquerda e aliados do PT tiveram sua imagem maculada pelos escândalos de corrupção como o Mensalão e o Petrolão, importantes quadros da direita que encamparam o processo de *impeachment* também acabaram envoltos em graves querelas, como o próprio presidente Michel Temer, acusado de receber propina de empresários do grupo empresarial JBS. Dessa forma, desde as manifestações de 2013, o cenário era favorável ao surgimento e fortalecimento de novos atores políticos, apoiados por uma crescente parcela da população que se denominava apartidária, crítica ao sistema, anticorrupção e conservadora no plano dos costumes. Foi neste contexto que surgiu o bolsonarismo.

O principal nome da direita naquela eleição era Jair Bolsonaro, um capitão da reserva do Exército, eleito deputado federal por sete mandatos. Parlamentar de poucos projetos, porém polêmico em suas declarações: se mostrava simpatizante a ditadura civil-militar de 1964 e contra os avanços das políticas públicas a favor das minorias. Sua pouca expressividade como congressista corroborava para sua consolidação como um *outsider*⁴³.

Casado com uma integrante da Igreja Batista, Michele Bolsonaro, o candidato abraçava as pautas conservadoras dos evangélicos e, com o discurso contra a corrupção da velha política, e em defesa da pátria e da família cristã se consolidou como principal opção ao antipetismo.

Embora se declare católico, Bolsonaro fez um importante aceno aos evangélicos no ano de 2016, ao ser batizado por um pastor no Rio Jordão. Ao ser questionado por lideranças católicas sobre o assunto, Bolsonaro negou ter abandonado a religião católica, sinalizando apenas se tratar de uma estratégia político-eleitoral.

Dentro do rio Jordão em Israel, o católico Bolsonaro foi rebatizado pelo pastor da Assembleia de Deus, Everaldo Dias Pereira. Para o eleitorado médio evangélico, Bolsonaro havia se “convertido”, gerando mais afinidade. Mas quando foi questionado por seu bispo católico,

⁴³ Para Picussa e Codato (2022), os *insiders* são aqueles líderes que ganham notoriedade política por sua trajetória construída dentro dos partidos políticos. Já os *outsiders* são aqueles líderes que constroem sua relevância política fora do sistema partidário, ou seja, em outros setores da sociedade. Via de regra, esses últimos ganham visibilidade se valendo do discurso de serem *anti-establishment*, frequentemente tecendo críticas aos políticos tradicionais. Os autores destacam que os *outsiders* tendem a aparecer com maior frequência em países: 1) cujas eleições presidenciais e legislativas não ocorrem simultaneamente; 2) cujo voto é obrigatório aos cidadãos; e 3) não há reeleição ao cargo de presidente. Destacam que fatores como o aumento da inflação e da pobreza, bem como a percepção da corrupção pela população tende a corroborar para o êxito dos *outsiders* nas urnas.

Bolsonaro negou que tivesse renegado a fé católica, alegando tratar-se unicamente de gesto simbólico e eleitoral, apesar de ser teologicamente controverso. Assim, o candidato permaneceu católico e assumiu uma identidade evangélico-pentecostal, em um hibridismo eleitoreiro astuto (Oliveira, 2019, p. 9).

Após ações como o batismo simbólico no rio Jordão, a adoção do *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e, principalmente, em razão do satisfatório desempenho do candidato nas pesquisas eleitorais, Edir Macedo declarou seu apoio a Bolsonaro⁴⁴ as vésperas do primeiro turno. Para Nascimento (2019) a celebração da união ocorreu na noite do último debate presidencial do primeiro turno, quando Bolsonaro se recusou a participar do confronto organizado pela Rede Globo de Televisão em razão da facada sofrida durante um ato público de campanha na cidade de Juiz de Fora/MG⁴⁵, entretanto o candidato apareceu em uma longa entrevista concedida a TV Record exibida no mesmo horário.

Não menos relevante, o jornal *Folha Universal* mobilizou conteúdos em prol da eleição de Bolsonaro naquele ano de 2018. Embora não tenha explicitado o nome do candidato durante o período eleitoral, os editoriais e as temáticas abordadas em suas matérias foram suficientes para demonstrar aos leitores as afinidades ideológicas entre o candidato e a igreja. Ambos associavam a esquerda a corrupção e a acusavam de idealizar um projeto de relativização dos valores cristãos, mediante a liberalização das drogas e do aborto, bem como a promoção de políticas de liberdade de orientação sexual e autoidentificação de gênero entre os jovens, dentro das escolas.

Apurado o resultado das urnas em segundo turno, Bolsonaro obteve 55,13% dos votos válidos, derrotando o petista Fernando Haddad. Na edição seguinte a apuração dos resultados, o jornal comemorava a vitória do ex-capitão. Em 23 de dezembro daquele ano o jornal subiu claramente o tom contra Haddad e o PT. O

⁴⁴ Em reportagem veiculada no jornal *Estadão* em 30 set. 2018, às vésperas do pleito do Primeiro Turno (Frazão, 2018).

⁴⁵ No dia 6 de setembro de 2018, Jair Bolsonaro participou de um ato público de campanha na cidade de Juiz de Fora/MG. Enquanto o presidenciável era carregado nos ombros por apoiadores em evento realizado no centro daquela cidade, um homem se aproximou do candidato e lhe desferiu uma facada no abdômen. Segundo relatos, o então candidato teve lesões no intestino grosso e no intestino delgado, sendo encaminhado para a Santa Casa de Juiz de Fora para realização de procedimento cirúrgico de emergência, e posteriormente transferido para o hospital *Albert Einstein*, localizado na capital paulista. O responsável pelo atentado ao candidato foi Adélio Bispo de Oliveira, preso em flagrante e encaminhado para a delegacia da Polícia Federal em Juiz de Fora/MG. Muito se especulou acerca de possíveis mandantes do atentado, todavia, após as investigações a polícia concluiu que Adélio agiu sozinho, sem a interferência de terceiros, e movido unicamente por convicções políticas e religiosas. Adélio era apresentado pela mídia como alguém que odiava a direita e defensor dos governos de esquerda da América-Latina, além de ser ex-filiado do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), agremiação política de esquerda (Ibrahim, 2021).

semanário iurdiano publicou a matéria “Fernando Haddad é condenado a pagar indenização ao Bispo Macedo” (ed. 1.393), afirmando que o candidato derrotado desrespeitou não só os fiéis da Universal “mas todos os brasileiros católicos e evangélicos que não queriam de volta ao poder um partido político que tem como projeto a destruição dos valores cristãos, como a família, a honra e a decência”.

Figura 3 – Reportagem publicada no jornal Folha Universal sobre a condenação de Fernando Haddad pela Justiça



Fonte: Dias (2018).

A matéria mencionava o atrito protagonizado por Haddad contra Edir Macedo no feriado de 12 de outubro. Nascimento (2019) aponta que no dia dedicado a padroeira do Brasil, na porta da Basílica de Nossa Senhora, em Aparecida/SP, o petista afirmara que:

[...] a candidatura de Jair Bolsonaro era um casamento do neoliberalismo desalmado – representado pelas ideias do economista Paulo Guedes – com o fundamentalismo charlatão de Macedo. Sabe o que está por trás dessa aliança? Em latim chama *auri sacra fames*. Fome de dinheiro (Nascimento, 2019, p. 292).

O governo de Jair Bolsonaro teve como marcas a ascensão de três diferentes alas: militares, religiosos e intelectuais de direita. Neste sentido, calha rememorarmos a nomeação de generais para diversos cargos do primeiro e segundo escalão do governo, a indicação sem sucesso do bispo iurdiano Marcelo Crivella ao cargo de Embaixador do Brasil na África do Sul, a também indicação do pastor presbiteriano André Mendonça para ministro do Superior Tribunal Federal (STF) no ano de 2021, o

escândalo de aparelhamento do Ministério da Educação a alguns pastores evangélicos, que supostamente praticavam tráfico de influência para a liberação de verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), além das denúncias de interferências ideológicas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) dos últimos anos.

Não menos relevante, o governo de Jair Bolsonaro enfrentou a pandemia de Covid-19, causada vírus SARS-CoV-2 que ataca significativamente o sistema respiratório de quem o contrai, podendo levar à morte. Diferentemente de diversos chefes de Estado e da Organização Mundial de Saúde (OMS), Bolsonaro adotou uma postura negacionista sobre os riscos da doença, tecendo críticas veementes as medidas de isolamento social adotadas em diversos municípios (em especial à ordem de fechamento de templos religiosos), minimizando o número de infectados e de mortos no país, postergando a compra de vacinas para imunização da população, bem como defendendo a utilização da Hidroxicloroquina – medicamento empregado no tratamento da malária, cuja eficácia não foi cientificamente comprovada no tratamento da doença (Caponi, 2020).

Neste sentido, importante sublinhar que o posicionamento oficial da IURD via mídia impressa buscava ratificar todas as medidas defendidas pelo Governo Bolsonaro, exceto quanto ao uso de máscaras. A igreja se mostrava favorável a utilização do acessório, enquanto o presidente era avesso a seu uso. Quanto às medidas de isolamento social adotadas, mostrava-se completamente contrária assim como o chefe do Executivo, seja pelos impactos causados na economia, seja pela proibição dos fiéis em frequentar seus templos religiosos.

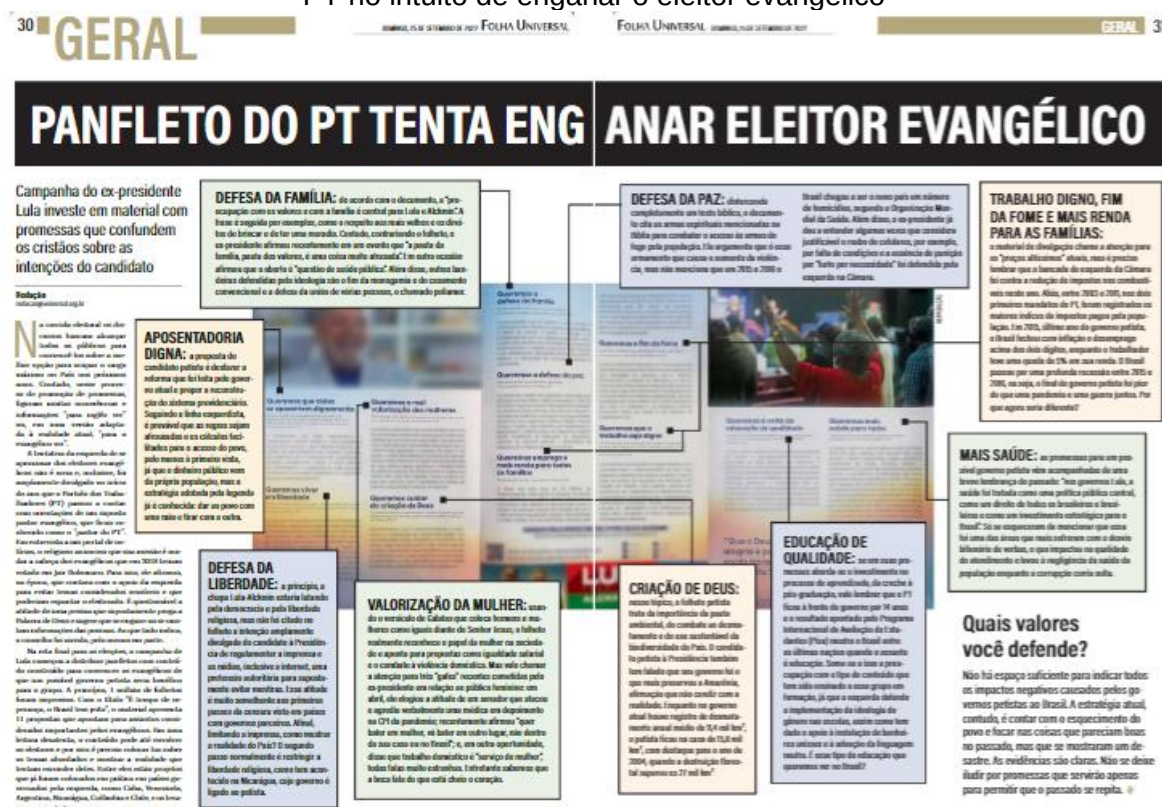
O BISPO PERDOA OS INIMIGOS: A TENTATIVA DE REAPROXIMAÇÃO DA IURD COM LULA

No ano de 2022, Bolsonaro tentou a reeleição, tendo como principal oponente Luiz Inácio Lula da Silva, que disputava seu terceiro mandato como presidente. Considerando as reais chances de reeleição do então presidente Bolsonaro, bem como os ataques realizados ao PT e suas lideranças desde o desembarque do governo Dilma, a IURD engrossou o coro em prol da campanha do candidato da extrema-direita.

A igreja se valeu do jornal *Folha Universal* para explicitar o apoio à reeleição do ex-capitão. Muito do que se abordou no jornal reproduzia discursos de campanha de Jair Bolsonaro. Houve um grande investimento simbólico na incompatibilidade entre ser “cristão e ser de esquerda”, alertas diversos sobre o “perigo do comunismo”, o “caos” em que viveriam os países governados pela esquerda e uma tentativa de mobilizar e relacionar conteúdos de pânico moral que poderiam atingir toda a sociedade brasileira em caso de vitória de Lula, do PT (Oliveira; Gracino Júnior, 2023).

Em edição publicada às vésperas da eleição, a igreja acusava a militância petista de produzir panfletos voltados para o público evangélico, com intuito de confundir os cristãos sobre as intenções do candidato. Em reportagem intitulada “Panfleto do PT tenta enganar eleitor evangélico” (ed. 1.589), o jornal era enfático ao dizer que “não há espaço suficiente para indicar todos os impactos negativos causados pelos governos petistas ao Brasil. A estratégia atual, contudo, é contar com o esquecimento do povo e focar nas coisas que pareciam boas no passado, mas que se mostraram um desastre”.

Figura 4 – Reportagem publicada no jornal Folha Universal sobre panfletos produzidos pelo PT no intuito de enganar o eleitor evangélico



Fonte: Redação (2022).

Em outra oportunidade, o jornal trazia a matéria intitulada “Por que Lula tem fama de Ladrão?: veja as razões” (ed. 1.593), destacando os casos de corrupção durante os governos petistas. O jornal buscava a todo custo macular a imagem do candidato que outrora havia sido um aliado da igreja.

Ao analisarmos as edições do jornal lançadas ao longo de todo o ano de 2022, observamos que o apoio à candidatura de Jair Bolsonaro se deu através das matérias publicadas, sobretudo, pelas críticas diretas a Lula e pelos elogios às políticas públicas do governo Bolsonaro. Oliveira e Gracino Júnior (2023) sublinham que o apoio dado ao candidato foi consistente, visto se tratar de um jornal de enorme tiragem e distribuição para os mais diversos rincões do Brasil.

Todavia a estratégia político/eleitoral da IURD naquele ano se mostrou equivocada. Em uma acirrada disputa marcada por *fake-news* e ataques pessoais entre ambos candidatos, Lula saiu vitorioso, obtendo no segundo turno 50,9% dos votos válidos, mesmo sem o apoio da Universal. Foi a eleição mais acirrada desde a redemocratização do Brasil.

Como forma de minimizar os efeitos do apoio ao candidato derrotado, Edir Macedo disse em vídeo publicado no dia 3 de novembro de 2022, em sua conta pessoal no *Instagram*, que Lula havia sido eleito por Deus, e que por esse motivo os fiéis de sua igreja não deveriam guardar qualquer mágoa do candidato petista.

Quantas pessoas neste Brasil ou por este mundo à fora, devem ter ficado irados contra o Lula e agarraram um sentimento de mágoa contra ele. Ora minha amiga e caro amigo, vamos colocar a cabeça no lugar. Nós fizemos nossas escolhas e a escolha foi da maioria que votou [...]. Então nós não podemos ficar com mágoa, pois é isso que o diabo quer [...]. Não dá. Bola pra frente, vamos olhar para a frente (Martins, 2022).

Desde a vitória de Lula em 2022, a IURD vem ensaiando uma reaproximação com Lula e o PT, todavia, sem muito êxito, mesmo o governo reconhecendo a importância do apoio da Bancada Evangélica para aprovação das pautas governistas no Congresso Nacional. A então presidenta da sigla, Gleisi Hoffman (PT/PR) se manifestou no dia 4 de novembro daquele ano, via sua conta oficial no Twitter, dizendo que “dispensa o perdão do bispo Edir Macedo”. Em entrevista publicada pelo site UOL a liderança petista esclareceu que:

Não tenho nada a complementar. O que eu disse está dito. Nós nunca nos afastamos [do eleitorado evangélico]. E nós respeitamos. Só não

misturamos política com religião. Isso é importante ficar claro. Temos o maior respeito (Martins, 2022).

Mas, nem tudo são flores. Edir Macedo tenta uma aproximação mais efetiva com a esquerda, mas, ao mesmo tempo age com cautela, pois teme o retorno da extrema direita ao poder em 2026. Assim, o bispo primaz da igreja vem assumindo uma postura ambígua. Ora sinalizando apoio ao governo, ora engrossando as críticas protagonizadas durante os anos 90 e pós *impeachment* de Dilma Rousseff.

Em março de 2023 o líder da IURD se manifestou nas redes sociais, dizendo que durante todo o período em que Lula esteve no poder jamais recebeu favores do presidente, razão pela qual não deve nada ao atual chefe do Poder Executivo. O bispo considera que, na verdade, quem lhe deve favores é o petista, insinuando que suas orações foram as responsáveis pela cura do câncer que acometeu o presidente em 2011 (Marzullo, 2023). Como disse:

O Lula esteve oito anos no governo. Pergunta a ele o que ele me fez, o que ele me deu? O que ele me deu? O que ele deu à Igreja? O que ele deu à Record? Ele não deu nada, ele apenas fez o que ele tinha que fazer, assim como fez com as demais emissoras. Obviamente que pagou, honrou lá seus compromissos. Mas eu não devo nada ao Lula. [...] Agora, ele me deve. Não a mim, mas a Deus. Mas obviamente Deus nos usou. Quando ele estava com câncer na garganta ele foi lá na Igreja falar comigo. Fechamos a sala. Fechei a porta. Impus as mãos sobre o pescoço dele e orei por ele. Eu orei pelo Lula. E ele ficou curado. Fez tratamento lá no Einstein (hospital em São Paulo) e ficou curado. O Bolsonaro é a mesma coisa. Quer dizer, eu fiz favor para ele. Ele não me fez favor nenhum. Oito anos que ele esteve lá e não fez favor nenhum para mim⁴⁶.

Mesmo sem tantas regalias como outrora, políticos vinculados as igrejas evangélicas, inclusive iurdianos, tem se aproximado da esquerda e respaldado a agenda política do governo Lula em busca de benesses para suas igrejas, como novas concessões de rádio/TV, isenções tributárias e cargos no primeiro e segundo escalão do governo petista.

Por exemplo, a bancada de parlamentares da igreja foi favorável a reforma tributária proposta pelo governo, aprovada na Câmara em 6 de julho de 2023. O apoio foi recompensado com a isenção de impostos para as associações sem fins lucrativos ligadas às igrejas. Só a Universal teria mais de 40 entidades beneficiadas. Não menos relevante, Lula franqueou espaço para o Partido Republicano em seu corpo

⁴⁶ In: Marzullo (2023).

ministerial, nomeando em 13 de setembro de 2023 o deputado Silvio Costa Filho como Ministro de Portos e Aeroportos. Para Edir Macedo, a legenda ligada à igreja não deve apoiar governos de esquerda (já que a seu ver “ser esquerda” é incompatível com “ser cristão”), mas também não deve se mostrar aversa ao diálogo, principalmente com o atual governo (Nunes, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao exposto ao longo deste capítulo, é possível observar uma trajetória complexa e dinâmica na relação entre a IURD e a esfera política brasileira, especialmente em relação à esquerda brasileira. Calha rememorarmos que a inserção da igreja na política veio justamente durante a década de 1980, momento em que se temia a promulgação de uma Constituição que banisse o funcionamento das instituições evangélicas, bem como que legalizasse pautas como o aborto, o casamento homoafetivo e o uso indiscriminado das drogas.

Foi nesse contexto que a igreja de Edir Macedo optou na década de 1989 por franquear seus púlpitos e sua estrutura midiática para Fernando Collor de Mello. Conforme narrado ao longo deste capítulo, em troca da renovação e de novas concessões de rádio e TV, a mídia iurdiana propagandeava que caso Lula fosse eleito determinaria o fechamento da Universal e instauraria o comunismo no país, causando pânico moral nos fiéis e induzindo o voto no candidato da centro-direita.

Collor ainda usou o depoimento de Mirian Cordeiro para macular a imagem de seu opositor. Às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais, a ex-namorada de Lula o acusava em rede nacional de tê-la abandonado ao descobrir a gravidez da filha, Lurian, e de tê-la obrigado a fazer um aborto, factoide responsável por causar grande aversão ao candidato pelo segmento evangélico.

Durante a década de 1990, a IURD adotou uma postura clara de demonização da esquerda, em particular de Lula e do PT. No entanto, o descontentamento com as políticas progressistas de FHC, as crises de seu governo e o desgaste internacional do modelo neoliberal geraram uma mudança de postura pragmática por parte de Edir Macedo e da cúpula de sua igreja. Urge rememorar que tanto na Europa quanto na América Latina havia uma onda de governantes da esquerda sendo eleitos. O que na América Latina se chamou de “onda rosa”. Assim, as reais chances de vitória de Lula nas urnas fizeram com que a igreja se aproximasse do antigo desafeto. Desta

maneira, vemos que o diabo não é tão feio quanto a cúpula iurdiana pintou por mais de uma década.

O casamento entre a IURD, Lula e o PT foi celebrado no segundo turno das eleições presidenciais do ano de 2002. José de Alencar, então candidato a vice-presidente era católico, mas frequentemente participava de reuniões de orações com o bispo Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo.

Após três derrotas consecutivas, Lula e o PT sagraram vitória nas urnas. A bancada iurdiana deu sustentação aos governos petistas por mais de treze anos. Todavia o divórcio com os aliados aconteceu durante o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, quando a crise econômica e política instalada no país proporcionou um terreno fértil para o fortalecimento de uma direita antissistema, culminando na ascensão do bolsonarismo.

A guinada à direita da IURD começou a tomar forma quando a igreja embarcou no governo Michel Temer. Os parlamentares ligados à instituição votaram favoravelmente a diversas reformas governamentais que restringiam direitos trabalhistas e previdenciários, ao mesmo tempo em que bispos e pastores passavam a criticar as pautas assistencialistas dos governos de esquerda, antes defendidas pela igreja.

Nos anos seguintes a IURD, alinhada aos interesses políticos emergentes, passou a apoiar entusiasticamente o ultradireitista Jair Bolsonaro, não apenas durante o período eleitoral, mas ao longo de todo o seu mandato presidencial, o que pode ser confirmado através das pautas exploradas pela *Folha Universal*, mídia impressa oficial da igreja de Edir Macedo. O jornal ratificava as pautas morais e governamentais do presidente, inclusive no que se refere ao negacionismo em relação ao enfrentamento da pandemia de Covid-19. A única discordância da Igreja foi em relação ao uso da máscara, medida combatida pelo governo e defendida pela igreja.

Desde a aprovação da reeleição, todos os presidentes democraticamente eleitos lograram êxito na eleição para um novo mandato subsequente, exceto Jair Bolsonaro. A derrota do ex-presidente para Lula nas eleições presidenciais de 2022 trouxe à tona um cenário de mudanças iminentes. Nesse contexto, o bispo Macedo percebeu a necessidade de corrigir um sério erro estratégico, e novamente tentou se reaproximar dos seus adversários da esquerda. Todavia essa reaproximação tem sido ensaiada com muita cautela, vez que a cúpula da igreja enxerga como possível o retorno da extrema direita ao poder em 2026.

O ciclo político apresentado evidencia a adaptabilidade da IURD diante das transformações políticas no Brasil, ilustrando a complexidade das relações entre igrejas evangélicas e a esfera política, onde interesses pragmáticos muitas vezes influenciam em alianças e rupturas com a esquerda brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro Presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos CEPRAP**, v 38, n. 1, p. 185-213, jan./abr. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010133002019000100010&lng=en&nrm=iso&tIng=pt. Acesso em: 20 abr. 2020.

BURCKHARDT, Eduardo. Confissões do terreiro: ex-mãe-de-santo do presidente Collor se converte e conta sobre os despachos que fazia na Dinda. **Revista Época**. São Paulo. 22 ago. 2018. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR51195-6009,00.htm>. Acesso em: 20 dez. 2022.

CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**, v. 34, n 99, p. 209-223, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/tz4b6kWP4sHZD7ynw9LdYJ>. Acesso em: 25 ago. 2023

CARRANZA, Brenda. Evangélicos: o novo ator político. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda. **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

CERQUEIRA, Cláudia. Igreja como Partido: a relação entre Igreja Universal do Reino de Deus e o Republicanos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 36, n. 107, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/YWZWKnDk6LwvPpbSZ3PRnVQ>. Acesso: 27 dez. 2022.

CRIVELLA, Marcelo. 7 Razões para votar em Dilma. **Folha Universal**, São Paulo, 31 out. a 6 nov. 2010. Ponto Final, ano 17, n. 969, p. 24.

CRUZ, Marcelo Pereira. **A Igreja Universal do Reino de Deus no “Jogo do Poder”**: a aliança com o Partido dos Trabalhadores nas eleições presidenciais de 2002. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

DARIE, Marina. O que aconteceu no escândalo do Mensalão?. **Politize**, Brasília, 22 ago. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/mensalao-o-que-aconteceu/>. Acesso em: 26 set. 2021.

DIAS, Rafaela. Fernando Haddad é condenado a pagar indenização ao Bispo Macedo. **Folha Universal**, São Paulo, 23 a 29 dez. 2018. Panorama, ano 25, n. 1393. p. 8.

DIP, Andrea. **Em nome de quem?:** a bancada evangélica e seu projeto de poder. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.

FRAZÃO, Felipe. Edir Macedo declara apoio a Bolsonaro. **Estadão**, Rio de Janeiro, 30 set. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,edir-macedo-declara-apoio-a-bolsonaro/>. Acesso em: 13 fev. 2024.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil:** da Constituinte ao impeachment. 1993. 307 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

GUTIERREZ, Carlos. A Igreja Universal e o Partido Republicano Brasileiro: conflitos em torno do secularismo. In: ARAÚJO, Melvina; CUNHA, Chistina Vital da (Org). **Religião e Conflito**. Curitiba: Editora Prismas, 2016, p. 63-75.

IBRAHIM, César Antônio Calejon. **A Ascensão do Bolsonarismo no Brasil do século XXI**. 2 ed. Curitiba: Kotter Editorial, 2021.

JANUARY JÚNIOR. Decisão de Cunha sobre impeachment de Dilma deve ser lida nesta quinta. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 2 dez. 2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/477179-decisao-de-cunha-sobre-pedido-de-impeachment-de-dilma-deve-ser-lida-nesta-quinta/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

JARDIM, Willelm Martins Andrade. **Religião e Política na Igreja Universal do Reino de Deus:** um estudo das campanhas eleitorais de 2010 e 2014. 2016. 55 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais:** sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARTINS, Leonardo. Não misturamos política e religião, diz Gleisi após crítica a Edir Macedo. **UOL**, 4 de nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/04/nao-misturamos-politica-e-religiao-diz-gleisi-apos-critica-a-edir-macedo.htm>. Acesso em: 28 ago. 2023.

MARZULLO, Luísa. Líder da Universal, Edir Macedo critica Lula: 'Não deu nada à Igreja'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 mar. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2023/03/lider-da-universal-edir-macedo-critica-lula-nao-deu-nada-a-igreja.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2024.

NASCIMENTO, Gilberto. **O Reino:** a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NUNES, Vinícius. O que Edir Macedo pensa sobre a reaproximação de Republicanos e Lula. **Metrópoles**, Brasília, 22 ago. 2018. Disponível em: <https://www.metrópoles.com/blog-do-noblat/o-que-edir-macedo-pensa-sobre-a-aproximacao-de-republicanos-e-lula>. Acesso em: 31 jan. 2024.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa; MARTINS, Cáio César Nogueira. O discurso eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus e a ascensão de Bolsonaro. **Revista Plural**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 237-258, jul. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/issue/view/12070/2075>. Acesso em: 25 jul. 2021.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa, GRACINO JÚNIOR, Paulo. A máquina universal: uma análise da mobilização do discurso moral na Folha Universal nas eleições de 2022. **Religião e Sociedade**, v. 13, n. 1. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872023v43n1cap04>. Acesso em: 31 jan. 2024.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis v. 3, n. 1, p. 71-83, nov. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/14957>. Acesso em: 28 mar. 2021.

PASSADO de atritos: Lula foi alvo de manipulação no JN após debate em 1989. **UOL**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/25/de-volta-a-globo-lula-ja-foi-alvo-de-manipulacao-em-debate-de-89.htm>. Acesso em: 13 fev. 2024.

PAULA, Tiago Franco de. **Deus acima de tudo**: a atuação política da Igreja Universal do Reino de Deus nas eleições presidenciais de 2018. 2021. 184 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

PICUSSA, Roberta; CODATO, Adriano. Outsiders na política: uma visão geral. **SciELO Preprints**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4533>. Acesso em: 9 out. 2022.

PIRES, Marcos Cordeiro (ed.). **Economia Brasileira**: da colônia ao governo Lula. São Paulo: Saraiva, 2010.

REDAÇÃO. Panfleto do PT tenta enganar eleitor evangélico. **Folha Universal**, São Paulo, 25 set. 2022. Geral, ano 30, n. 1589, p. 30. Disponível em: <https://pt.calameo.com/books/00072479777a30807211a>. Acesso em: 2 dez. 2022.

ROLDÃO, Ivete Cardoso C. O governo FHC e a política de Radiodifusão. **Intercom**, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/f7c0cfa1b1be0931e99fcc97f75cf289.PDF>. Acesso em: 20 nov. 2021.

STOCHERO, Tahiane. Entenda a decisão de Fachin que anulou as condenações de Lula e o que acontece agora. **G1**, Brasília, 8 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/08/entenda-a-decisao-de-fachin-que-anulou-as-condenacoes-de-lula-e-o-que-acontece-agora.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2022.

ZAMPIER, Debora. Defesa do ex-deputado Bispo Rodrigues diz que dinheiro era para pagamento de dívida de campanha. **Terra**, Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/atualizada-defesa-do-ex-deputado-bispo-rodrigues-diz-que-dinheiro-era-para-pagamento-de-divida-de-campanha,a4efdc840f0da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

KARDECISMO RURAL: EXCEÇÃO EM UMA CIDADE HEGEMONICAMENTE CATÓLICA⁴⁷

Vitor Cesar Presoti

Pesquisador, graduado em Ciências Sociais pela UEMG, mestre em Ciência da Religião pela UFJF, doutorando em Ciência da Religião pela UFJF, e-mail: vitorcpresoti@gmail.com

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é de compreender como o Espiritismo, uma Doutrina religiosa estrangeira, nascida no bojo da modernidade, conseguiu romper com a hegemonia católica de Barbacena-MG e se estabelecer em Ponte do Cosme, um distrito rural desta cidade. Para tanto, adotamos um recorte temporal de 1920 a 1940 em que buscamos desvelar os processos de inserção, difusão e legitimação do Espiritismo em Ponte do Cosme tendo como objeto de estudo o Centro Espírita Amor à Verdade (CEAV) e seus agentes, investigando assim as continuidades, rupturas e novos arranjos que o nosso objeto desenvolve em relação ao processo de conformação do Espiritismo Brasileiro. Para o levantamento das fontes da pesquisa, empregamos a observação participante, o uso do caderno de campo e aplicamos algumas entrevistas semiestruturadas. Outro passo fundamental foi a investigação em registros históricos dos agentes e instituições que compreendem o objeto desta pesquisa em seu recorte temporal. Estes registros contêm fotografias do CEAV, de seus primeiros adeptos e agentes, registros em vídeo e áudio de personagens centrais do desenvolvimento do Espiritismo em Ponte do Cosme, histórico do CEAV, entre outros. A hipótese apresentada é que o rompimento com a hegemonia católica do município foi favorecido pela ancoragem nas instituições reguladoras do Espiritismo em âmbito municipal, estadual e nacional desde os primeiros anos de oficialização do CEAV. Considera-se, sobretudo, que através da orientação destas entidades o grupo local assimilou a identidade do Espiritismo hegemônico Brasileiro. Acreditamos que houve a adoção de uma ênfase ao caráter religioso e aos elementos caritativos e de cura espiritual comuns à estrutura espírita brasileira e que podem ser identificados ainda nos dias de hoje no Centro estudado.

Palavras-chave: Centro Espírita Amor à Verdade; Espiritismo; Ponte do Cosme; Barbacena; Campo Religioso Brasileiro.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand how Spiritism, a foreign religious

⁴⁷ Este capítulo se trata de um recorte do último capítulo da dissertação de mestrado intitulada *O Espiritismo em Ponte do Cosme, Barbacena: exceção kardecista em uma região católica de MG, um estudo de caso* defendida no ano de 2023, no Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Doctrine born in the midst of modernity, managed to break with the Catholic hegemony of Barbacena-MG and establish itself in Ponte do Cosme, a rural district of this city. To this end, we adopted a time frame from 1920 to 1940 in which we sought to unveil the processes of insertion, diffusion and legitimization of Spiritism in Ponte do Cosme, having as the object of study the Centro Espírita Amor à Verdade (CEAV) and its agents, thus investigating the continuities, ruptures and new arrangements that our object develops in relation to the process of shaping Brazilian Spiritism. To survey the research sources, we employed participant observation, the use of a field notebook and applied some semi-structured interviews. Another fundamental step was the investigation into historical records of the agents and institutions that comprise the object of this research in its time frame. These records contain photographs of the CEAV, its first adherents and agents, video and audio records of central characters in the development of Spiritism in Ponte do Cosme, the history of the CEAV, among others. The hypothesis presented is that the break with the Catholic hegemony of the municipality was favored by the anchoring in the regulatory institutions of Spiritism at the municipal, state and national level since the first years of the CEAV officialization. It is considered, above all, that through the guidance of these entities the local group assimilated the identity of hegemonic Brazilian Spiritism. We believe that there was an emphasis on the religious character and the charitable and spiritual healing elements common to the Brazilian spiritist structure and which can still be identified today in the Center studied.

Keywords: Love of Truth Spiritist Center; Spiritism; Cosme Bridge; Barbacena; Brazilian Religious Field.

INTRODUÇÃO

Este capítulo dedica atenção específica ao evento de origem do Espiritismo em Ponte do Cosme, um distrito rural do município de Barbacena-MG, e seu desenvolvimento durante as décadas de 1920 a 1940. Assim, abordaremos os acontecimentos de inserção da Doutrina Espírita em um meio rural de uma cidade tradicionalmente católica. A análise busca, através da investigação em documentos e entrevistas, verificar como os agentes pioneiros do Espiritismo local se organizaram nas primeiras reuniões e como os elementos doutrinários espíritas aparecem neste primeiro momento. Em seguida, busca-se lançar luz sobre como a prática espírita local fora conduzida, bem como em compreender a reorganização de sua estrutura ao longo dos primeiros anos do desenrolar do movimento. Por fim, procura-se identificar os agentes, instituições e mecanismo empregados no decorrer dos processos de conformação do Centro Espírita Amor à Verdade (CEAV) no distrito.

ESPÍRITOS ATORMENTAM A FAMÍLIA BERTOLA PEREIRA

O evento que levou o Espiritismo à Ponte do Cosme remete ao início da década de 1920, pouco tempo depois da chegada dos primeiros habitantes ao local ainda no começo do século passado, aproximadamente em 1908. Foi neste mesmo período que, oriundos da Colônia Rodrigo Silva, Salute Betola Pereira juntamente de seus filhos – Pati, Sicília, Joaquim, Antônio e Alexandrino – se instalaram na localidade.

O evento de origem do Espiritismo na comunidade surge justamente através de problemas enfrentados pelos filhos de Salute, Pati e Alexandrino. Os irmãos sofreram de males que os atormentaram constantemente, sendo que mais tarde, ao serem atendidos em um Centro espírita de fora da comunidade, foram identificados como sofrendores de processos obsessivos. Os irmãos Nilo e Diva Pereira nos apresentam relatos sobre o transtorno obsessivo de seu pai Alexandrino e sua tia Pati:

Nilo: A obsessão, é uma ação do espírito sobre o outro, é a dominação né, como se fosse um espírito dominando o outro e foi o que aconteceu com eles né. Como eles já tinham o dom da mediunidade, o espírito chega e se quer falar alguma coisa, fala: – não é o médium que tá falando, isso é o espírito que tá falando. Aí levaram eles a muita perturbação. Já viu falar de como é a vida no manicômio, fica lá doido gritando, a maioria são obsidiados por espíritos que faz aquilo com eles. Deve ter sido mais ou menos desse jeito, eles eram subjugados, dominados por espíritos, as vezes nem tão mal... naturalmente foi isso que aconteceu, a tia Pati e o Papai eram subjugados por espíritos. A pessoa passa mal, se joga no chão, não fala coisa com coisa, aí geralmente se fala, tá doido né, é doideira. Aí foram procurar orientação e descobriram que era ação de espíritos sobre eles.

Diva: Meu pai, eu me lembro que minha mãe contava que ele começou a ter medo de sair de casa, igual hoje fala de depressão né... com minha tia eu não me lembro como começou o caso dela não. Só lembro que ele contava que as coisas aconteciam tudo de errado com ela, por exemplo, às vezes ela tava sozinha em casa, aí o meu avô criava muito porco, chamava mangueira a criação dos porcos, aí eles fugiam, às vezes os bezerrinhos que estava no curral fugiam, sempre que ela tava sozinha, ela ficava desesperada, aí ela entrava em depressão, chorava... o que eu lembro deles contarem é isso.

Sobre a obsessão⁴⁸, Camurça aponta que o Espiritismo considera como

⁴⁸ Cavalcanti, aponta que “a obsessão tem seu início na influência sutil que os Espíritos desencarnados exercem sobre o homem e pode progredir até chegar à ‘perturbação completa do organismos e das faculdades mentais’. Os espíritas distinguem três etapas ou tipos de obsessão: 1. A obsessão simples. Através da influência espiritual sutil, o espírito mina as forças morais da vítima até que ela se torne incapaz de reagir. 2. A fascinação. O espírito começa a agir diretamente sobre o pensamento do homem. 3. A subjugação. Fase final do processo obsessivo, correspondendo à paralisação total da vontade do espírito encarnado” (Cavalcanti, 1983, p. 81).

“obsessão a ação persistente que um Espírito inferior exerce sobre um indivíduo, que vai desde influência moral sem sinais perceptíveis até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais” (Camurça, 2016, p. 234).

Como veremos mais a frente, os problemas enfrentados por Pati e Alexandrino fizeram com que ambos chegassem até o Espiritismo. Algo que vale ser demarcado é que no caso estudado, não há nenhum indício de que a família tenha procurado a medicina convencional antes das alternativas espíritas. Esta narrativa surgiu no relato de diferentes entrevistados como Diva e Nilo, fato este que distancia o episódio daquilo que podemos encontrar na maior parte dos registros dos casos de obsessões.

Outro aspecto que devemos nos atentar no trecho transcrito diz respeito à indicação dos costumes de “benzeções” mencionado pelo senhor Nilo Pereira, sugerindo de que o episódio de obsessão dos jovens acontece em meio a um pensamento contexto recorrente à sociedade brasileira da época, *i. e.*, um pensamento voltado para uma “visão mágica”, que encontra a solução de males e a cura através do mundo espiritual, comum à estrutura do catolicismo popular brasileiro, sobretudo rural (Hoornaert, 1974).

Soma-se a essa perspectiva de análise de Eduardo Hoornaert acerca de uma visão de mundo “encantada” por parte do pensamento que permeia o catolicismo rural brasileiro, Camargo (1973), faz leitura semelhante ao analisar o gradiente das religiões mediúnicas no meio urbano-industrial do país apresentando uma análise que conflui com a ideia de uma cultura religiosa espiritualista. Segundo o autor, o pensamento religioso urbano brasileiro também é permeado pela “crença na eficácia de manipulações mágicas ligadas ao contexto mediúnico e na disposição de utilizá-las em caso de necessidade” (Camargo, 1973, p. 17).

Em síntese, podemos dizer que o caso de obsessão dos irmãos Pereira se dá em meio a um pensamento religioso-cultural permeado pelo sobrenatural, pelo extraordinário, no qual a “visão mágica” de solução de males e curas através do mundo espiritual – seja como percebido por Hoornaert (1973) no meio rural, seja como refletido por Camargo (1973) no meio urbano – encontrará um terreno fértil para a sua disseminação na sociedade brasileira do século XX.

O histórico do Centro Espírita Amor à Verdade (CEAV) aponta que, em vista dos males sofridos, Pati e Alexandrino procuraram ajuda no Espiritismo, de maneira que ambos foram acolhidos, recebendo o diagnóstico e a cura através do processo de desobsessão realizado no Centro Espírita Grupo Astral Paraíso do Bem – Coração

de Jesus (Grupo Astral). Este Centro funcionava fora da região dos obsidiados, sendo conduzido por um grupo no centro de Barbacena.

Retomando a questão acerca da desobsessão Cavalcanti diz que esta é uma tarefa de auxílio aos espíritos desencarnados sofredores, os espíritos obsessores. De forma que, por meio deste processo, realizado em nome dos indivíduos obsidiados, os espíritos obsessores são doutrinados através da moral espírita, que busca conduzi-los ao arrependimento (Cavalcanti, 1983, p. 113-114).

O histórico do Centro indica ainda que, a partir da cura dos irmãos Pati e Alexandrino no início da década de 1920 como dito anteriormente, ambos adotaram a identidade espírita e começaram a frequentar as reuniões do referido Centro. Aqui podemos perceber o arranjo da prática de assistência aos necessitados desenvolvida, entre outros meios, através da terapêutica espírita⁴⁹. Com o passar do tempo, outros integrantes da família Bertola Pereira e alguns vizinhos de sua comunidade passaram a acompanhá-los, de maneira que estes compartes se deslocavam periodicamente, geralmente a pé, por cerca de dez quilômetros através de difíceis caminhos, da zona rural até o centro de Barbacena, para as reuniões de estudo e prática do Espiritismo no Grupo Astral.

Podemos dizer então que o evento de origem do caso espírita de Ponte do Cosme é a desobsessão de Pati e Alexandrino nos primeiros anos da década de 1920. Este evento de origem se assemelha aos processos de aproximação acontecidos no seio do Espiritismo brasileiro, por exemplo, os casos de dois importantes agentes da conformação da doutrina no *ethos* religioso nacional, Bezerras de Menezes e Chico Xavier.

São três os acontecimentos de cura espiritual ocorridos na família de Bezerra de Menezes, dos quais, pela semelhança com o nosso objeto, destacamos o episódio de desobsessão agenciado pela Doutrina Espírita em um de seus filhos. Já em relação à família de Chico, Maria Xavier, sua irmã, também fora diagnosticada como sofredora de um transtorno obsessivo e foi curada pelos meios da Doutrina Espírita (Lewgoy, 2004). É possível que estes não tenham sido os únicos gatilhos para a adoção de nova identidade religiosa por parte destes importantes agentes do Espiritismo

⁴⁹ Camurça (2000) aponta que a “[...] a caridade foi utilizada como instrumento de legitimação pelo espiritismo kardecista [...] empregando assim ‘[...] a mediunidade com fins de cura [...]’ sob o aspecto de um exercício de ‘[...] caridade moral para com a humanidade sofredora [...]’ de forma que seria como ‘[...] religião e não como medicina que procuravam aliviar as dores físicas e mentais dos enfermos’” (p. 134).

brasileiro, todavia, a cura de entes queridos desempenhara um importante papel nos processos de conversão tanto da família de Bezerra de Menezes quanto de Chico Xavier. Em relação ao caso da família de Salute, o cenário não seria diferente.

Ao acionar o caso de aproximação com a Doutrina por parte de dois dos pais fundadores da identidade espírita brasileira hegemônica, bem como dos agentes do CEAV, busco chamar a atenção do leitor para o fato de que a terapêutica deixou uma marca incontestável na estrutura do Espiritismo brasileiro. A impressão desta marca, muito se deve ao fato de que, conforme apontado por Candido Procópio de Camargo, o desenvolvimento do Espiritismo e outras religiões mediúnicas, acontece em um cenário em que o Estado brasileiro não estava suficientemente organizado para suprir as demandas sociais, sobretudo, os serviços médicos para uma considerável parcela da população. Desta maneira, estes indivíduos desassistidos encontraram nas resoluções religiosas/sacrais o amparo que não fora garantido pelo Estado (Camargo, 1973).

Ao abordar a prática espírita desenvolvida em Ponte do Cosme, conforme se vê na resposta abaixo, pode-se ver que mais tarde os agentes do Espiritismo replicaram no local os meios pelos quais se aproximaram e adotaram o Espiritismo como sua religião. Em outras palavras, quando perguntada se no CEAV já houve desobsessões, Diva respondeu que:

Já, assim há muitos anos atrás, na época do Jacinto Bertola ele fazia um trabalho de atender pessoas obsidiadas, que eram doutrinadas, mas assim não obsessões da pessoa ficar ruim, precisar de internação nem nada não.

O trecho acima evidencia a reprodução dos procedimentos de desobsessão por parte de Jacinto Bertola⁵⁰, processo pelo qual a família Bertola Pereira adentrou no universo da Doutrina Espírita e assumiu tal identidade religiosa. Outro relevante elemento dos anos iniciais da conformação do Espiritismo no Brasil e que fora identificado pela pesquisa é a prática da prescrição da homeopatia, replicado pelo grupo durante os anos embrionários do movimento espírita em Ponte do Cosme, como se pode constatar nos trechos da entrevista com os irmãos Nilo e Diva, a seguir:

Vitor: Atualmente é desenvolvido algum tipo de atendimento com

⁵⁰ Jacinto Bertola é sobrinho de Salute Bertola Pereira, primo de Pati e Alexandrino. Jacinto participou do grupo que iniciou os trabalhos espíritas na comunidade e desempenhou um importante papel na sistematização da Doutrina por lá. Seu papel em relação ao Espiritismo em Ponte do Cosme será detalhado e analisado a seguir.

receitas homeopáticas prescritas por médiuns, ou já houve este atendimento em algum momento?

Nilo: Antigamente a tia Pati tinha um espírito que comunicava através dela que pedia pra pessoa tomar um chazinho, uma coisa assim, mas remédio mesmo não. O espírito se chama Samuel, me parece.

Diva: Agora não, mas há muito tempo atrás sim, a minha tia Pati tinha o guia espiritual dela. Nunca receitou remédio, mas um chá, uma coisa caseira, homeopática sim. Minha tia Pati, ela tinha seu guia espiritual chamado Samuel. A gente tinha um problema, aí ia lá, ele não passava nada, só mandava a gente procurar lá na farmácia de homeopatia.

O discurso evidencia que após os eventos de cura, tendo estabelecido seu próprio grupo na comunidade rural, Pati e Jacinto, reproduziram a prática da cura por meio da desobsessão e da prescrição homeopática. O que se vê é que a prática local assimilou e replicou os processos da terapêutica desenvolvida nos anos iniciais do Movimento Espírita brasileiro. Mais à frente, retornaremos a estas passagens transcritas para tratar de outro elemento intimamente ligado com o desenvolvimento da terapêutica, a Caridade.

Cândido Procópio de Camargo aponta que o desenvolvimento terapêutico kardecista ocorre dentro de um movimento mais amplo envolvendo um gradiente de religiões mediúnicas brasileiras. Segundo o autor, a partir do processo de dessacralização e diminuição relativa da importância da religião na sociedade surge uma adaptação das instituições religiosas em relação à vida contemporânea, constatando então uma renúncia sobre algumas áreas de tradicional influência. Com este movimento de mudança social acarretado pelo processo de secularização no Brasil, a religião passa a “deixar de atender a determinados setores da população”, por exemplo, através da “aceitação do monopólio da medicina oficial como forma legítima de diagnóstico e tratamento de saúde” (Camargo, 1973, p. 176).

Este é um processo que, se por um lado a “Igreja Católica, seguindo a tendência de secularização” (Camargo, 1973, p. 177) passou a limitar a ação terapêutica, por outro lado, um “grande número de católicos” começou a procurar “as mesmas soluções em outras religiões” (*Ibid.*). Em outras palavras, para Cândido Procópio, “a esperança de cura e a resolução de problemas em situações de crise constituíram o principal veículo através do qual os indivíduos se aproximam inicialmente das religiões mediúnicas” (*Ibid.*, p. 178), resultando em um quadro geral em que a função terapêutica ofertada por certas religiões se mostrou como o principal elemento motivador dos processos de conversão destas religiosidades (*Ibid.*, p. 177).

Em convergência com o pensamento apresentado por Camargo (1973),

Giumbelli (1997, p. 33) sinaliza que “o primeiro contato de muitas pessoas com centros kardecistas [...] ocorre em virtude da tentativa de resolução de algum problema físico ou de alguma aflição psicológica ou moral”.

Tratando mais restritamente da questão da absorção da identidade espírita, podemos dizer que o processo da terapêutica e cura operou como o principal gatilho de aproximação de novos adeptos para o Espiritismo. Portanto, podemos afirmar que o evento de desobsessão e cura religiosa de Pati Pereira e Alexandrino Pereira desencadeou todo o processo do Espiritismo em Ponte do Cosme, sendo o evento de origem, e o mecanismo tanto de aproximação quanto de inserção em uma tradição espírita que perdura por mais de 100 anos em um território católico.

A dinâmica de deslocamento entre a comunidade rural e o centro de Barbacena durou quase duas décadas, sendo que “por volta de 1938 um pequeno grupo daquele lugar resolveu realizar reuniões espíritas na residência da senhora Pati que havia se casado com Ângelo Mazzoni” (Trecho do histórico do CEAV).

Segundo informação de Nilo Pereira, as primeiras reuniões na casa de Pati e Ângelo seguiam os moldes do início do Espiritismo no país, acontecendo em pequenos grupos privados na casa dos adeptos. Estas reuniões eram de cunho mais familiar sendo frequentadas, principalmente pelos integrantes das famílias Pereira e Bertola, com exceção de algumas poucas pessoas que vinham de fora de Ponte do Cosme. Ainda tratando sobre estas primeiras reuniões, as entrevistas indicam que as atividades desenvolvidas eram sistematizadas conforme a realidade local, não havendo uma clara separação dos elementos que compõem a prática atual do grupo, como a reunião mediúnica, a evangelização, a reunião pública, etc.

Um importantíssimo registro do início do Espiritismo em Ponte do Cosme pode ser encontrado em um dos materiais cedidos por Nelson Xavier, uma entrevista em áudio de Jacinto Bertola conduzida por Nelson Xavier no início dos anos 2000, gentilmente cedida para esta pesquisa. Jacinto Bertola, como veremos mais à frente, foi um dos principais agentes da Doutrina Espírita em Ponte do Cosme, operando como o elo da comunidade rural e importantes intuições espíritas municipais, estaduais e federais e que, mais tarde, fora condutor da sistematização do centro local. Nas palavras de senhor Jacinto:

[...] as reuniões eram aproveitadas todas de uma só vez, por que todos eles eram agricultores, eram pessoas que trabalhavam muito. Eram pessoas que às vezes saíam de madrugada pra trabalhar na roça,

voltavam quase a noite, viviam sempre muito cansadas [...]. Então a reunião era aproveitada de todas as formas pra tomar pouco tempo e ser benéfica pra todos.

A passagem indica a disseminação da doutrina em um meio rural, sendo absorvida por agricultores através de uma lógica de maximização do tempo das reuniões, fruto das dificuldades da vida no campo. Em outras palavras, a construção da prática religiosa espírita esteve relacionada e alinhada à realidade da comunidade em que foi inserida.

É possível perceber também que em um primeiro momento a prática da doutrina em Ponte do Cosme apresentava um arranjo embrionário do “Sistema Ritual Espírita” identificado por Cavalcanti (1983) composto pela Mediunidade, Estudo e Caridade, lógica de organização da prática espírita que mais tarde pôde ser encontrada no grupo. Ao longo do texto veremos o desenvolvimento destes elementos do “Sistema Ritual Espírita” no grupo estudado.

As entrevistas também apontam que nas primeiras reuniões, a Mediunidade, ou seja, a “relação/tomada do corpo humano com/por uma força espiritual” (Cavalcanti, 1983, p. 70), era desenvolvida pelos agentes pioneiros do Espiritismo na comunidade, Pati e Alexandrino. É interessante constatar como os irmãos, que anos antes, na primeira metade da década de 1920, ao sofrerem os processos de obsessão, mais tarde, no final da década de 1930, desenvolveram seus dons mediúnicos e realizaram a comunicação com os espíritos desencarnados estabelecendo a relação entre o mundo visível e o mundo invisível.

Em relação à mediunidade, Maria Laura afirma que o Sistema Ritual Espírita “tem na mediunidade a categoria cosmológica central de sua estruturação” (Cavalcanti, 1983, p. 53). Este fenômeno é entendido como um espaço de comunicação espiritual entre espíritos encarnados e espíritos desencarnados, sendo um dom orgânico derivado do corpo físico. Ainda segundo a autora, essa comunicação se dá por meio da vibração do “pensamento e da vontade” mediados pelo corpo físico (*Ibid.*, p. 75).

Neste momento inicial do movimento, o Espiritismo em Ponte do Cosme era conduzido por um grupo com um tom menos formal se comparado à sua estrutura futura. Por exemplo, no início não havia centralidade no desenvolvimento das atividades caritativas, importante marca do Espiritismo brasileiro, que mais tarde se faria presente nos exercícios do grupo. Em relação à prática ritual espírita

desenvolvida em Ponte do Cosme, é válido nos atentarmos ao fato de que os eventos de origens do caso espírita estudado, acontecem paralelamente aos processos que mais tarde deram contornos à identidade espírita nacional. Como veremos, a regulação da prática ritual espírita do grupo passou a ser ajustada com sua aproximação junto a importantes instituições em âmbito municipal, estadual e federal.

Mais especificamente sobre a Mediunidade dos irmãos Pati e Alexandrino, o discurso do grupo aponta que, na medida em que os irmãos progrediram no entendimento da Doutrina Espírita através da participação nas reuniões de e Estudo do Grupo Astral, ambos também avançaram na compreensão de suas posições enquanto médiuns. Por meio deste desenvolvimento em duas vias, abrangendo o mundo físico através do Estudo da Doutrina Espírita – que, segundo a lógica desta expressão religiosa, reverbera, sobretudo, no mundo invisível, garantindo assim os meios para a evolução espiritual do indivíduo –, os irmãos adquiriram certo domínio e desenvolveram seus dons mediúnicos.

Ao ser perguntada sobre as primeiras reuniões realizadas em Ponte do Cosme, Diva nos oferece os contornos da prática do grupo naquele momento. Como disse, “Tinha uma parte de estudo e lia as mensagens e depois tinha uma parte mediúnica, mas muito rapidinho, com poucos médiuns, era minha tia e o meu pai, não era uma mediunidade muito ostensiva, era tudo muito simples”.

É curioso pensarmos que mesmo tendo sido a Mediunidade de Pati e Alexandrino o gatilho de aproximação com a Doutrina Espírita, o trecho da entrevista de Diva aponta para uma prática, de certa maneira, ainda reservada, menos centrada nas atividades de Mediunidade desenvolvidas pelos irmãos. Ainda tratando das atividades mediúnicas, a entrevista com Nilo nos oferece um quadro da prática desenvolvida pelo grupo:

Vitor: Havia alguma manifestação de fenômenos físicos?

Nilo: Isso aí que eu saiba não, acho que nunca fizeram isso não.

Vitor: Vidência, incorporação, nada disso?

Nilo: A incorporação é as comunicações dos espíritos que eles falavam incorporação né, por que achavam que o espírito vem e incorpora, mas não é bem assim não. É de mente pra mente, o espírito transmite pra mente do médium e o médium comunica através da psicofonia, essa sempre teve desde o começo.

Em resumo, em um primeiro momento a prática da Mediunidade do grupo estava restrita aos dons de Pati e Alexandrino, tendo ambos desenvolvido o dom da psicofonia. Segundo a Doutrina Espírita, este é o dom mediúnico expressado através

da fala, de maneira que o espírito que deseja se comunicar utiliza o corpo do médium para realizar a comunicação vocal entre o mundo espiritual e o mundo físico, o mundo visível e o mundo invisível, uma comunicação dos espíritos realizada através da voz de médiuns falantes.

Assim então se apresentava o elemento da Mediunidade nas primeiras reuniões espíritas de Ponte do Cosme. Quer dizer, através dos dons mediúnicos da psicofonia dos irmãos Pereira. Vimos também que apesar de imprescindível para o desenvolvimento do caso espírita em questão, ao menos de início, a Mediunidade não ocupava o papel central nas reuniões do grupo, sendo aparentemente sobrepujada por outro importante elemento do “Sistema Ritual Espírita” (Cavalcanti, 1983), o Estudo. Esta constatação nos leva a seguinte pergunta: como era desenvolvido este elemento da Doutrina naquela colônia rural de imigrantes do século XIX?

O ESTUDO DA DOUTRINA ESPÍRITA EM PONTE DO COSME

Como pudemos notar nos trechos das entrevistas apresentados até aqui, o discurso em torno do desenvolvimento do Espiritismo em Ponte do Cosme apresenta o Estudo, ao lado da Mediunidade, como um dos elementos destacados nas primeiras reuniões do grupo, na residência de Ângelo e Pati.

Assim como a Mediunidade, Maria Laura aponta o Estudo como um componente elementar da identidade do “ser” espírita. Segundo a autora, ante a lógica do Sistema Ritual Espírita o Estudo é composto por um conjunto variado de práticas, como a leitura de livros espíritas e a participação em palestras, debates, entre outras atividades. O Estudo parte de uma instância humana complementar a esfera espiritual, circunscrevendo-se ao aprendizado e interiorização da Doutrina e a experiência da vida evangélica espírita. Para além da potencialidade religiosa encontrada, este elemento guarda outro importante valor. Isto é, o Estudo serve também como contraponto espírita frente às acusações de misticismo e credices lançadas contra esta expressão religiosa, demarcando assim, através da herança do aspecto investigativo e científico oriundo de sua gênese francesa no século XIX, e demarcando a seriedade e o posicionamento dos espíritas no quadro social nacional (Cavalcanti, 1983).

Ao perguntar sobre o tríplice aspecto da Doutrina – composto pela filosofia, ciência e religião –, questionando se Nilo Pereira percebia alguma ênfase maior sobre

alguns destes elementos, ele nos apresentou algumas considerações que evidenciam como a prática do Estudo se apresentava no desenvolvimento das primeiras reuniões:

Vitor: Em relação ao início das atividades do Espiritismo aqui em Ponte do Cosme, por tudo que contaram para o senhor, o senhor percebe se algum dos três aspectos da Doutrina Espírita possa ter tido mais atenção?

Nilo: Religião. Desde o início sempre enxergaram como uma religião. Inclusive o pessoal que começou o Estudo da doutrina não era gente muito estudada, não tinha muito esclarecimento pra estudar e entender tudo e passar para o povo. Meu pai mesmo tinha dificuldade pra ler, minha mãe não sabia ler, a maioria quase que nem ler sabia né. Então os mais inteligentes um pouquinho também não tinha capacidade de entender a ciência e a filosofia que tem na doutrina pra ensinar. Agora o evangelho de Jesus, a parte moral era mais fácil de entender, estão desde o início sempre foi mais religioso.

Esta passagem apresenta importantes considerações acerca do tipo de Espiritismo que fora assimilado pelo grupo no final da década de 1930. Neste trecho há a evidência da adoção de um Espiritismo religioso baseado na moral do evangelho cristão em confluência com o tipo de Espiritismo disseminado pela Federação Espírita Brasileira (FEB). Retornaremos a este aspecto mais à frente. Outra característica que chama a atenção é a disseminação da Doutrina em meio a uma comunidade de pouca ou nenhuma escolaridade, uma exceção à máxima de proliferação da mesma em meio à classe média, letrada e intelectual da sociedade urbe, através de uma difusão por palestras e conferências nos núcleos urbanos pelo país. Corroborar com esse aspecto o que disse Jacinto Bertola em entrevista para Nelson Xavier Como disse, “a maioria das pessoas ali [de Ponte do Cosme] eram quase todas analfabetas né, e a gente procurava estudar muito, ler muito sabe, para orientar eles, para eles terem o conhecimento da doutrina através da nossa leitura”.

Ainda tratando do conteúdo do Estudo doutrinário desenvolvido nessas primeiras reuniões espíritas, Diva Pereira Zille nos esclarece que naquele momento embrionário, este importante elemento da prática da Doutrina estava exclusivamente voltado para a leitura dos livros da codificação de Kardec. Como disse ela:

Eu lembro que o que tinha lá, era o “Evangelho segundo o Espiritismo”, o “Livro dos Médiuns” e o “Livro dos Espíritos”. Os livros de Kardec que eram as únicas obras que tinham lá naquele tempo, não tinha essa coisa grande de conhecimento, mas o que era mais estudado era o “Evangelho” mesmo, mais Kardec mesmo.

A passagem de Diva indica um Estudo doutrinário centrado na obra de Allan

Kardec, sem a presença de outros autores espíritas como, por exemplo, Chico Xavier, que já publicava sua literatura mediúnica naquela altura. Lembremo-nos que o Estudo doutrinário acontecia em função da leitura das obras por Jacinto Bertola, narrando os livros de Kardec para os outros integrantes do grupo. Há ainda outro processo pelo qual era desenvolvido o Estudo da Doutrina no CEAV, em que encontraremos Jacinto Bertola mais uma vez atuando como agente central de desenvolvimento. Referimo-nos à “catequese espírita” para crianças. Nas palavras do próprio Jacinto em resposta a Nelson Xavier sobre as mocidades espíritas:

De mocidade eu sei falar pouco, eu só sei falar do que eu fiz quando eu assumi a presidência do Amor à Verdade que ainda era na casa do sô Ângelo Mazoni. Eu, nos domingos largava minha casa, largava minha família que era lá perto do aeroporto e descia por uma trilha aí a baixo que dava lá na casa do sô Ângelo para dar “catecismo”. Naquele tempo falava “catecismo espírita”, tinha uns livretos e eu ia dar “catecismo”, então a maioria dos que assistiram “catecismo” lá já desencarnaram, sabe. Era tudo aquela meninada, era cinco filhos do sô Ângelo, dos Pereira tinha uma porção ali. Então reunia umas dez crianças ali e eu dava “catecismo” pra eles. Mas dali, quando formaram a mocidade no Amor à Verdade eu tive pouco contato.

Dona Diva também nos oferece uma explanação do desenvolvimento do Estudo doutrinário voltado para as crianças em pergunta sobre a realização da Evangelização Infantil. Como ela relatou:

Sempre teve, mas antes chamava “catecismo espírita”, então assim, a gente tinha um livrinho que todo domingo a gente tinha uma pergunta, e se você não decorava ela toda, aí o outro domingo você tinha que repetir até falar ela de cor. Esse livrinho era distribuído pela FEB. Era um livrinho de perguntas e respostas pras crianças [...]. Naquela época quase não tinha muito livro, a minha tia tinha uma sala muito grande, onde ela montava para as crianças, colocavam os palcos, umas caixas de madeira para as crianças subirem e falarem poesias.

As palavras de Diva e Jacinto apontam para a preocupação do grupo com a formação doutrinária de novas gerações de espíritas desde os primeiros movimentos da Doutrina no local. Vale nos atentarmos ao nome escolhido para a educação e preparo das crianças: “catecismo espírita”. Esta escolha, em certa medida, indica mesmo que indiretamente uma porosidade com a estrutura católica e a ação evangelizadora da Igreja executada através da Catequese. Já em relação ao trecho de Diva, apesar de apresentar certo caráter informal das atividades de doutrinação infantil desenvolvido na casa de sua tia, podemos notar que já havia ali alguma

penetração das orientações da FEB na prática do grupo. Este argumento é evidenciado através da menção do livro de “catecismo espírita” fornecido pela Federação e usado como material didático.

Como veremos a seguir, devido ao fluxo crescente de novas pessoas interessadas em conhecer o movimento espírita local, em 1943 surgiu a necessidade da construção de um local apropriado para a prática espírita em Ponte Cosme.

O CENTRO ESPÍRITA AMOR À VERDADE

Através das palavras de Jacinto Bertolla, ao ser perguntado por Nelson Xavier sobre os fundadores do Centro, podemos ter uma boa perspectiva inicial do processo de construção do CEAV:

Jacinto: Ah, os fundadores lá foi o senhor Ângelo Mazoni, Alexandrino Pereira, Joaquim pereira, dona Pati, as pessoas mais antigas ali do lugar né, inclusive, eu me considero fundador, por eu que organizei... na construção do Centro, aí ideia foi minha né. Por que o grupo que era formado na casa do sô Ângelo Mazoni tava crescendo muito e atrapalhava muito a vida particular deles sabe. Igual tô te dizendo, eles chegavam cansados da roça, as vezes não tava disposto pra reunião, tava doente ou qualquer coisa e com o tempo eu fui vendo isso, essas dificuldades e então propus a construir uma sedezinha pra nós, então eu dei essa ideia de construir essa sede. Então eu consegui com o senhor Joaquim Pereira, ali na estrada um pedacinho de terra pra construir aquela casinha que tá de pé até hoje né, a primeira sede do nosso grupo. Foi um trabalho muito grande, a gente não tinha muito dinheiro, não tinha nada, foi feito tudo de adobe, uma massa com terra e capim amassada com os pés, depois coloca numa forma e coloca pra secar no terreiro... foi o seu Antônio Pereira e o sô Carlinho Candian que eram aqui da região de Sá Fortes que construíram pra nós. A madeira eu trouxe lá de um sítiozinho que o meu pai tinha, as telhas foi uma pessoa que deu também. Então construímos assim, foi aquela turminha lá, aí que nossas reuniões passaram a ter um espaço próprio.

Iniciadas as primeiras reuniões na casa de Ângelo e Pati em 1938, Jacinto Bertola indica que o Espiritismo teve uma rápida ascensão em Ponte do Cosme, uma vez que em cinco anos a prática espírita tomou tamanha proporção que a residência do casal já não comportava o número crescente de adeptos. Há também o registro em vídeo de uma pequena palestra de Jacinto Bertola sobre a fundação do CEAV em que ele afirma ter assumido a presidência do grupo em 1942, ainda muito jovem, aos 23 anos de idade. Os trabalhos de construção da sede foram conduzidos ao longo de 1944 sob sua batuta. Em agosto do mesmo ano o CEAV fora registrado em cartório

pelo senhor Jacinto. Em outros termos:

Aos vinte e cinco dias do mês de dezembro de 1944, foi inaugurada a primeira sede do “Amor à Verdade” para a comemoração do natal de Jesus [...]. Com o início dos trabalhos na nova sede as Reuniões Públicas eram realizadas aos sábados às 19h e as aulas de “catecismo espírita” aos domingos às 12h. Já as reuniões mediúnicas continuaram a se realizar no lar da Irmã Pati Pereira Mazzoni até seu desenlace em 1963, quando decidiu-se que tais reuniões seriam feitas na sede as 19h e 30 min das terças-feiras (Histórico do CEAV).

Com a inauguração da sede do CEAV em 25 de dezembro de 1944 os espíritas de Ponte do Cosme passaram a dispor de um local apropriado para a realização de todas as suas atividades. Outro importante elemento evidenciado pelo trecho do histórico apresentado a pouco, diz respeito ao fato de que este novo espaço trouxe também uma nova organização da prática espírita do grupo. O histórico apresenta uma separação das atividades em Reuniões Públicas aos sábados, Catecismo Espírita aos domingos e Reuniões Mediúnicas às terças-feiras na casa de Pati. A realização destas reuniões, conforme informado por Nilo Pereira, foram mantidas na casa de sua tia devido à sua idade avançada e também na busca por manter certa tradição, sem nenhum motivo mais específico.

Além de um novo espaço conquistado para a prática espírita, a construção da sede do CEAV resultou em outro importante acontecimento para o desenvolvimento do grupo. Isto é, possibilitou a aproximação do CEAV junto às instituições de coordenação da Doutrina em Minas.

A RELAÇÃO COM A ALIANÇA ESPÍRITA BARBACENENSE

Conforme informações do histórico do CEAV e do jornal espírita *O Atalaia*⁵¹, ainda em 1944, meses antes da inauguração do Centro espírita de Ponte do Cosme, mais especificamente no mês de agosto, fora realizado o 1º Congresso Espírita Mineiro em Belo Horizonte, em que o CEAV e outros Centros espíritas de Barbacena foram representados por José Abrantes Júnior⁵², importante agente difusor e regulador do Espiritismo em Barbacena e região.

⁵¹ Edição n. 159, de dezembro de 1994. O jornal *O Atalaia* é o órgão de informação do Grupo Astral.

⁵² José Abrantes Júnior e Jacinto Bertola possuíam uma forte ligação e trabalharam, através de longa parceria, no desenvolvimento da Doutrina Espírita não só em Barbacena, mas em toda a região dos Campos das Vertentes.

Por meio do 1º Congresso Espírita Mineiro, a União Espírita Mineira (UEM) garantiu a legitimidade como representante e unificadora do Espiritismo em Minas através da aglomeração dos Centros mineiros sob seu guarda-chuva. Para tanto, nessa mesma ocasião foram estabelecidas as Alianças Espíritas Municipais, sendo a Aliança Espírita Barbacenense (AEB), fundada por José de Abrantes Júnior, Jacinto Bertola, entre outros agentes, o primeiro órgão de representação municipal do Estado. Sobre a referida Aliança, conforme texto escrito por Nelson Xavier⁵³ sobre a história da Aliança Municipal Espírita de Barbacena:

Zezinho Abrantes com sua garra de bandeirante auxiliou a desbravar a mata da incompreensão, da má vontade e da preguiça, trazendo a lume a primeira Aliança Espírita do estado de Minas Gerais, no dia 24 de setembro de 1944. As primeiras reuniões da Aliança Espírita Barbacenense (AEB) foram realizadas nas dependências do Grupo Astral Paraíso do Bem, sendo realizadas, mensalmente, visitas às casas espíritas já edificadas e as em formação. Agregaram-se em torno da AEB, oito grupos espíritas: Grupo Astral Paraíso do Bem, Centro Espírita Novo Oriente, Grupo Espírita Cristão Evangelho de Jesus, Cabana de Araquém, Centro Espírita Amor à Verdade, Centro Espírita Jardim das Oliveiras, Centro Espírita Mário Dufles de A. e Centro Espírita Paz, Luz e Amor (Xavier, 199-?).

O texto de Nelson Xavier evidencia um importante elemento que não pode passar despercebido em nossa análise, o fato de Barbacena ter inaugurado a primeira Aliança Espírita do estado, a AEB e que o CEAV esteve vinculado à instituição desde a sua fundação, tendo um de seus principais agentes, Jacinto Bertola, como um dos membros fundadores da Aliança. Podemos perceber também que a fundação de ambos, do CEAV e da AEB, acontece praticamente ao mesmo tempo, o que nos leva às seguintes perguntas: qual o nível de relação estabelecido entre estas instituições? Em que medida a Aliança Espírita Barbacenense impactou o Centro Espírita Amor à Verdade?

Podemos lançar luz sobre a primeira indagação através da entrevista de Diva. Mais especificamente, ao ser perguntada sobre a sistematização da organização do CEAV e da prática da Doutrina, respondeu ela:

Que eu me lembro, foi na época do Jacinto, ele foi presidente por muitos anos, ele foi importante aqui ... sempre foi muito envolvido com aqui, mas depois ele ficou envolvido com o Estudo Evangélico ali na

⁵³ Xavier, Nelson. Surge a Aliança Barbacenense Espírita. 199-?. Segundo o próprio autor o texto foi escrito a partir de informações históricas encontradas no jornal do Grupo Astral, O Atalaia e por meio de contribuições orais de Jacinto Bertola no início dos anos 2000.

cerâmica, no bairro Dom Bosco. Foi o Jacinto com o tio dele que fundaram lá também, ele era muito trabalhador, ele era muito ativo, ele tinha muito contato com a União Espírita Mineira, com a FEB.

Este trecho aponta mais uma vez para o papel central que Jacinto Bertola desempenhou para o desenvolvimento do Espiritismo em Ponte Cosme. Por intermédio de sua orientação, aos poucos o grupo pôde sistematizar toda a sua organização. Relembrando rapidamente o papel de Jacinto evidenciado até aqui, vemos que ao assumir a presidência do grupo em 1942, aos 23 anos, Jacinto foi responsável pela construção e registro do CEAV; foi o principal agente do Estudo e transmissão da Doutrina em um meio rural ocupado por colonos, em sua maioria sem alfabetização; foi responsável pelo desenvolvimento do “catecismo espírita”, formando assim as novas gerações de adeptos, entre outras realizações. Todavia, o indício mais importante que as palavras de Diva traz neste momento é o fato de Jacinto ter mantido um contato estreito com a UEM e com a FEB. Iniciemos nossas considerações sobre esta importante relação refletindo sobre algumas palavras do próprio Jacinto Bertola concedidas a Nelson Xavier. Como explicou ele, “eu era presidente da Aliança e eu fazia tudo para aglomerar os Centros todos, eu ia procurando onde é que tinha Centro pra levar para a Aliança sabe?!”.

Além de ter desempenhado um papel crucial para o desenvolvimento do Espiritismo em Ponte do Cosme, as palavras de Jacinto Bertola reproduzidas acima apontam também para a sua relação com AEB. Jacinto fora presidente do CEAV e da Aliança Barbacenense, o que aproximou substancialmente as duas instituições. Tanto o trecho da entrevista de Jacinto Bertola acima, quanto a entrevista de Diva Pereira abaixo, evidenciam um trabalho executado por Jacinto a nível regional para agrupar as agremiações espíritas. Assim, o fez replicando o processo de centralização dos Centros Espíritas desenvolvido primeiro pela FEB, sob a gestão de Bezerra de Menezes, e, posteriormente, replicado pela UEM, sob a gestão de Antônio Lima.

Vitor: Então desde jovem o Jacinto Bertola já devia ter contato com a União né?

Diva: Tinha sim, ele era jovem, mas já estava atuando. Ele que trazia essas apostilas meio que como um trabalho, porque naquela época era tudo muito difícil né. Então ele buscava e trazia pra turma as orientações.

Vitor: Ele frequentava os encontros da União e da FEB?

Diva: Ah, ele ia. Eu lembro que lá no centro nós temos um quadro de lembranças do Pacto Áureo de 1949, ele era ainda jovem e já participava, ele era muito entusiasmado sabe. Ele ia muito em Belo Horizonte, quando inaugurou a FEB em Brasília ele foi participar, tirou

até retrato lá... ele trazia muita orientação, ele era um orientador, a gente tinha ele como um pai sabe, ele foi padrinho de casamento meu. Ele era um unificador que levava as notícias daqui pra lá e trazia de lá pra cá.

Podemos constatar que Jacinto Bertola realizava a ponte entre a comunidade rural, em certa medida isolada, com a União Espírita Mineira e a Federação Espírita Brasileira. Outro aspecto relevante é indicação da inserção do processo máximo da organização do movimento espírita brasileiro, o Pacto Áureo⁵⁴, no crescimento do Espiritismo local. A presença de referências ao Pacto Áureo vinculadas a Jacinto Bertola e ao CEAV indicam que houve uma interferência institucional da FEB nos quadros de desenvolvimento do Espiritismo local.

Vale nos atentarmos que naquele momento, Barbacena contava ainda com outra forma de propagação das ideias da União, a circulação do jornal *O Espírita Mineiro*, um importante mecanismo de difusão das ideias da instituição pelo estado. Esta afirmação pode ser conferida nas palavras do próprio jornal, “em cada Cidade um Agente, em cada Agente um batalhador e rapidamente farão sentir os efeitos benéficos da leitura instrutiva e orientadora”⁵⁵.

Outro elemento de fundamental importância tem a ver com a data de inauguração do Centro no ano de 1944, mesmo ano que acontecera o 1º Congresso Espírita Mineiro. Este evento conferiu à UEM a legitimidade como representante e unificadora do Espiritismo em Minas por meio da aglomeração dos Centros mineiros sob o guarda-chuva da entidade, apresentando as Alianças Municipais Espíritas como o braço que estendeu o véu da instituição sobre as cidades filiadas pelo estado.

Colocando em foco a relação do CEAV com a instituição estadual, o histórico do Centro aponta que “em 28 de outubro de 1944, integrantes do Centro Espírita Amor à Verdade redigiram um ‘Termo de Compromisso de Filiação à Federação Espírita de Minas Gerais’” (Histórico do CEAV), sendo o sétimo Centro a se filiar à instituição, que mais tarde adotaria no nome de União Espírita Mineira. Vejamos os termos desta filiação:

Art. 1º - Com a denominação de Centro Espírita Amor à Verdade, foi

⁵⁴ Segundo Giumbelli (1997, p. 264-265), através do Pacto Áureo a FEB conseguiu emplacar um projeto de unificação institucional e de codificação doutrinária que fosse comum a todas as instituições espíritas em âmbito nacional e que fossem filiadas à Federação. As definições das bases para o regramento do movimento ficaram a cargo de um Conselho Federativo Nacional subordinado à FEB e formado por representantes das instituições estaduais.

⁵⁵ In: *O Espírita Mineiro*, n. 35, jun. 1938.

criado nesta cidade de Barbacena, Estado de Minas Gerais, no dia 25 de dezembro de 1944 um núcleo espírita, constituído de número ilimitado de sócios, sem distinção de nacionalidade, crença, cor, sexo, porém de pessoas maiores de 18 anos, com fim de estudar, praticar e difundir a Doutrina Espírita de acordo com o Evangelho de Jesus, exclusivamente interpretado segundo a codificação Kardeciana e terá duração ilimitada.

Art. 2º - O núcleo dará sua filiação somente a Federação Espírita de Minas Gerais e se compromete a seguir as diretivas para os trabalhos de ordem doutrinária, que a mesma baixar, constituindo-a sua defensora perante as autoridades centrais do Estado em todos os atos necessários ao seu legal funcionamento.

O primeiro artigo evidencia o tom empregado pela UEM em função da prática das agremiações espíritas afiliadas à instituição. Outro elemento encontrado é a regulação de um Espiritismo mais religioso, baseado no evangelho cristão a luz de Kardec. O segundo artigo reafirma a preocupação de delimitação do papel de controladora da prática espírita por parte da UEM, e lança luz sobre o caráter de assistência jurídica às agremiações filiadas no que tange aos problemas de perseguição por parte do Estado.

Podemos verificar então que, desde seu registro em cartório, seis anos após o início da prática espírita em Ponte do Cosme, o CEAV contou com a orientação reguladora da UEM, espelhada nos trabalhos de aglomeração realizados em âmbito nacional pela FEB. Essa normatização da prática em Ponte do Cosme se deu através da mediação da Aliança Espírita Barbacenense, já que, tanto o CEAV quanto a Aliança, contaram com Jacinto Bertola para a condução de seus trabalhos, fato que nos ajuda a entender como um Centro Espírita desenvolvido em um ambiente rural conseguiu se estabelecer e direcionar seus trabalhos em sintonia com um modelo de prática espírita nacionalmente difundida. Diva Pereira nos fornece uma explanação sobre este processo:

Vitor: Quando as reuniões foram alocadas na sede é que foram criadas outras atividades?

Diva: Foram criando os departamentos. Antigamente chamava departamento, aí tinha o da juventude, da infância, da mocidade. Mas tudo já com orientação da FEB, a partir de quando começou a sede já começou a mudar aos poucos.

Vitor: Em relação a União, tinha algum material que eles mandavam?

Diva: O que a FEB mandava passava pra União, da União pra Aliança que passavam pra casas, aí já chegava direto da FEB. Hoje a gente é muito ligado a UEM pela parte de estudos da mediunidade, muito bom os estudos que eles fazem, aí passam as *lives* pra gente, muito bom. Tinha mais orientação, mas como eu não sei, não posso te responder isso.

As palavras de Diva, bem como o apresentado há pouco, ajudam a entender que, pouco tempo após o princípio das atividades espíritas em Ponte do Cosme, o CEAV já dispunha do apoio da AEB, da UEM e de orientações da FEB, que vinham através de materiais enviados pela federação. Um amparo que certamente facilitou todos os processos de conformação da Doutrina no tocante à burocracia relativa à condução do Centro, bem como possíveis problemas com o estado. A filiação às instituições de caráter agrupador e regulatório explica também, como aconteceu a normatização das atividades conduzidas pelo grupo, apontando para uma sintonia com a prática hegemonicamente difundida pela FEB.

“SACRAMENTOS” ESPÍRITAS

Vimos que, rapidamente através da condução de Jacinto Bertola, a prática espírita em Ponte do Cosme passou de um arranjo mais local, em função do meio rural em que se desenvolveu inicialmente, para uma prática que foi se adequando aos moldes do modelo espírita hegemônico da FEB. Todavia, como veremos a seguir, mesmo com a aproximação e tutela reguladora da AEB e da UEM, ainda assim havia um tom original na prática espírita encontrada no distrito.

Nilo Pereira nos apresenta uma informação importante quando perguntado se ele se recordava se o seu pai e os seus tios haviam sido batizados na Igreja Católica. Como lembra ele:

Ah, creio que sim, mas eu já fui batizado no Espiritismo por que tinha esse Zezinho Abrantes, um que trabalhou muito no movimento espírita no início, ele fazia uns batizados no Espiritismo, mas o Espiritismo nunca foi de fazer batizado, Espiritismo não tem batizado.

Diva também apresenta algumas palavras sobre a prática destes batizados. Como disse ela, “Vinha esse pessoal lá do Astral e faziam os batizados, tinha uma prece, jogava água na cabeça da criança, era igual o do padre”.

O trecho acima indica que, em certa medida o exercício espírita local apresentava uma preservação de elementos comuns à estrutura de um cristianismo tradicional, sobretudo, católico. Assim, esta assimilação de elementos católicos pelos membros do CEAV aparece num primeiro momento na prática do “catecismo espírita” aplicado por Jacinto Bertola, em um segundo momento, na prática dos “batizados

espíritas” aplicados por José Abrantes Júnior, e aparecerá ainda uma terceira vez como veremos a seguir.

Diva: Eu fui casada dentro do Espiritismo em 26/07/1958. O Jacinto Bertola foi nosso padrinho, quem realizou a cerimônia foi o Zezinho Abrantes. Foi lá na casa do meu sogro, ele realizou uma prece e teve a comunicação de uma mensagem espírita. Era bastante comum naquela época. Tanto os batizados quanto os casamentos duraram mais ou menos até a metade da década de 60.

Vitor: E esses batizados e casamentos espíritas, terminaram por quê?

Diva: Isso foi uma legislação nova da FEB que saiu. Quem coordena é a Federação Espírita Brasileira, que passa para União Espírita Mineira, ela passa pra AME [Aliança Municipal Espírita] e depois cada um segue como quiser, no ritmo que quiser, mas sempre com a coordenação da FEB.

Estamos diante de um curioso ato criativo de acomodação desenvolvido por estes agentes espíritas pioneiros, sobretudo se considerarmos que, como delimitado por Camurça (1998, p. 128), o Espiritismo apresenta um caráter evolucionista e cientificista que dirige uma rejeição dos dogmas católicos. O autor afirma ainda que por um lado “o médium não se confessa, não se comunga, não se casa religiosamente não acompanha procissão”, mas, por outro lado, executa um processo de “reinterpretação dos símbolos clássicos e da História Sagrada deste mesmo Catolicismo” (*Ibid.*).

Podemos notar, que em certa media, o caso de Ponte do Cosme se assemelha com o arranjo identificado por Stoll (2003) acerca do desenvolvimento da Doutrina no quadro nacional. Segundo a autora, o Espiritismo “é uma religião importada que se difunde no país confrontando-se com uma cultura religiosa já consolidada, hegemônica e, portanto, conformadora do ethos nacional” (Stoll, 2003, p. 61).

Este processo sincrético com alguns elementos da dogmática católica executados na prática espírita local revela que por lá, ao invés da ruptura com a religião hegemônica que esperávamos encontrar, o que de fato identificamos foi um caráter mais religioso desenvolvido por meio de pontos de aproximação entre as duas expressões, o Catolicismo e o Espiritismo. Os pioneiros da Doutrina desenvolveram habilmente uma prática local maleável, capaz de executar empréstimos e localizar porosidades com a tradição católica nos primeiros anos de assentamento da Doutrina em Ponte do Cosme, uma constante tentativa de “reinterpretar e inovar a tradição uma tensão entre ruptura e permanência” (Camurça, 1998, p. 218).

Tendo tratado da inserção, estudo e prática da doutrina ao longo da narrativa

do caso investigado, resta ainda nos atentarmos para um importante mecanismo de legitimação do Espiritismo no quadro nacional, isto é, a prática da Caridade, virtude máxima da estrutura espírita.

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ RELIGIÃO?

Segundo a Doutrina Espírita, a caridade pode ser dimensionada em duas esferas, em certa medida, sobrepostas ou em interseção, a esfera do plano moral e a esfera do plano material. Vejamos como este elemento e suas esferas se apresentam no discurso local através das considerações de um dos agentes do CEAV, Nilo Pereira:

É interessante por que caridade não é só ... como se diz, não se resume em só dar coisa material, a caridade vai muito além disso, não basta você doar só o material. Claro que o material as vezes é um meio pra você chegar no mais importante que é o moral, ajudar espiritualmente, consolar, orientar. Agora é lógico que muita gente precisa realmente do pão né, tá precisando muito, então a gente sempre encara dessa forma, que não basta dar o pão. Dar o peixe e ensinar a pescar.

O que explicou Nilo reforça o discurso da Caridade como um elemento mais difuso e de interseção entre o plano moral e social. Seu discurso vai de encontro com a classificação da Caridade na cosmologia da Doutrina Espírita realizada por Cavalcanti (1983), quando afirma que, em um sentido mais amplo, toda tarefa espírita é Caridade, pois é um ato de amor ao próximo. Para a autora, a moralização dos espíritos nas reuniões de desobsessões, a aplicação dos passes, por exemplo, ambas são ações de Caridade desenvolvidas sob um aspecto de ajuda e evolução espiritual (*Ibid.*, p. 56).

A investigação aponta que duas vertentes de exercício da Caridade em seu sentido mais amplo podem ser identificadas na prática do grupo. Ambas estão relacionadas à terapêutica espírita local, abordada anteriormente neste capítulo. Por tanto iremos replicar duas passagens das entrevistas realizadas e que apareceram anteriormente tratando justamente sobre este elemento terapêutico e que nos fornecem evidências para argumentarmos sobre o desenvolvimento da Caridade no CEAV.

Vitor: Aqui no Centro já houve desobsessões?

Diva: Já, assim há muitos anos atrás, na época do Jacinto Bertola ele fazia um trabalho de atender pessoas obsediadas, que eram doutrinadas, mas assim não obsessões da pessoa ficar ruim, precisar de internação nem nada não.

O discurso de Diva Pereira Zille indica que através da prática da desobsessão, Jacinto Bertola atendia os indivíduos obsediados e doutrinava os espíritos sofredores. Neste sentido, assim como demarcado por Cavalcanti (1983), ao considerarmos que “receber espíritos sofredores na reunião de desobsessão é caridade” (p.56), estamos diante de um ato caritativo da terapêutica direcionado tanto para o mundo visível quanto para o mundo invisível, um “exercício de caridade moral para com a humanidade sofredora” (Camurça, 2001, p. 134). Outro exemplo da interseção entre Caridade e terapêutica pode ser verificado em resposta ao questionamento sobre prescrições de receitas, por meio de médiuns receitistas:

Diva: [...] a muito tempo atrás sim, a minha a minha tia Pati tinha o guia espiritual dela. Nunca receitou remédio, mas um chá, uma coisa caseira, homeopática sim. Minha tia Pati, ela tinha seu guia espiritual chamado Samuel. A gente tinha um problema aí ia lá ... ele não passava nada, só mandava a gente procurar lá na farmácia de homeopatia... receita médica de remédios não, só chás... depois que ela adoeceu não tinha ninguém mais isso que fazia isso lá não.

Encontramos aqui evidências de um exercício de assistência por meio de prescrições de receitas replicando o que foi o executado pela FEB no início do século passado. Sylvia Damazio identifica justamente o elemento assistencial como sendo o braço mais atuante da Federação na década de 1910. E este serviço foi o responsável por abrir as portas dos salões da FEB e aglutinar um grande número de necessitados em busca de consultas com médiuns curadores e receitistas (Damazio, 1994).

O que queremos reforçar é que, através dos trabalhos de assistência, os agentes espíritas conseguiram eleger um eficiente mecanismo de difusão e, principalmente, de legitimação perante a sociedade e às instituições brasileiras (Arribas, 2009; Camurça, 1998, 2001; Camargo, 1973; Damazio, 1994). Em sintonia com as considerações de Sylvia Damazio, Célia Arribas aponta que no início do século XIX o “Serviço de Assistência aos Necessitados, uma organização prestadora de auxílios materiais, sociais e espirituais” se tornou o “cerne dos serviços cristãos da FEB”. Ainda segundo a autora, “esse aspecto filantrópico da assistência, que não tinha personalidade jurídica e vivia sob o mesmo teto da Federação, emprestava a essa instituição enorme prestígio” (Arribas, 2008, p. 190).

Desta forma, as ações de assistência, além de atrair a atenção de pessoas que não assimilavam a identidade espírita possibilitando uma eficiente difusão da Doutrina, a égide da Caridade operou também como um eficiente meio de demarcação enquanto uma expressão norteada pela moral do evangelho e pela ajuda desinteressada aos necessitados, distanciando-a das acusações de sortilégio e magia (Camurça, 2001; Giumbelli, 1997).

Ao consideramos que, a FEB operou enquanto uma instituição delineadora e aglutinadora do Movimento Espírita brasileiro e que, assim como apontado por Giumbelli (1997), este papel modelador se tornou “válido para todo e qualquer grupo espírita e definidor das instituições destinadas a filia-los – passavam a ocupar espaço privilegiado, as atividades de assistência social” (p. 182). Portanto, através da postura delineadora do movimento assumida pela FEB, este importante mecanismo de demarcação e legitimação do Espiritismo brasileiro foi difundido por todo o território nacional.

Tendo em vista o papel desempenhado pelas ações de Caridade no desenvolvimento das instituições espíritas pelo Brasil, e considerando o vínculo estreito do CEAV com a UEM e com a FEB (principal agente de desenvolvimento desta égide de assistência social), constatamos que o CEAV teria replicado este modelo, auxiliando assim em sua legitimação na sociedade local nos anos de sua fundação, sobretudo através de trabalhos de assistência social.

Mas, antes dessa constatação, notamos que durante os primeiros anos de desenvolvimento do Espiritismo em Ponte do Cosme, ainda que o elemento da Caridade estivesse presente em seu sentido mais amplo, a prática do grupo esteve centrada na Mediunidade e no Estudo, sem apresentar uma ênfase no desenvolvimento de ações caritativas circunscritas a um amparo social da comunidade local.

Alguns elementos como a prescrição de receitas homeopáticas e as desobsessões possam ser encontradas na prática local, no caso estudado, o elemento da Caridade, sobretudo, de assistência social não aparece como legitimador de uma conformação do Espiritismo em Ponte do Cosme. Este arranjo está vinculado ao seu desenvolvimento no meio rural que, diferente dos grandes centros em que um “contingente numeroso da população vive segregada em favelas e bairros das periferias sem acesso a bens e serviços e, até mesmo excluídos do usufruto da própria cidade” (Oliveira, 2017, p. 86), tanto nos dias de hoje quanto na primeira metade do

século passado, a comunidade do distrito não apresentou as imensas carências e mazelas encontradas nas zonas urbanas.

Através do discurso de alguns dos entrevistados, ao serem perguntados sobre o convívio na comunidade, pudemos constatar alguns indícios de uma rede de solidariedade e boa relação no distrito. Portanto, ao investigar nosso objeto no recorte temporal desta pesquisa (1920 a 1940), não identificamos o apelo ao aspecto doutrinário da Caridade e o desenvolvimento das atividades de assistência social tão recorrente nas instituições espíritas brasileiras. Esta constatação pode estar vinculada ao fato de que, em contraste com os grandes centros urbanos, como evidenciado através das entrevistas, das conversas dirigidas e da observação participante, o ambiente rural de Ponte de Cosme é atravessado por um clima comunitário e de boa vizinhança, facilitando a existência de redes de solidariedade em meio a uma população pequena e que apresenta fortes laços de amizade, parentescos e arranjos matrimônios. Dispondo, se não de grande conforto, ao menos de uma condição estável, que lhes garanta os meios para suprir suas necessidades primárias.

Vale destacar que o espírito comunitário desenvolvido na região, também ajudou a impedir a proliferação do clima de intolerância contra o Espiritismo promovido pela Igreja Católica, identificado por Camurça (1998), e que foi bastante forte nesta época, em meados da década de 1940⁵⁶. Segundo o autor, os conflitos entre Espiritismo e Igreja Católica, bem como as condenações provindas do Catolicismo, acentuaram-se a partir do crescimento exponencial do Espiritismo no Brasil entre as décadas de 1940 e 1950, em um cenário de competição religiosa (Camurça, 1998, 2000).

Outro fator de grande relevância são os trinta anos de vantagem do CEAV em relação a construção da capela de São Sebastião, fato que ajuda compreender que, neste caso, o desenvolvimento espírita não esteve condicionado a uma lógica de disputas e oposição à Igreja Católica, além de não precisar justificar a legitimidade de sua existência, considerando a inexistência de um aparato católico local. Entretanto, anos mais tarde os agentes do CEAV desenvolveriam trabalhos de Caridade com um

⁵⁶ Camurça (1998, 2000) e Cândido Procópio de Camargo (1973) indicam que o rápido crescimento do Espiritismo nas décadas de 1940 e 1950 está atrelado às transformações que vinham ocorrendo na sociedade brasileira, principalmente em relação aos movimentos de urbanização e industrialização que se intensificaram neste período. Para os autores o Espiritismo servindo de certa forma como uma alternativa religiosa para a adequação do homem brasileiro à vida urbana (Camurça, 1998; Camargo, 1973).

foco na assistência social. Vejamos os apontamentos de Diva ao ser perguntada sobre o início das atividades de assistência social:

Diva: Foi mais ou menos na década de 1980, 1990 que foi fundado, naquela época chamava o Departamento de Assistência Social. Eu até trabalhei muitos anos como coordenadora do grupo, nós fazíamos a campanha do quilo, comprava flanela, cobertor para os carentes. Depois apareceu uma família Carente que precisava de mantimento então a gente fez uma campanha que formava uma cesta básica todo mês e isso durou muito tempo, aí depois essa pessoa conseguiu se ajeitar na vida. Mas aí a gente seguiu com essas campanhas, a gente conseguiu ajudar criança recém-nascida.

Conforme podemos verificar na passagem acima, cerca de 40 anos após o início das atividades espíritas em Ponte do Cosme, o CEAV passaria a replicar as obras de assistência social não só no distrito, frente aos poucos casos de necessitados, mas, principalmente expandindo o exercício da assistência para fora da comunidade local, em apoio a outras instituições. Como podemos ver a seguir no estatuto do CEAV, a partir de 1999 houve uma reorganização do arranjo da entidade, colocando em destaque alguns elementos que anteriormente figuravam em segundo plano.

Sob denominação de Centro Espírita Amor à Verdade, foi instituída uma sociedade civil, de caráter filosófico, científico e religioso, beneficente, educacional, cultural, de assistência social, filantrópica, sem finalidades lucrativas, com domicílio, sede e foro no Distrito de Ponte do Cosme, município de Barbacena-MG. O Centro tem como finalidade estudar e propagar os ensinamentos espíritas estabelecidos na codificação de Allan Kardec, promover caridade moral e material, realizar a assistência e a promoção social, criar e manter creches, escolas e outras atividades congêneres. A sociedade fundada em 25-11-44, teve seu estatuto modificado por assembleia geral datada de 11-01-1999 e tem prazo de duração ilimitado [...] (Extrato do Estatuto do Centro Espírita Amor à Verdade).

O trecho replicado no novo estatuto da entidade evidencia a preocupação de demarcar o caráter beneficente, filantrópico e assistencial da entidade. Podemos constatar também que, desde então, a Caridade moral e material, bem como a assistência e promoção social passam a figurar como finalidades na prática do Centro. Neste sentido, a partir desta modificação em seu estatuto, o Centro Espírita Amor à Verdade passa a se delimitar oficialmente conforme o modelo de Espiritismo Religioso dirigido pelo elemento doutrinário da Caridade difundido pela FEB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o diagnóstico do transtorno obsessivo enfrentado por Pati e Alexandrino ao serem atendidos no Centro Espírita Grupo Astral, funcionou como o gatilho de aproximação dos irmãos com a Doutrina espírita. Este mesmo modelo de aproximação pode ser constatado em uma variedade de oportunidades, sendo o caso da família de Bezerra de Meneses e de Chico Xavier os mais famosos. A desobsessão dos irmãos acontece no início da década de 1920, um período em que o exercício das funções da terapêutica e assistência social eram amplamente executadas e difundidas pela FEB. Neste sentido, podemos afirmar que a aproximação dos irmãos Pereira acontece em função de um procedimento articulado e disseminado pelo movimento espírita brasileiro, a cura espiritual, e que a partir daí ambos adotam a identidade religiosa espírita e passam a disseminar a Doutrina em seu seio comunitário. Estes são indícios, de que a terapêutica, principalmente através da cura espiritual, tem um papel de grande relevância para o processo de estruturação, conformação, aproximação e legitimação, tanto no caso espírita de Ponte do Cosme, como no de todo o Espiritismo do Brasileiro.

Ao levarem o Espiritismo para Ponte do Cosme, os agentes da Doutrina passaram a disseminar os ensinamentos de Kardec em reuniões privadas na residência de Ângelo Mazoni e Pati Pereira Mazoni através de uma prática regulada em função da dinâmica da vida rural. Neste primeiro momento a prática espírita local guardava um arranjo fundamentalmente religioso, assimilando em sua estrutura elementos comuns ao arcabouço católico. Temos então a adoção de um Espiritismo religioso desde o início dos trabalhos, uma prática voltada para a moral do evangelho cristão reelaborada por Kardec, em convergência com o que era difundido pela FEB na época da criação do CEAV.

Devemos demarcar o papel destacado de Jacinto Bertola, peça fundamental para o Estudo da doutrina em um ambiente campesino, diferente da máxima de proliferação em grandes centros e camadas médias letradas. Neste sentido, podemos constatar uma disseminação entre colonos agricultores, com pouco estudo, em certa medida, em divergência do modelo de difusão na classe média letrada e urbana da sociedade. Jacinto Bertola se encarregou de narrar os livros da codificação de Kardec para os colonos, em sua maioria analfabetos, e, posteriormente, conduzindo também a reorganização da prática espírita local para um modelo mais próximo do difundido

pela FEB e pela UEM. Esta reorientação está vinculada a construção da sede do CEAV e em função dos laços de Jacinto com os agentes destas instituições e com os promotores da Aliança Espírita Barbacenense, órgão vinculado a União e agregador do movimento espírita a nível municipal.

Ao constar este elo, bem como os movimentos de reorientação desencadeados a partir da filiação às instituições supracitadas, podemos afirmar que o Centro Espírita de Ponte do Cosme contou não só com a orientação, mas com uma interferência institucional por parte destas entidades. Esta reorientação apontou para a condução dos trabalhos em um período de consolidação de um modelo de Centro Espírita nacionalmente difundido e aceito pelo Espiritismo hegemônico.

Ponderando sobre o vínculo com as instituições reguladoras do Movimento Espírita supracitadas, vimos que a Caridade, sobretudo as ações sociais, apareceram como elemento destacado na legitimação do grupo frente à sociedade e ao campo religioso local. Entretanto, não encontramos esta disposição no caso estudado. Consideramos que o ambiente rural, comunitário e dispondo de fortes redes de solidariedade fez com que o desenvolvimento local da Doutrina Espírita não precisasse recorrer ao assistencialismo social, prática típica dos grandes centros urbanos.

Entretanto, resta responder, de maneira mais contundente, como essa Doutrina estrangeira conseguiu romper com o catolicismo hegemônico de Barbacena? Percebemos que, na verdade, não houve ruptura. Em primeiro lugar, o CEAV se desenvolve em um espaço de difícil acesso, em uma comunidade que o catolicismo hierárquico dava pouca atenção e marcava presença apenas esporadicamente, com a realização de missas mensais no cruzeiro do distrito. Desta forma, o CEAV teve cerca de três décadas de vantagem em relação à capela de São Sebastião, o foi tempo necessário para a consolidação de sua presença em um ambiente com pouco ou nenhum conflito. É possível ainda que o clima comunitário e solidário tenha favorecido um ambiente mais amistoso, diferente da atmosfera de intolerância contra o Espiritismo comumente promovida pela Igreja Católica.

Consideramos que, mais do que simplesmente não apresentar um quadro de ruptura, o caso estudado evidencia a assimilação de certos elementos da cultura católica, como a realização de “catecismo”, “batizados” e “casamentos” aos moldes da religião hegemônica. Parece que, pela ausência do clero católico, em Ponte do Cosme não houve a necessidade de uma demarcação através de uma superioridade

moral e evolutiva em relação ao Catolicismo. Pelo contrário, por lá, apesar do caráter evolucionista e reinterpretaivo da Doutrina, houve também uma assimilação de elementos da moral e dogmas católicos, trazendo um arranjo original entre uma Doutrina nascida no bojo da modernidade e com elementos clássicos da religião dominante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira**. 2008. 226 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) –Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ARRIBAS, Célia da Graça. Espíritas e Católicos: os “adversários cúmplices” na formação do campo religioso brasileiro. **Debates do NER**, Porto Alegre, n. 15, p. 13-37, jan. /jun. 2009.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Religiões Mediúnicas no Brasil. In: _____ (Coord.). **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis: Vozes:1973.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o carma e a cura: tensão constitutiva do Espiritismo no Brasil. **Plura**, v. 7., n. 1, p. 230-251, 2016.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o cármico e o terapêutico: dilema intrínseco ao Espiritismo. **Rhema**, v. 6., n. 23, p. 113-128, 2000.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Fora da Caridade não há Religião! Breve História da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na cidade de Juiz de Fora (1900-1960). **Locus - Revista de História**, v. 7, n. 1, p. 131-154, 2001.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Le Livre des Esprits na Manchester Mineira. **Rhema**, v. 4. n. 16, p. 199-223, 1998.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DAMAZIO, Sylvia. **Da Elite ao Povo**: Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

GIUMBELLI, Emerson. Heresia, doença, crime ou religião: o espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 31-82, 1997.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro - 1550-1800**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

LEWGOY, Bernardo. **O Grande Mediador**: Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Edvaldo. **A Caridade e a Assistência**: o processo de reordenamento socioinstitucional “vivido” no cotidiano de uma instituição religiosa espírita prestadora de serviços socioreligiosos localizada na Rocinha - cidade do Rio de Janeiro. 2017. 181 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

STOLL, Sandra Jaqueline. **Espiritismo à Brasileira**. Curitiba: Editora Orion, 2003.

COMO A “RAMA DE ABÓBORA”: O MOBON, AS CEBS E A FORMAÇÃO DE COLETIVOS QUE LUTAM PELA DEFESA DE DIREITOS E RECONHECIMENTO NA ZONA DA MATA MINEIRA

Ramon da Silva Teixeira

Pesquisador, licenciado em Letras pela UEMG-Carangola, bacharel em Ciências Sociais pela UFV, mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ, doutorando em Ciências Sociais pelo CPDA/UFRRJ, e-mail: ramoneps2014@gmail.com.

RESUMO

Neste capítulo buscarei comunicar sinteticamente um pouco do que desenvolvi na pesquisa de mestrado em Antropologia Social. Detidamente refletirei sobre a pedagogia do Movimento da Boa Nova (Mobon) e o consequente processo socializador promovido na Zona da Mata mineira pelo movimento no pós-Concílio Vaticano II (1962-1965) até os dias atuais. O foco será a descrição e análise do que chamei de “Sistema de aprendizagem ‘do’ Mobon”. Assim, a partir da participação e observação de vários momentos e situações durante a pesquisa de campo realizada no período de outubro de 2017 a novembro de 2019 – sobretudo, através da vivência de um curso do Mobon –, mapeei o conjunto de saberes aprendidos por lideranças leigas no contato com o Mobon e analisei o modo como esses saberes são apropriados e ressignificados por esses sujeitos e são acionados para “fazer a luta” em diversas frentes, como, por exemplo, no processo de formação de diversos sindicatos dos trabalhadores rurais e diretórios do Partido dos Trabalhadores (PT) na região da Zona da Mata mineira e além. Deste modo, objetivei trazer para o centro do debate sobre o catolicismo “da libertação” a sua intercessão com a construção de cidadania e a formação política de lideranças leigas. Como se constatou, essas lideranças reelaboram, ressignificam, retributam e reconstroem os modos de fazer a luta com base, entre outras coisas, em um repertório de valores e saberes advindos do contato com os cursos do Mobon. Como demonstrarei, a simbiose de saberes “da libertação” com outros valores e saberes seculares, ajustados situacionalmente pelos coletivos, é o que mantém a vitalidade dos coletivos “igrejeiros” que lutam pela defesa de direitos e reconhecimento na Zona da Mata mineira.

Palavras-chave: Mobon. Religião. Política. Trabalho de base. Ativismo social.

ABSTRACT

In this chapter, I aim to concisely communicate the findings from my master's research in Social Anthropology. I will make a detailed reflection on the pedagogy of Boa Nova Movement (Mobon), and the consequent socialization process promoted in the Zona da Mata region of Minas Gerais from the post-Second Vatican Council (1962-1965)

period to the present day. The focus will be on the description and analysis of what I called the “Mobon Learning System.” Drawing from participation and observation of various moments and situations during the field research carried out from October 2017 to November 2019 – most notably through the experience of attending a Mobon course – I mapped the set of knowledge acquired by lay leaders in their interaction with Mobon. I analyzed how this knowledge is appropriated, reinterpreted, and mobilised by these individuals to “make opposition” on various fronts, such as, for example, in the process of formation of rural unions and directories of the Workers' Party (PT) in the Zona da Mata region and beyond. Thus, my objective was to bring to the forefront of the debate on “liberation” Catholicism its intersection with citizenship building and the political formation of leaders. As has been observed, these leaders rework, reinterpret, and reconstruct their modes of struggle, drawing on, among other things, a repertoire of values and knowledge derived from their engagement with Mobon courses. As I will demonstrate, the symbiosis of “liberation” knowledge with other values and secular knowledge, situationally adjusted by collectives, is what sustains the vitality of the “church-based” collectives that fights for the defense of rights and recognition in the Zona da Mata region of Minas Gerais.

Keywords: Mobon. Religion. Politics. Grassroots work. Religious-political activism.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista o debate sobre as relações entre religião e política (Kertzer, 1983; Romano, 1995; Novaes, 1997, 2001; Comerford, 2003; Rolemberg, 2020), especialmente, no que se refere à influência do catolicismo pós-Concílio Vaticano II (1962-1965)⁵⁷ para o desenvolvimento e conformação de um modo *sui generis* de *viver a religião* e de *fazer política* – no Brasil expressamente alicerçado com base na Teologia da Libertação, que legou um ponto de vista religioso-político orientado pela noção teológica de “opção preferencial pelos pobres”⁵⁸ e orientou a aposta na formação de comunidades eclesiais de base (CEBs) –, nesse texto buscarei comunicar sinteticamente e atualizando alguns pontos, um pouco do que desenvolvi na pesquisa de mestrado em Antropologia Social (Teixeira, 2020a).

Sabendo de uma contradição constitutiva – a de que em nosso país “a religião católica historicamente tem fornecido parte significativa do cimento que sustenta a

⁵⁷ Cujas implicações para a Igreja, para a atuação, protagonismo e reconhecimento dos leigos e das leigas pela Igreja Católica e, conseqüentemente, para as relações de poder entre hierarquia eclesiástica e o laicato, são bem refletidas pelos colegas Reinaldo Schiavo e Fabricio Oliveira, no capítulo 2 deste livro.

⁵⁸ Para esse trabalho utilizo as aspas simples (‘x’) para problematizar termos e expressões, bem como para marcar as aspas duplas dentro de citações bibliográficas longas; das aspas duplas (“x”) para as falas dos informantes e citações bibliográficas curtas; do itálico (x) para as categorias nativas e palavras estrangeiras.

estrutura e dá legitimidade às desigualdades sociais e formas de dominação”, ao passo que é também por meio da religião que se expressam “elementos contraditórios e de resistência que permeiam o sistema de dominação tradicional” (Novaes, 1997, p. 10) –, neste trabalho refletirei sobre a pedagogia de um movimento católico de evangelização da Diocese de Caratinga, o Movimento da Boa Nova (Mobon), e o consequente processo socializador promovido pelo movimento desde o período conciliar até os dias atuais.

Sobretudo, ligando alguns pontos sobre: a relevância dos saberes fazeres aprendidos nos cursos promovidos pelo Mobon para a dinamização dos conflitos de classe no campo vistos nos córregos da Zona da Mata (Comerford, 2003); a contribuição para a organização dos camponeses, posseiros, meeiros, boias-frias da região e o vislumbre de algumas bandeiras e processos de luta, e; a formação da identidade “igrejeira” de alguns movimentos que acompanho desde 2009. Assim, o foco nesta comunicação será a descrição do que chamei de “Sistema de aprendizagem ‘do’ Mobon”. Isto é, um repertório de práticas e saberes aprendidos através do contato com os cursos do Mobon, que passaram a ser acionados para “fazer a luta” (Comerford, 1999) em diversas frentes.

Buscando respostas para como essas pessoas dos sindicatos/movimentos/pastorais aprenderam a necessidade de se organizar? Como se organizaram para defender seus direitos? Em quais fontes beberam para poderem criar, reinventar-se e resistir às intempéries colocadas pela história?, mapeei o conjunto de saberes fazeres comuns de “fazer a luta” aprendidos e analisei os diferentes modos como são apropriados e ressignificados pelas lideranças leigas⁵⁹, “filhos/as de Mobon/CEBs”. Para além, orientou a análise a procura pela compreensão de como tal sistema de aprendizagem foi (é) incorporado, (re)produzido e ressignificado em diferentes escalas, *i. e.*, entre gerações e entre diferentes contextos situacionais.

Multissituada, a pesquisa de campo foi realizada me valendo das oportunidades em que, como parceiro/colaborador/voluntário/participante, participei, eventualmente,

⁵⁹ A expressão “leigo”, “leiga” ou “liderança leiga” é recorrente tanto entre missionários quanto entre os fiéis com que tive contato. O termo é utilizado para designar aqueles que possuem o papel de missionário, mas que não fizeram votos religiosos. Aparece no discurso tanto dos clérigos quanto dos fiéis como uma qualidade, um *status* importante. Nas narrativas clericais, o termo “leigo” vinha sempre seguido da sua importância e dever, leigo é todo aquele que foi batizado e assume o compromisso de ser cristão.

de reuniões, encontros, cursos e festas comunitárias e religiosas. Isto é, de alguns encontros marcadamente ritualizados, durante os quais as lideranças estabeleceram sociabilidade, fizeram uso da palavra, promoveram debates, ‘representaram’ seu ‘movimento’, fizeram mística⁶⁰, conduziram “preces” e articulações. O conjunto de práticas e saberes mapeados advém da vivência e observação desses vários momentos e situações.

Como demonstrei, esses sindicatos, movimentos, pastorais, associações e partidos se teceram “na combinação entre categorias seculares e religiosas” (Novaes, 1997, p. 7) e tiveram como base os saberes e valores formados por um setor da Igreja Católica que buscava (busca) a “libertação” dos “oprimidos”. Como demonstram uma série de pesquisadoras/es (Cintrão, 1996; Ricci, 2002; Comerford, 2003; Silva, 2010; Oliveira, 2012 entre outros), esses movimentos possuem um valor capital para a mudança das relações sociais e de poder na região da Zona da Mata mineira e outras regiões que com essa região possuem contato.

De maneira geral, como escreveu Iko (1996) a relação entre religião libertadora e os camponeses e demais sujeitos sociais foi fermento para uma crítica à exploração. Em suas palavras:

A relação entre os religiosos da Teologia da Libertação e os vários grupos de camponeses e demais sujeitos sociais produzindo paulatinamente uma aproximação entre o discurso religioso e a crítica ao modelo explorador vivenciado pelo capitalismo tardio latino-americano. (*Ibid.*, p. 16).

Consoante ao analisado por Novaes (1997) no estado da Paraíba, aqui as crenças e símbolos religiosos foram “matéria-prima para a construção e identidades que motivam e respaldam lutas sociais” (p. 7). Destarte, o empreendimento iniciado no final da década de 50 do século XX por um movimento coordenado por padres da Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora junto aos “pequenos” dos córregos (sitiantes, meeiros, boias-frias), na Diocese de Caratinga, repercutiu nomeadamente “no processo de construção da cidadania dos trabalhadores rurais” (*Ibid.*, p. 24) da Zona da Mata. Quero dizer, com o passar dos anos, desenrolou-se na região, sem automatismos e considerando as contradições inerentes ao processo, uma série de empreendimentos comunitários e/ou

⁶⁰ Quero dizer, “um determinado momento celebrativo, que pode ser, por exemplo, uma encenação teatral, uma apresentação musical, ou a declamação de um poema” (Rolemberg, 2021, p. 3).

associativistas com vistas a “ajudar o outro” (Theije, 2002, p. 270-271), bem como, a conformação de partidos políticos e de carreiras políticas.

Repaginado pelos missionários sacramentinos de Nossa Senhora no final da década de 1960, sob os novos ares das mudanças conciliares em sintonia com as orientações do Concílio Vaticano II (1962-1965), o Mobon é uma espécie de continuidade ‘com mudanças’ do Movimento de Apostolado dos Pioneiros do Evangelho (Mape)⁶¹. Dito isso, o Mobon é um movimento católico de evangelização baseado na formação bíblico teológica popular continuada, que se efetiva a partir de cursos de formação de lideranças e de “cursos de base”. Os objetivos principais do movimento são a criação e manutenção de comunidades; e a formação de lideranças. O movimento, a partir do final da década de 1970, politiza-se mais e contribui com a formação de diversos sindicatos e diretórios do Partido dos Trabalhadores (PT), bem como para a eleição de alguns políticos desta legenda (Oliveira, 2012).

Fazendo um recorte explicativo (afinal de contas, os fenômenos sociais são multifatorialmente condicionados), procurei analisar mais detidamente como se deu a “passagem de uma coisa à outra”, ou antes, como uma coisa pode, por meios de *processos variáveis*, tornar-se outra coisa. Isto é, como um católico comum se torna um católico engajado, como um movimento religioso ‘se transforma’ em movimento “mais político” e reverbera outros ‘movimentos’; como esses saberes se transformam em ‘outros’ saberes, etc. Assim, o que orientou a escrita foi a análise das práticas educativas colocadas em movimento pelo Mobon e como estas foram (re)produzidas, apropriadas e modificadas por lideranças em outros contextos sociais.

Parti da imaginação socioantropológica (cf. Geertz, 2008; Berger, 1986) para a tessitura de uma teoria social possível sobre a conformação de lideranças e militantes camponeses com atuação social e política na Zona da Mata mineira e além. Assim, jogando com contextos (Strathern, 2013), produzi uma tradução possível, (de)limitada, para o amplo saber com o qual tive contato durante o trabalho de campo realizado de outubro de 2017 a novembro de 2019.

⁶¹ O Mape foi um movimento majoritariamente masculino, de cunho apologético, que objetivava formar “oradores de renome”, ou, exímios leigos apologetas para os embates públicos, sobretudo, com os evangélicos, em defesa da doutrina positiva da Igreja Católica. Como detalha Oliveira (2012, p. 48-49), através de “aulas bíblicas”, “O Mape transmitia informações bíblicas, instrumentalizando leigos para refutar argumentos dos protestantes. Esse processo era uma busca pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e internalização de esquemas de pensamentos comuns entre fiéis católicos. [...] As aulas eram adaptadas para grupos católicos de baixa escolaridade, uma espécie de catequese de adultos, em que se exigia esforços desses últimos para defenderem o catolicismo”.

Assim, o texto que o leitor tem em mãos busca apresentar e refletir sobre a sociogênese do Sistema de aprendizagem ‘do’ Mobon e os processos variáveis decorrentes de sua criação e difusão na Diocese de Caratinga e outras dioceses parceiras.

OS CURSOS DO MOBON

Para compreender a maneira como se aprende-ensina e se (re)produz os saberes fazeres ‘do’ Mobon na construção das “lutas” e da identidade militante de alguns “movimentos igrejeiros” (Sanchis, 1990) que acompanhei, antes devemos nos debruçar sobre o principal “veículo para a mensagem” (Theije, 2002, p. 310) “da libertação” dos missionários sacramentinos de Nossa Senhora. Isto é, olhar para os cursos promovidos pelos missionários sacramentinos e/ou pelas lideranças formadas por eles.

Isto porque é durante os cursos que os/as leigos/as entram em contato com a Teologia da Libertação sistematizada pelos missionários sacramentinos, que realizam a primeira mediação cultural de suas práticas e seus significados. É através dos cursos que os/as leigos/as entram em contato com a pedagogia do movimento, aprendem seus saberes fazeres e recebem as credenciais para poderem multiplicá-los em suas comunidades ou em outras, onde forem convidados.

Os cursos do Mobon são reelaborações das “aulas bíblicas” do Mape. Quer dizer, são cursos que surgem da reorganização destas “aulas bíblicas”, que, a partir dos novos propósitos pós-conciliares, perdem seu caráter formativo apologético (sobretudo, formar leigos/as para “proteger” a doutrina católica e “combater” os evangélicos nas comunidades rurais e pequenas cidades). De outro modo, tendo em vista o *aggiornamento* pós-conciliar que o Mobon teve contato através da participação de um dos seus missionários em um curso da Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM) sobre catequese, em 1966, no Chile⁶², como contou Alípio Jacinto, “foi possível dar continuidade ao sistema Mape dentro do espírito do Concílio Vaticano II, sob orientação do Papa João XXIII” (Costa, 2009, p. 3).

⁶² Após ter se preparado por sete meses em Divino-MG, o missionário embarcou para o Chile. Por lá, de março a outubro de 1966, participou do curso promovido pela CELAM. Ao retornar ao Brasil, Alípio sentiu que do jeito combativo do Mape “não tava bão. Não podia ser. E que o ponto de partida seria ligar a nossa vida pessoal” à fé cristã.

Como apontaram Oliveira e Zangelmi (2009, p. 216), “O maior público dos cursos era e continua sendo pessoas provenientes de comunidades rurais”. Tendo em vista essa especificidade, além de uma situação de “escassez relativa de padres” (Novaes, 1997, p. 13), na formação de lideranças e na criação, animação e manutenção de comunidades de base (Oliveira, 2012), o Mobon passou a levar em conta em seus cursos um conjunto de elementos, tais como:

- A consideração do modo de vida dos camponeses, sobretudo, pequenos sítiantes e meeiros (que trabalhavam para fazendeiros médios ou “grandes” para os parâmetros locais), que plantavam café e lavouras brancas;
- A estruturação de comunidades em torno das capelas (casa que se pretende “de todos”);
- A inserção da leitura bíblica (palavra escrita) no seio do povo e o ensino da exegese bíblica;
- O incentivo do anúncio da palavra de Deus por leigos/as;
- O incentivo à “andança” missionária dos/as leigos/as por diversas localidades e o, conseqüente, alcance intermunicipal e interparoquial do movimento;
- O ensino às/aos leigas/os do exercício da paciência (de ouvir e deixar o nervosismo e o cansaço para o adversário);
- A formação dos leigos por meio de cursos (“aulas bíblicas”);
- A publicação de roteiros em linguagem acessível, “ao alcance de todos”;
- A utilização de linguagem mais simples, “ao alcance de todos”, durante os cursos;
- A preocupação com o desenvolvimento de um trabalho de evangelização que não seja somente religioso, mas que preveja e incentive ações em matéria de promoção social⁶³.

Assim, os missionários desenvolveram um modelo pastoral fundamentado em três principais características: a centralidade das Sagradas Escrituras, a valorização do leigo e a descentralização da estrutura paroquial em benefício de pequenas

⁶³ A lista foi elaborada a partir da compilação de informações extraídas de Comerford (2001), Oliveira (2012) e Costa (2009).

comunidades (Araújo, 1999). Nesse contexto, são quatro tipos de cursos organizados pelo Mobon. A saber: (i) os cursos de base; (ii) os cursos de aprofundamento e revisão; (iii) os cursos preparatórios para a vivência dos tempos do Advento⁶⁴ e da Quaresma⁶⁵, e; (iv) o curso de cântico litúrgico-pastoral.

Os cursos de base acontecem nas comunidades. Geralmente, são preparados pela equipe coordenadora do Mobon ou pelas lideranças leigas mais experientes treinadas para esse serviço, sempre em duplas, os chamados “Missionários do Reino”. Para esses cursos são convidados todos os que moram na comunidade, sem distinção. O objetivo principal é formar e/ou dinamizar nas comunidades os grupos de reflexão e as missões comunitárias. Tanto nos cursos quanto nos grupos de reflexão e nas missões são despertadas novas lideranças.

A “menina dos olhos”⁶⁶ dos missionários do Mobon, os grupos de reflexão geralmente são formados por 8 a 12 famílias. Possuem um coordenador ou dirigente, um vice dirigente, um secretário e um tesoureiro geral. Reúnem-se semanalmente em torno da reflexão da leitura e interpretação da Bíblia auxiliadas pelos roteiros de reuniões produzidos pelo Mobon e/ou outras equipes missionárias da Diocese de Caratinga. Os encontros são organizados em 9 momentos e não duram mais que 1 hora. Nesses grupos, podem-se discutir “Problemas de catequese, de escola, política, Igreja, economia, associação de moradores, sindicatos, saúde, cooperativismo, mutirões, ação comunitária, etc.” (Iorres, 1988, p. 16). Ao fim das chaves de leitura propostas pelos roteiros, as perguntas problematizadoras provocam a reflexão aproximando “vida e fé” e o encaminhamento da “tarefa da semana” desperta para a ação comunitária. Por fim, os grupos, em algumas paróquias, encontram-se mensalmente para apresentarem os resultados das reflexões durante a reunião do Plenário.

Os grupos assumem uma centralidade, pois são eles que mantêm a ideologia e as práticas do Mobon mais próximas dos leigos, de uma forma ‘cotidiana’. É através dos grupos que “A palavra circula e toca o coração dos participantes; ajuda-os a

⁶⁴ O Advento é o tempo litúrgico que antecede o Natal. Começa na noite do sábado, véspera do primeiro domingo, e vai até o dia 24 de dezembro. Neste tempo, os símbolos utilizados nas missas e celebrações (as cores roxa e rosa, a coroa ou grinalda do Advento, por exemplo) ajudam a mergulhar no mistério da encarnação (Araújo, s. d.).

⁶⁵ A Quaresma abrange o tempo litúrgico que antecede a Páscoa. Este tempo foi instituído como a preparação para o Mistério Pascal, que compreende a paixão e morte (sexta-feira Santa), a sepultura (sábado Santo) e a ressurreição de Jesus Cristo (domingo e oitava da Páscoa) (Tempo da quaresma, s. d.).

⁶⁶ Missionário sacramentino Alípio Jacinto, entrevista 8 fev. 2018.

entender a realidade, ilumina a vida, abre-os para a comunidade, transforma-os”⁶⁷. Junto com os “cursos de base” possibilitam a transmissão da maneira de fazer do Mobon de geração para geração familiar dentro das comunidades, assim como fora delas. Nos grupos de reflexão é onde a autonomia relativa (Brandão, 2007) se faz valer da forma mais plena. É o leigo evangelizando o leigo “na base”, tendo como referência um roteiro desenvolvido pelos religiosos e/ou leigos basistas. O que por sua vez, confere um ponto de partida comum para o que se discute, criando uma “comunhão eclesial de toda uma diocese que se reúne”⁶⁸. Assim, a Igreja Católica ‘divide’ a gestão sobre a interpretação da História Sagrada e se faz presente em ‘todos os lugares’.

Como explicou Alípio, o ponto principal do trabalho do Mobon:

[...] seria a animação dos grupos de reflexão, porque **é a Igreja na base**, é a Igreja nas famílias, é a Igreja nas varandas... em qualquer lugar tá lá o grupo discutindo a palavra de Deus e a Igreja ali presente. [...]. No começo nós mostramos pra eles como é que conversa em torno de um texto bíblico. Aí eles começavam a conversar. Aí ia pro grupo de reflexão. Lá no grupo de reflexão fala, comenta o texto bíblico, comenta **os fatos da vida, como é que é, porque lá em casa a coisa tá desse jeito** (grifos meus)⁶⁹.

Criados os grupos de reflexão e despertadas as novas lideranças, o segundo tipo de curso, de aprofundamento e revisão, mais conhecido como “Pré-Boa Nova” e “Boa Nova”, possui o objetivo de formar lideranças para darem continuidade à animação comunitária. Esses cursos acontecem nas casas de treinamento nas diversas paróquias. Em algumas paróquias existem casas de curso/retiro específicas para a realização de cursos dessa espécie, em outras se utiliza o salão paroquial ou a sede de seminários. Destaque para os cursos realizados na Casa do Mobon, em Dom Cavati, que desde 1979 recebe novas lideranças para a formação, e ao longo do tempo passou a ser vista como uma “casa central” do movimento⁷⁰.

Como informa Gomes e Andrade (2011), o Pré-Boa Nova no princípio durava seis dias, atualmente dura apenas três. Já o Boa Nova, devido à dificuldade de disponibilidade de tempo das pessoas, a partir de meados de 1990 foi dividido em Boa

⁶⁷ Extraído do documento “A missão do(a) coordenador(a) de Grupo de Reflexão” distribuído às lideranças comunitárias em 2018, na Paróquia do Senhor Bom Jesus de Manhumirim.

⁶⁸ Missionário sacramentino Denílson Mariano, entrevista online, 18 set. 2018. In: Os círculos bíblicos... (2018).

⁶⁹ Missionário sacramentino Alípio Jacinto, entrevista 8 fev. 2018.

⁷⁰ Sobre a Casa do Mobon, vale cf. Oliveira (2019) e Teixeira e Rabelo (2019).

Nova 1ª fase e Boa Nova 2ª fase, cada etapa com duração de três dias. Respectivamente, os temas debatidos são:

[Pré-Boa Nova:] 1. Palavra de Deus anunciada para formar um povo; 2. A partir deste povo forma-se a Igreja (da baixada = de base, diferente/contrário da Igreja do alto, distante do povo e ligada à situação); 3. Nesta Igreja destaca-se o leigo que vai fazendo sua experiência de vida comunitária. [...]. [Boa Nova:] 1. O Evangelho; 2. Evangelização; 3. Conversão no Antigo Testamento; 4. Conversão no Novo Testamento; 5. Apostolado; 6. Vida de comunidade (*Ibid.*, p. 64).

O terceiro tipo de curso, de animação para os eventos do tempo litúrgico anual, diz respeito aos cursos de Natal e de Semana Santa, que nessas épocas tentam “atualizar estes acontecimentos dentro das situações de hoje” (Resende, 1988, p. 12). Desde 1995, o curso de preparação para a Quaresma passou a incorporar os temas da Campanha da Fraternidade (CF) organizados pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), sendo então renomeado para Curso da CF. E a partir de 2000, o curso de Natal deixa de existir⁷¹ e o movimento passou a ministrar o Curso do Mês da Bíblia, a partir da reflexão de um tema também sugerido pela CNBB. Como explicou Mariano⁷², com as mudanças se buscou intencionalmente maior “sintonia” do Mobon com as orientações da Igreja Católica do Brasil.

Esses cursos da CF e do Mês da Bíblia devem ser replicados em massa. Quer dizer, quem participa deles se torna responsável por reproduzi-los nas comunidades⁷³. Geralmente esse repasse é feito numa espécie de “mutirão missionário” (Gomes; Andrade, 2011, p. 59). Ou seja, os missionários, em duplas ou trios, reproduzem o que aprenderam em sua comunidade e/ou em outras comunidades da paróquia a qual pertencem e/ou em outras paróquias. Esses cursos replicados acontecem nas casas de cursos ou salões paroquiais, com duração entre um a três dias, geralmente nos finais de semana e reúnem em média vinte pessoas.

A quarta espécie de curso, o de cântico litúrgico-pastoral, é onde são ensinadas as músicas “da caminhada”. Costuma acontecer na Casa do Mobon no início do ano, mas não só neste local e nesse período. Há algum tempo, o curso e o material (roteiro com as letras, caderno de cifras, CDs e fitas K7) são organizados por um leigo dono

⁷¹ Como me explicou Denílson Mariano, em conversa de WhatsApp, em 9 fev. 2019, no âmbito do Mobon “não existe mais preparação para o natal, esta fica por conta da novena de Natal” que é realizada nas comunidades, fomentada pelos párocos e coordenadores de grupos de reflexão.

⁷² Em conversa por telefone, em 13 mar. 2019.

⁷³ Reside nesse imperativo a força do “efeito multiplicador na transmissão da Boa Nova” (Rabelo, 2019).

do estúdio e gravadora em Matipó-MG, com a supervisão do missionário Denílson Mariano. Este curso é um nos quais se aprende e se ensina a cantar as canções “da religião libertadora” que serão utilizadas nas celebrações e missas nas comunidades, incluindo as músicas da CF do ano corrente, além de ser um espaço onde músicos e compositores das comunidades criam e apresentam suas composições, seus cantos, ensaiam e trocam experiências, técnicas, letras e melodias. Geralmente, os participantes desse curso fazem parte da “equipe de cântico” ou “de animação” em suas comunidades/paróquias.

O formato dos cursos é como uma aula, em que o professor explica o texto e faz perguntas à classe. É nesse momento que leigos e leigas aprendem ou reforçam o saber falar e escutar. Como se nota, apesar das mudanças de conteúdo e propósito das “aulas bíblicas” do Mape para os “cursos” do Mobon, o formato de fazer o compartilhamento do conhecimento, na maior parte do tempo, continuou sendo a partir de aulas, em seu formato convencional, em que o missionário cumpre o papel de professor, posicionando-se à frente dos catequizandos, utilizando, ora ou outra, o quadro e o giz (ou mais recentemente, o projetor) e mediando a fala do público.

Figura 1 – Missionário João Resende, de pé, em frente ao quadro negro, Casa do Mobon, em 1970



Fonte: Araújo (1999, p. 46).

Figura 2 – João Resende, de pé, em frente ao quadro negro e à tela de projeção, na Casa do Mobon, em 2018



Fonte: O autor (2018).

Em resumo, os cursos funcionam como uma espécie de “catequese para adultos”. Um momento em que os/as cursistas, cada um/uma à sua maneira e dentro de suas possibilidades para a ação, incorporam uma série de princípios que dão fundamento ao ser e fazer CEBs dinamizadas pelo Mobon. Com poucas alterações desde a aurora do Mobon até os dias de hoje, nos cursos os/as participantes entram em contato, através de uma série de ritualizações que “desencadeiam emoções e criam quadros mentais receptivos” (Kertzer, 1988, p. 99 *apud* Theije, 2002, p. 312), com “alguns princípios básicos capazes de criar em todos uma certa disciplina” (Costa, s. d., p. 4).

Como crê um dos fundadores do Mobon, o missionário Alípio Jacinto:

Essas atividades vão despertando o povo ao ponto de “pedir marcha”, isto é, o povo começa [a] pedir esclarecimentos, cursos, treinamentos, tudo isso como exigência de uma caminhada. Aqui não se trata de cursinhos que dá diplomas ou certificados. Trata-se de cursinhos periódicos que animam e fortificam a caminhada de comunidade e, aos poucos, levam o povo a se organizar em sua classe social (agricultores, operários, etc.). Naturalmente o povo vai se organizando oficialmente em associações para ajuda mútua e os sindicatos combativos, os quais vão lutando por sua real autonomia e contra peleguismos de quaisquer tipos [...] (Costa, s. d., p. 2).

Como maior público dos cursos são de pessoas provenientes de comunidades rurais (Oliveira; Zangelmi, 2009), desde o princípio seus mediadores eclesiais se atentaram para o ditame da dialogicidade com os “pequenos”, mediante o uso de

parábolas, “comparações, provérbios e ditados populares”. Ditame esse que se fundamenta em uma “pedagogia do oprimido” (Freire, 2017). Afinal, como se expressou João Resende, referindo-se a uma das lições do educador Paulo Freire com a qual teve contato e muito marcou o Mobon, “‘Antes de ensinar matemática ao Pedro, conheça o Pedro’”⁷⁴. Assim, portanto, organizar e mediar os cursos do Mobon pressupõe a paciência, “a escuta do povo” e a observação atenta e sistematizada dos “relacionamentos homem-mato” (Brandão, 1999, p. 81), saberes do mundo cotidiano dos “pequenos” dos córregos (meeiros, sitianteiros, posseiros, boias-frias) em sua relação produtiva e afetiva com a “na natureza” (Teixeira, 2020b).

Como relata João Resende⁷⁵, na fase inicial do Mobon, ele “ia pra beira da lavoura, ajudava o pessoal apanhar café e a gente pegava o ritmo, pegava o jeito”. A observação desses relacionamentos homem-mato é o que estrutura a *práxis* comunicativa entre missionários do Mobon e grupos católicos leigos na Zona da Mata mineira e região. Assim, as comparações utilizadas pelos mediadores “tinham o meio rural como foco principal de análise” (Oliveira, 2010, p. 49). Como descrito pelos missionários no site do Mobon:

Um dos pontos marcantes da Boa Nova é o uso da linguagem simbólica através de comparações que vão encontrando a porta de entrada na cultura do povo. Este tipo de linguagem deixa todos mais à vontade. Isto desinibe o leigo e leva a colaborar fortemente na evangelização (Conheça-nos, 2021, 2ª§).

Como escreveu João Resende a respeito da metodologia do Mobon que perpassa todos os cursos e perdura até o presente:

A Bíblia é o livro básico. É a luz da caminhada. É a balisa. O MOVIMENTO DA BOA NOVA – MOBON usa mais o método da conversa. Em seus cursinhos não se fazem propriamente palestras. Há uma preocupação grande com a inculturação. Por isso usam-se muito comparações tiradas do mundo dos participantes. O dirigente procura deixar os participantes bem à vontade, para que tenham condições de dizer o que estão sentindo. O debate é muito valorizado. Através dele a pessoa se compromete mais e, ao mesmo tempo, se responsabiliza mais. Procura-se fazer tudo com mais simplicidade. [...] (Resende, 1988, p. 12).

⁷⁴ Entrevista, em 6 jan. 2018. Nesta entrevista, o missionário diz ter estudado o livro “Pedagogia do Oprimido”, obra publicada em 1968, e é provável que o missionário, ao dizer esta frase, quisesse se referir à famosa citação do educador que diz: “Não basta saber ler que ‘Eva viu a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”.

⁷⁵ Em entrevista, em nov. 2009. In: Oliveira (2010, p. 49).

Enfim, em um contexto atual de declínio e perda de hegemonia do catolicismo – sobretudo, o ligado à Teologia da Libertação –, apesar de existirem relatos e dados sobre a baixa participação nos cursos envolto por uma ‘retórica da perda’ ou até mesmo do ‘fim’ da dinâmica dos cursos em que “leigos formam leigos” entre os sacerdotes e os/as leigos/as, que falam do ‘esfriamento’ do interesse pelas CEBs e suas atividades correlatas, principalmente entre os jovens⁷⁶, as pessoas continuam se reunindo, celebrando, fazendo os cursos e os replicando nas comunidades.

É importante dizer, ao participarem dos cursos, por meio da prática de uma série de saberes fazeres (articulados no Sistema de aprendizagem ‘do’ Mobon), os cursistas aprendem a ‘maneira Mobon’ de fazer as coisas e incorporam “uma lista de prescrições de conduta do líder” (Rabelo, 2019, p. 56), as quais “dizem respeito a como a pessoa deve ser [...] sobre o trabalho da liderança em construção consigo mesma. [e] [...] também de um trabalho da relação com a comunidade” (*Ibid.*, p. 56-57). No fim, as pessoas “aprendem a aprender” (Bateson, 1972) e se transformam em um tipo de sujeito moral específico, fundamentado em um vocabulário moral que aproxima *luta*, *ação* e *obras* (Rabelo, 2019, p. 57).

Como visto em Comerford (2001) e Oliveira (2012), sobretudo, no final da década de 1970, o Mobon se politiza mais. De outro modo,

[...], passa a tomar forma mais concreta a preocupação com a *promoção humana*, conforme as comunidades “vão descobrindo o plano de Deus para os homens”, nas palavras do padre Gwenaél. “As comunidades reconhecem que muitos males encontram soluções nelas mesmas e, cada vez mais conscientes de sua responsabilidade comunitária, vão transformando o fatalismo e a passividade em que viviam em uma ação comunitária construtiva, confiando na força que existe na união de todos” (Comerford, 2001, p. 273).

Nessa tecitura entre a religião e a política, a noção de religião libertadora veiculada pelos mediadores do Mobon (missionários e lideranças leigas), está voltada para uma noção teológica de “Igreja em saída”⁷⁷. Isto é, de um catolicismo que valoriza

⁷⁶ Diversos foram os momentos em que se ouviu sobre esses ‘temores’ em campo. O tema também foi alvo de reflexões em alguns artigos na *Revista Diretrizes*, órgão oficial de comunicação da Diocese de Caratinga-MG, e na *Revista O Lutador*, revista da Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora. A saber, são informativos acerca desse tema os artigos “Trocando em miúdos”, especificamente a parte “A queda na frequência” (*Revista Diretrizes*, n. 809, fev. 2009, p. 31-32); “A queda da casa” (*Revista Diretrizes*, n. 809, fev. 2009, p. 34-35) e “Um fermento evangelizador” (*Revista O Lutador*, n. 3911, maio 2019, p. 8-9).

⁷⁷ O termo é costumeiramente utilizado por alguns interlocutores. O termo foi cunhado pelo papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2013). Nesse texto, o papa coloca ênfase rezar “com obras”. Uma Igreja que busque sair de si mesma. Nela, “A centralidade da missão é um ponto

a descentralização da estrutura paroquial e o deslocamento através de uma dimensão missionária (a “andança” missionária), em que leigos e leigas se movimentam por diversas localidades, formando a si mesmos, conhecendo os problemas uns dos outros (muitos comuns) e se articulando em busca de transformações da realidade, que em alguns casos desencadeou em diferentes ativismos e lutas.

Como lembra Comerford (2003), “a fé sem obras é morta” é um lema recorrente entre as lideranças das CEBs na Zona da Mata de Minas Gerais, e tal disposição pavimentou o estado de espírito para uma “mudança acentuada na maneira pessoal e coletiva de se viver a experiência da própria religião [...] que implica agora a centralidade da conscientização, um novo compromisso ético e político e a ênfase em participação em lutas populares” (Teixeira, 2009, p. 26). Isto é, um refiliação em “uma mesma tradição [católica] [...] até então mantida formalmente” (*Ibid.*). Em termos êmicos, trata-se de praticar um catolicismo que conecta “fé e vida”, em que o leigo ou leiga “encarne” a mensagem do Evangelho dando “testemunho de vida” nas comunidades.

O SISTEMA DE APRENDIZAGEM ‘DO’ MOBON

Primeiro, quando digo saberes ‘do’ Mobon, não quero afirmar que tais saberes são exclusivos, originários ou uma inovação do movimento da Diocese de Caratinga. Afinal, os saberes do Mobon se aproximam e se diferenciam de outros movimentos de evangelização alinhados ao catolicismo “da libertação” Brasil afora⁷⁸ – muitos, contemporâneos ao Boa Nova. Assim, pode-se dizer que, no que se refere ao processo socializador promovido pelo Mobon na Zona da Mata, influenciados pelo *aggiornamento* que passou a orientar a ação pastoral da Igreja Católica a partir do final dos anos 1960 e que foi perdendo sua hegemonia por volta do final da década de 1990, os saberes e “as experiências de interações foram, aos poucos, sistematizadas e aplicadas numa espécie de *bricolagem* (Lévi-Strauss, 1970) metodológica que foi e ainda é transmitida não somente nos cursos, mas também de

decisivo, tanto para a própria constituição da Igreja como para a reflexão eclesiológica, na perspectiva da eclesiologia da libertação (VELASCO, 1996, p. 429). É um convite a uma ‘nova práxis’ eclesial, porque, na visão de Francisco, ‘não se pode deixar as coisas como estão’ (Dantas, 2020, n. p.).

⁷⁸ Como o Movimento Evangélico Popular Eclesial (MEPE) da Arquidiocese de Mariana; o Movimento Nacional Fé e Política; os “Círculos Bíblicos” de Carlos Mesters, e; a Escolinha da Fé em Garanhuns-PE, para citar alguns exemplos.

geração para geração familiar dentro das comunidades” (Rabelo, 2019, p. 42), bem como fora delas, uma vez que, ao se deslocarem, as lideranças leigas formadas no seio do movimento levam consigo tais saberes por onde “caminham”.

Dito isso, esse conjunto de saberes do Mobon aprendidos pelas lideranças, doravante, defini como “Sistema de aprendizagem ‘do’ Mobon”. O termo:

[...] se refere a um conjunto de técnicas, conhecimentos e saberes que foram aprendidos pelas lideranças religiosas durante suas experiências nos cursos do Mobon, bem como na vivência cotidiana nas CEB's e as atividades proporcionadas por essa rede social (Rabelo, 2019, p. 42).

Este sistema é orientado pela *pedagogia de Jesus*. De outro modo, como disse o missionário João Resende, no Mobon:

O Missionário não é o que despeja. A gente usava a comparação, que a gente não podia ser caminhão basculante, que ao chegar no monte de terra, dar as costas ou de banda e a cara fica pra lá e depois que encheu tan, tan, tan e vai embora. E chega lá no buraco, ele chega de ré, entorna. A gente foi percebendo que **a pedagogia de Jesus, não é a pedagogia do despejo, mas chegar de frente e tocar o coração da pessoa, quando toca o coração a cabeça abre** (grifo meu)⁷⁹.

Como se vê, portanto, trata-se de uma pedagogia que busca tocar o coração da pessoa, para abrir lhe a cabeça ('consciência'), em que as histórias e narrativas que partem “da experiência do cotidiano, da natureza, do meio em que os leigos, muitas vezes dos interiores do país, já estavam familiarizados” (Cabral, 2022, 3º§) funcionam como dispositivos de sensibilização (Simméant; Traïni, 2008 *apud* Rolemberg, 2021), “que contribuem ao trabalho de elaboração de uma memória coletiva e formatação de comunidades imaginárias da ação coletiva” (Rolemberg, 2021, p. 4).

Esta pedagogia possui uma maneira de ensinar dialógica, cuja metodologia é “inspirada em princípios da pedagogia freiriana, partindo sempre da vivência do cotidiano dos destinatários” (Cabral, 2022, 3º§) e que se constrói a partir de cinco ações complementares, a saber: (i) escutar o que têm a dizer os leigos/cursistas; (ii) “puxar a língua” dos leigos, ou seja, provocar e deixar falar à vontade; (iii) fazer comparações, isto é, utilizar-se de metáforas e parábolas para teologizar; (iv) simplificar a linguagem, traduzindo os termos acadêmicos e teológicos para a

⁷⁹ Em entrevista concedida em 2009. In: Oliveira (2015, p. 139).

linguagem do povo simples, e; (v) provocar a reflexão, sobretudo, a partir de questões problematizadoras (chaves de leitura) que, em última instância, quer indagar: “o que a fé cobra de nós” aqui e agora, nesse chão?

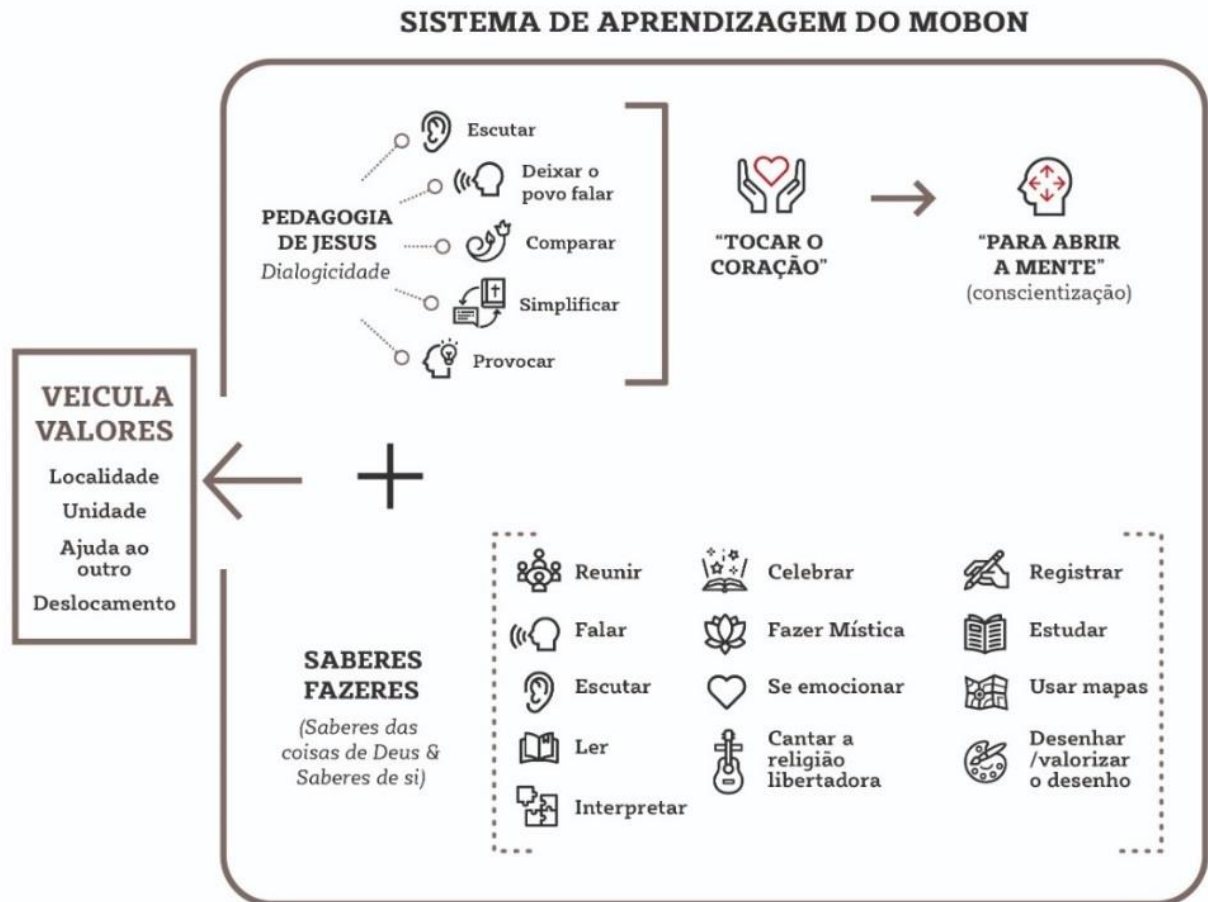
Em contato com o sistema, os leigos aprendem uma miríade de saberes que, relacionados e em sua unidade, compõem o ‘método do Mobon’. Etnograficamente, em contato com os cursos promovidos pelo movimento e focado em seus diferentes usos, em diversas situações, tanto no campo político (Bourdieu, 1989), quanto no campo religioso (Bourdieu, 2007): reunir, falar, escutar, ler, interpretar, celebrar, fazer mística, emocionar-se, cantar a “religião libertadora”, registrar, estudar, usar mapas bíblicos, desenhar e/ou valorizar o desenho, que devido ao espaço não será possível detalhar⁸⁰.

De maneira dinâmica, durante os cursos esse sistema em seu conjunto veicula valores *liberacionistas* (Theije, 2002, p. 261-273; 327-352), quer dizer, valores ligados à Teologia da Libertação como: localidade (viver em comunidade); unidade “para dentro” (evitar a divergência, pois “somos todos irmãos”); ajuda aos outros (fazer caridade e/ou engajar-se sociopoliticamente), e; valorização do deslocamento – de si para os outros; de um lugar ao outro – para implementar a “Igreja em saída”, esse “modo novo de ser Igreja”.

Pode-se afirmar que as várias modalidades de encontro promovidas pelo Mobon familiarizaram os camponeses com o uso de certas técnicas e “instrumentos de conhecimento, planejamento e ação pastoral sistemática” (Comerford, 2001, p. 265) concatenados em um sistema, cuja Figura 3, sem querer engessar a realidade em um ‘esquema’ inerte, busca sintetizar o modo de funcionamento.

⁸⁰ Para acesso à reflexão sobre cada um destes saberes, vale cf. os capítulos três e quatro da dissertação (Teixeira, 2020a).

Figura 3 – O sistema de aprendizagem ‘do’ Mobon



Fonte: O autor (2020), arte elaborada por Rodrigo Teixeira.

A propósito, o último valor (deslocamento) é uma ‘força’ fundamental para a reprodução do sistema. Deslocar-se pelas “estradas da vida”, “estar no trecho”, fazer o caminho caminhando é incentivado. O movimentar se torna uma obrigação moral para as lideranças. Os missionários sacramentinos incentivam os leigos e leigas a “saírem do conforto” de suas casas e caminharem a serviço do “anúncio da Palavra de Deus”. Dessa forma, o movimento literalmente se faz pelo movimento.

Os leigos são ‘provocados’ a se desprenderem e a comporem o discipulado missionário. Como explicou Denilson Mariano⁸¹, a lógica “do Boa Nova” não é prender ninguém em um “movimento que possui camisa”, mas “criar condições para que a força do evangelho corra nas comunidades”. Ainda como disse o missionário, “O Mobon é como se fosse uma canaleta, o importante é a água correr e não represar”. Portanto, o ‘papel’ do movimento é formar protagonistas que ‘façam diferença’ em seus lugares de origem, vizinhanças e por onde “caminharem”. O crucial é estar em

⁸¹ Em conversa por telefone, em 13 mar. 2019.

“constante estado de missão”.

Por exemplo, é por meio do registro escrito que são ‘transportadas’ ideias religiosas e concepções políticas de um lugar ao outro, junto com as lideranças que circulam “nas bases” repassando os conhecimentos adquiridos para os paroquianos (Oliveira; Zangelmi, 2009). Essa prática irá se reverter em um saber fazer relatório, relatorias e atas para as reuniões dos diversos movimentos, associações comunitárias, pastorais sociais da Igreja Católica e partidos políticos nos quais as lideranças se filiaram⁸², com algumas transformações ao longo do tempo, como tratarei mais à frente.

E como expressa a Figura 3, não é só escutar, ler e registrar que se aprende nos cursos. Como explicitam Gomes e Andrade (2011, p. 60), nos cursos não se apresentam “apenas os conteúdos temáticos, mas também alguns aspectos de capacitação daquelas pessoas para a reprodução dos cursos, tais como planejar seu trabalho, dinamizar os encontros, saber coordenar, etc.”. E nesta capacitação para replicarem, coordenarem e dinamizarem os cursos, as lideranças aprendem também a fazer reuniões, a falar, a simplificar a mensagem se utilizando de comparações e linguagem simbólica, a celebrar, a fazer mística e a cantar a religião libertadora.

Nos encontros promovidos pelo Mobon, a evangelização se constrói por meio de uma “alfabetização bíblica” (Araújo, 1999) que reinseriu os “pequenos” dos córregos em “uma ‘cultura bíblica’ que serviria de referência para se pensar as experiências vividas” (Velho, 2007, p. 106)⁸³. Ou seja, os interlocutores, por uma série de processos variáveis de mediação cultural, combinam noções do campo da cultura bíblica (Velho, 2007) às noções fundantes do pensamento popular camponês (Brandão, 1999). Assim, é por meio da exegese dos textos bíblicos, orientada muitas vezes pela “chave de leitura” presente nos roteiros de curso e grupos de reflexão organizados pelo Boa Nova, na abertura de cada “encontro” dos livretos, que os camponeses dos córregos revisitam suas vidas pessoais e em comunidade e tomam

⁸² Como escreve Comerford (1999), a feitura de documentos escritos é uma atividade importante do “pós-reunião”, afinal, as anotações geradas durante as “reuniões” – no nosso caso, cursos – circulam em determinados espaços (como reuniões de grupo de reflexão, reuniões de conselho pastoral, nos cursos de base e, pode acontecer, em instâncias do movimento sindical ou dos diretórios do PT) gerando “novas interpretações e efeitos a partir das *reuniões*” ou “permanecer como uma espécie de ‘comprovação’ ou registro oficial, cuja simples existência pode ser invocada em determinadas circunstâncias” (*Ibid.*, p. 57).

⁸³ Isto é, uma cultura em a Bíblia Sagrada é tomada como referência para “além do mero recurso instrumental a termos e expressões, e atinge o nível das crenças e atitudes profundas” (Velho, 2007, p. 107). Refere-se, portanto, a uma “força da referência bíblica” (*Ibid.*, p. 105) como orientadora de crenças e comportamentos.

conhecimento de ‘novos’ temas, e, conseqüentemente, ‘buscam’ soluções para os seus problemas.

As lideranças, ao se formarem nos cursos, não estão apenas adquirindo saberes fazeres (fenômenos de aprendizagem simples para os quais olhamos primeiro e podem ser descritos), mas, tornam-se pessoas que “aprenderam a aprender”⁸⁴. E quando digo isso, quero dizer que tais leigos aprenderam mais que ‘truques simples’ de mediação de reuniões, cursos e plenárias. Essas lideranças desenvolveram “essa experiência em toda a sua filosofia de vida” (Batenson, 1972, p. 129-130, tradução nossa), de uma maneira que vai além do “aprendizado de primeiro grau”.

Isto é, tornaram-se pessoas que, ao encontrarem “certos tipos de contexto, tendem a ver esses contextos estruturados em um padrão familiar anterior” (Bateson, 1972, p. 130, tradução nossa), que lhes possibilita ‘antecipar’ e improvisar soluções – narrativas e rituais – que ‘acomodem’ as novidades (diferentes questões, “pautas” e reflexões) que os distintos contextos situacionais (ou, contextos de receptividade⁸⁵) com que se deparam lhes apresenta. Em síntese:

[...] poderíamos dizer que o sujeito está aprendendo a se orientar para certos tipos de contextos, ou está adquirindo ‘insight’ nos contextos de resolução de problemas. No jargão deste artigo, podemos dizer que **o sujeito adquiriu o hábito de procurar contextos e sequências de um tipo em vez de outro, o hábito de ‘pontuar’ o fluxo de eventos para repetir um certo tipo de sequência significativa** (Bateson, 1972, p. 131, tradução nossa, grifo meu).

Esses leigos ao passarem pelos cursos onde são levados a saírem de seu “lugar de conforto” e levados a performarem o papel de mediadores, não apenas aprendem a repetir o que lhes é ensinado nos cursos (os gestos, o que é escrito ou desenhado no quadro ou apresentado no projetor, o estimular o público com questões problematizadoras, etc.), mas aprendem a lidar com contextos de aprendizagem.

⁸⁴ Nos termos de Batenson (1972), expresso pelo conceito de deuteroprendizado (*deutero-learning*). Como escreveu, “[...] ‘aprender a aprender’ é sinônimo de aquisição dessa classe de hábitos abstratos de pensamento [...] os estados de espírito que chamamos de ‘livre arbítrio’, pensamento instrumental, domínio, passividade etc. são adquiridos por meio de um processo que podemos equacionar como ‘aprender a aprender’” (Batenson, 1972, p. 131, tradução nossa). É o deuteroprendizado que possibilita a plasticidade da aprendizagem e a conseqüente transformação cumulativa do conhecimento de dada cultura.

⁸⁵ Quando se pensa em contexto, pensa-se em contexto da situação recebida: onde, quando, com quais subjetividades se está comunicando, em que momento político a situação está se desenrolando, por exemplo. Pode-se pensar na noção de “saber localizado”, isto é, que considere o local de onde emerge o saber (Haraway, 1995), bem como a subjetividade daqueles que mediam a mensagem-ritual.

As lideranças aprendem a identificar e usufruir de ambientes em que se aprende (p. ex., reuniões, assembleias, cursos de base e de liderança, reuniões de grupos de reflexão, círculos de cultura, grupos de trabalho, etc.)⁸⁶, transformam essa aprendizagem e, conseqüentemente, transformam o movimento que fazem parte. Grosso modo, “indivíduos reais que têm padrões emocionais complexos de relacionamento com outros indivíduos” (Batenson, 1972, tradução nossa) aprendem por uma espécie de redescobrimento dirigido. Ou seja, um misto de imitação e improvisação, próprios do ato humano de “dar forma”. À medida que leem as coisas “para frente”, “inventam a cultura” (Wagner, 2010) a partir do contato com os diferentes contextos de aprendizagem e seus elementos⁸⁷.

Todo esse processo de formação e fomento ao protagonismo leigo e cidadão, com o tempo alterou os ‘jogos de poder’ nos córregos, principalmente, a partir da organização dos trabalhadores rurais em sindicatos, em meados da década de 1980. O aprendizado dessas técnicas repercute não só para a dimensão do próprio Mobon, em seu aspecto religioso, como para a organização dos movimentos que estão na esfera “igrejeira” dos movimentos sociais na Zona da Mata e além.

SABERES DO MOBON E O FLORESCIMENTO DE UM ATIVISMO CATÓLICO-POLÍTICO

A atuação do Mobon escapa a uma exatidão regional e se constrói – com o apoio de alguns sacerdotes, e a resistência de outros – tendo como principais regiões de atuação “a Zona da Mata, em localidades próximas ao município de Muriaé-MG, e a região do Vale do Rio Doce, em localidades entre os municípios de Caratinga-MG e Governador Valadares-MG” (Oliveira, 2012, p. 16), sem contar, sua extrapolação para o estado do Espírito Santo e para a região norte do Mato Grosso.

Como os próprios missionários definem, o Mobon é uma “rama de abóbora [que] não fica presa nos limites do quintal onde nasceu” (MEDC, 1993, p. 23). O movimento – apesar de possuir ‘centros de irradiação missionária e promoção social’ – é como uma rama de abóbora que sai do controle de quem a plantou. Isto é, não

⁸⁶ Onde, por algumas horas ou alguns dias, podem “ad-mirar” (Freire, 2017). Isto é, ambientes onde leigos e leigas podem tomar distância em relação à realidade concreta de “exploração do trabalho” em que vivem leigos e leigas no campo e nas pequenas cidades para pensar, avaliar e agir em busca de uma solução (o “ver, julgar e agir”).

⁸⁷ A leitura de Ingold (2010) foi inspiradora para o desenvolvimento dessa noção.

possui limites e contornos rígidos, sendo sua área de abrangência vazada e aberta em várias direções, conforme demonstraram os “passos” de suas lideranças. Entre outras coisas, essa circulação, e a situacionalidade e as tensões que a envolvem, é o que possibilita a (re)produção e transformação das pautas e saberes do Mobon em outras ações que extrapolam o propósito religioso.

Além da circulação “nas bases” para a realização de cursos, as lideranças ‘mais engajadas’ – *i. e.*, aquelas que conseguem melhor negociar o tempo de ficar fora de casa –, circulam por outros eventos (encontros, outros cursos, seminários, etc.) de cunho religioso, político e/ou acadêmico. E assim fazendo, praticam os saberes e ajustam os valores do sistema ‘do’ Mobon a esses diferentes contextos. Dessa maneira, vão ‘expandindo’ o sistema, submetendo-o a constantes “trocas de saberes” com outros sistemas de aprendizado, que ao fim e ao cabo, vão se transformando mutuamente. Assim, os saberes do Mobon “foram sendo absorvidos, inculcados, refletidos, reproduzidos e produzidos em contextos diferentes, além de produzir realidades diferentes” (Rabelo, 2019, p. 24).

A dinamização intermunicipal, interparoquial e interdiocesana promovida pelos mediadores do Mobon foi estratégia utilizada para o controle do “rebanho” o que levou à criação e manutenção das comunidades de base, mas não só. A circulação de pessoas para além de seus córregos garantiu o intercâmbio entre as comunidades, a expansão da rede social total do Boa Nova, assim como a formação de novos mediadores de cursos (lideranças comunitárias, multiplicadores dos cursos) e a expansão dos saberes do Mobon, de seu vocabulário e dos valores associados.

Foi a circulação de pessoas, valores e coisas⁸⁸ por diferentes contextos de recepção da “mensagem” que garantiu ao Boa Nova se expandir, reproduzir-se e se transformar. Isto porque, “a ética comum ao ‘pessoal do Mobon’ desloca-se, ou transita com eles, entre contextos distintos, regido por regras que nem sempre são compatíveis com a moralidade construída” (Rabelo, 2019, p. 24), assim, sempre acontecem ajustes situacionais, o que gera particularizações, *i. e.*, diferentes apropriações e transformações “do método”.

Assim, os missionários e agentes pastorais do Mobon contribuíram com a formação de comunidades e lideranças na Zona da Mata e Leste de Minas, com base num vocabulário vinculado a termos como *missão, igreja em saída, conscientização,*

⁸⁸ Cf. Teixeira; Rabelo (2018).

fé baseada em obras, luta, engajamento, organizar-se com e pelos pequenos, e os sentidos e valores a eles associados.

Um movimento de evangelização que, a princípio, visava apenas o religioso, passou a abranger mais que a questão estritamente ‘soteriológica’. De outro modo, como membros da Igreja Católica, o objetivo dos missionários, de início, foi oportunizar ambientes de “conversão” em que católicos comuns se tornem “verdadeiros católicos” em uma operação de reafiliamento em que as pessoas sejam reinseridas em um “regime forte” de intensidade religiosa (Teixeira, 2009). Todavia, no caso da mediação do Mobon, essa “verdade” é buscada não apenas no envolvimento dos/as leigos/as nas obrigações religiosas (p. ex., envolver-se com os trabalhos de cuidado e manutenção das capelas, “gostar de religião”, participar dos conselhos paroquiais, tornar-se ministro da palavra ou da eucaristia, etc.), mas também é validada por outros aspectos ‘não religiosos’, como “dar o testemunho de vida” e realizar “obras”, sobretudo, em prol da comunidade e da sociedade (a “Casa Comum”, o “Reino de Deus”).

No final da década de 1970, saber e refletir os argumentos bíblicos não era mais suficiente. Deste modo, o “grande argumento” seria testemunhar a fé, em que a religião deve se expressar em “participação familiar e comunitária” (Costa, 2009, p. 23). No caso da Zona da Mata e Leste de Minas,

[...] o Mobon incentivava a formação de sindicatos de trabalhadores rurais; este partia dos princípios morais católicos tradicionais, mas promovia reuniões de comunidades de várias regiões e, aos poucos, introduzia a crença na possibilidade de mudanças sociais no meio rural (Ricci, 2002, p.116 *apud* Oliveira, 2012, p. 26).

Uma importante liderança, artista e animador popular⁸⁹, disse que as CEBs, dinamizadas pelo Mobon, foram o “despertar para esse olhar do todo”. O todo aqui no sentido de entender o “Reino de Deus”, maneira como os interlocutores se referem à realidade social em que vivem os católicos “da libertação”. Uma realidade complexa que não pode ser mudada “apenas rezando”, mas que exige “ação concreta”, “luta”, “obra”. Como afirmou na mesma ocasião, a liderança, “As CEBs, eu vejo como uma ‘gesteira’ desses movimentos que foram surgindo a partir dos processos que ela foi mobilizando”.

As perguntas problematizadoras tiveram um papel importante como fermento

⁸⁹ Sebastião Farinhada, em entrevista, 6 nov. 2018.

para a organização dos trabalhadores e trabalhadoras. A reflexão coletiva nos encontros sobre as perguntas “o que fazer?” e “como resolver isso?”, presentes ao fim das “chaves de leitura” dos livretos e roteiros de grupos de reflexão, “provocou” as pessoas a efetivamente se organizarem e realizarem ações para saírem da condição de “oprimidos” (Oliveira; Zangelmi, 2009, p. 223). Como sintetizou Oliveira (2012, p. 15), “o engajamento político foi um desdobramento da organização das comunidades católicas”.

Como contou Sebastião Farinhada⁹⁰:

[...] os roteiros dos grupos de reflexão, elaborado por uma equipe muito boa da diocese, sempre trazia as perguntas com o fato da vida. O fato da vida é uma historinha. Aí a pessoa contava uma historinha, um fato da vida, e ali embaixo colocava uma pergunta: a pergunta que te obriga a dizer sim ou não, mas que depois tinha o porquê, o como fazer. Por exemplo, se o fato da vida estava relacionado a questão da exploração do trabalho, por exemplo, você acha que é justa a pessoa ter dupla jornada e não ter carteira assinada. Aí embaixo tinha a pergunta, sim ou não. Os cursos de natal, de semana santa eram também muito provocativos para essa coisa da organização da classe trabalhadora.

Em um movimento espiralar, além dos sindicatos e da atuação político-partidária, direta ou indiretamente, a ação do Mobon, ajustada situacionalmente por aqueles que “fazem a luta”, deu origem a cooperativas⁹¹; motivou a “conquista de terras em conjunto”⁹²; serviu como uma das bases para a construção do Movimento Agroecológico⁹³ na Zona da Mata mineira bem como, contribuiu para o desenvolvimento da Pastoral da Saúde e da Homeopatia na região⁹⁴; foi parte importante para o desenvolvimento do Movimento dos Atingidos por barragens (MAB) no Alto Rio Doce⁹⁵; entre outros resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto quis trazer para o centro do debate sobre catolicismo “da libertação” e sua intercessão com a formação política de agentes de ‘velhos’ e ‘novos’

⁹⁰ Em entrevista, em 6 nov. 2018.

⁹¹ Cf. Silva (2010) e Freitas e Freitas (2013).

⁹² Cf. Campos (2006) e Villar (2014).

⁹³ Cf. Cintrão (1996), Villar *et. al.* (2013), Silva e Santos (2016) e Silva (2017).

⁹⁴ Cf. Ribeiro, Coelho e Teixeira (2016).

⁹⁵ Cf. Oliveira e Rothman (2008).

movimentos sociais, partidos políticos e demais espaços de exercício da cidadania, a reflexão sobre como militantes “igrejeiros” da Zona da Mata de Minas Gerais vivenciam um processo complexo e reproduzem e transformam os saberes que acessaram no contato com os cursos do Movimento da Boa Nova.

Sobretudo no final dos anos 70, os mediadores do Mobon passam apresentar a política como algo que vale a pena se envolver, ou seja, “como um instrumento necessário para a melhoria das condições sociais” (Oliveira, 2012, p. 139). Política em um sentido amplo, para além de sua dimensão partidária, expressa em um engajamento político-social no movimento sindical de trabalhadores rurais, em movimentos sociais diversos, em partidos políticos e na atuação na política institucional em âmbito municipal, estadual e federal, em diferentes tipos de associações, em cooperativas, na fundação e manutenção de escolas família agrícolas, em movimentos religiosos e pastorais da Igreja Católica, etc.

Deste modo, de geração em geração (Rabelo, 2019, p. 71), os católicos que têm contato com Mobon são incentivados até os dias de hoje a se envolverem em questões sociais e políticas que afetem o cotidiano de sua comunidade. Assim, utilizando-se de ‘velhos’ saberes – sistematizados nessa pesquisa no que chamei, Sistema de aprendizagem ‘do’ Mobon –, lideranças leigas continuam falando de justiça social, reforma agrária, políticas públicas para o campo e a cidade, agroecologia, direitos trabalhistas, bem como sobre ‘novas’ pautas como a promoção da igualdade racial, a defesa dos direitos dos povos indígenas e povos tradicionais, a soberania nacional na mineração e contra a impunidade que marca os episódios do rompimento das barragens de rejeito de minério de ferro que vitimou centenas de pessoas em Mariana (novembro de 2015) e Brumadinho (janeiro de 2019), etc.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ricardo Torri de. **O movimento da Boa Nova**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1999.

ARAÚJO, Rosalina Neta de. O Tempo do Advento. **Catequese Hoje**, sem data. Disponível em: <https://catequesehoje.org.br/diverso/liturgia-e-catequese/1162-o-tempo-do-advento>. Acesso em: 26 jan. 2020.

BATESON, Gregory. Social Planning and the concept of deuterio-learning. In: _____. **Steps to an ecology of mind**. San Francisco: Chandler Pub. Co., 1972.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1986, p.9-64.

BOURDIEU, Pierre. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 163-208.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 27-78.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Introdução e Sacerdotes de Viola. In: _____. **Os deuses do povo**: um estudo sobre religião popular. 3 ed. ampliada, com depoimentos. Uberlândia, MG: EDUFU, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra**. Imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

CABRAL, Wilson Augusto Costa. Mobon: leigos ampliam sua presença numa Igreja em saída. **Movimento Boa Nova**, 29 abr. 2022. Disponível em: <https://mobon.org.br/mobon-leigos-ampliam-sua-presenca-numa-igreja-em-saida/>. Acesso em: 5 ago. 2024.

CAMPOS, Ana Paula Teixeira de. **“Conquista de Terras em conjunto”**: redes sociais e confiança – a experiência dos agricultores e agricultoras familiares de Araponga. 2006. 121f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2006.

CINTRÃO, R. P. **ONGs, Tecnologias alternativas e representação política do campesinato**: uma análise da relação entre o Centro de Tecnologias Alternativas e os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais na Zona da Mata Mineira. 1996. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agrícola). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

COMERFORD, John Cunha. **“Como uma família”**: Sociabilidade, reputações e territórios de parentesco na construção do sindicalismo rural na Zona da Mata de Minas Gerais. 2001. 486f. Tese (doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro. 2001.

COMERFORD, John Cunha. **Como uma família**: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

COMERFORD, John Cunha. **Fazendo a luta**: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 1999.

CONHEÇA-NOS. **Movimento Boa Nova**, 21 dez. 2021. Disponível em:

<https://mobon.org.br/conheca-nos/>. Acesso em: 4 ago. 2024.

COSTA, Alípio Jacinto da. **Bodas de Ouro da Evangelização (1959-2009):** Movimento de apostolado dos pioneiros do evangelho (MAPE) ou Movimento da boa nova (MOBON). (Texto datilografado - 63 páginas). Dom Cavati-MG, 2009.

COSTA, Alípio Jacinto da. Sem data. **O Movimento da Boa nova.** (Texto datilografado – 7 páginas).

DANTAS, Erivaldo. Por uma “Igreja em saída”. **Vida Pastoral**, jan./fev. 2020, n. 331, p. 30-37. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/por-uma-igreja-em-saida/>. Acesso em: 4 ago. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 63 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREITAS, Alair Ferreira de; FREITAS, Alan Ferreira de. Os alicerces sociopolíticos do cooperativismo de crédito rural solidário na Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, n. 3, p. 433-454, jul./set. 2013.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Wanda Lúcia e ANDRADE, Durval Angelo. **Mobon: missão e fé libertadora.** Belo Horizonte: O Lutador, 2011.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

IKOI, Zilda Grícoli. Introdução. In: _____. **Igreja e camponeses:** Teologia da Libertação e movimentos sociais no campo Brasil e Peru, 1964-1986. São Paulo: Hucitec, 1996.

INGOLD, Tim. Da Transmissão de Representações à Educação da Atenção. **Educação**, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.

IORRES, Edith Garcia. O que são grupos de reflexão. **Revista diretrizes**, ano XXV, n. 564/565, p. 16, 1988.

KERTZER, David. Política e ritual: a festa comunista na Itália. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 3-8, jun. 1983.

MOVIMENTO DE EVANGELIZAÇÃO DA DIOCESE DE CARATINGA [MEDC]. **Abraão e Sara em parábolas.** Manhumirim: O Lutador, 1993.

NOVAES, Regina Reyes. A divina política. Notas sobre as relações delicadas entre religião e política. **Revista USP**, São Paulo, n.49, p.60-81, mar./maio 2001.

NOVAES, Regina Reyes. **De corpo e alma:** Catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. Missionários e católicos leigos de comunidades rurais: problematizando estratégias de comunicação. In: CRUZ, I. M. N. F.; ZANGELMI, A. J.; HENRIQUES, A. B. (Org.). **Entre Menosprezo, Aversão e Esquecimento: religiosidades, movimentos sociais e ecologia na Zona da Mata Mineira**. Juiz de Fora: Editar, 2015.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa; ROTHMAN, Franklin Daniel. Arquidiocese de Mariana, Teologia da Libertação e Emergência do Movimento dos Atingidos por Barragens do Alto Rio Doce (MG). **Política & Sociedade**, v. 7, n. 12, p. 177-203, abr. 2008.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto da Costa. O Concílio Vaticano II, O Mobon e as Comunidades Rurais: um estudo sobre a práxis comunicativa entre missionários e grupos católicos leigos. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 38-58, 2010.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto da Costa. O Mobon e sua casa: perspectiva histórica. In: SILVA, Denilson Mariano da. **Fermento, sal e luz: leigos em “saída missionária”**. Belo Horizonte: O Lutador, 2019, p. 35-46.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto da Costa. **Religião, política e comunidade: emergência e politização do Movimento da Boa Nova**. 2012. 246f. Tese (doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto da Costa; ZANGELMI, Arnaldo José. Religião, comunicação e cultura política: da vida religiosa à luta pela cidadania. **Revista de C. Humanas**, v. 9, n. 2, p. 216-228, jul./dez. 2009.

OS CÍRCULOS BÍBLICOS dinamizam a vida eclesial – Parte 3. Observatório da Evangelização. 1 vídeo (5 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GtD_vy3uVRA. Acesso em: 23 set. 2018.

RABELO, L. **Pelos olhos da fé: os dilemas morais na “caminhada” de lideranças políticas e religiosas na Zona da Mata mineira**. 2019. 157f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2019.

RESENDE, João. O que é o Mobon. **Revista diretrizes**, n. 567, dez. 1988.

RIBEIRO, Alessandra Paiva; COELHO, France Maria Gontijo; TEIXEIRA, Thaís Helena. História da ciência da Homeopatia para a Agropecuária e sua popularização na Zona da Mata Mineira. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, maio 2016.

RICCI, Rudá Guedes Moisés Salermos. **Fuga para o futuro: novos movimentos sociais rurais e a concepção de gestão pública**. 2002. 229 f. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2002.

ROLEMBERG, Igor. Onde está o religioso? *Mística e espiritualidade* no político, no público e no secular. **Religião e Sociedade**, v. 40, n. 3, p. 49-71, 2020.

ROLEMBERG, Igor. Ritual, emoções e engajamento militante: a produção em ato da *mística* na romaria dos mártires da floresta em Nova Ipixuna/PA. **Revista de Antropologia**, v. 64, n. 2, p. e186656, 2021.

ROMANO, Jorge O. Discurso religioso e imaginário na luta pela terra. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 4, p. 66-77, jul. 1995.

SANCHIS, Pierre. Catolicismo e representatividade eleitoral numa sociedade em mudança. **Cadernos do Iser**, Rio de Janeiro, n. 38, 1990.

SILVA, Marcio Gomes da. **Políticas públicas de desenvolvimento rural e organizações de agricultura familiar no município de Espera Feliz-MG**. 2010. 127 f. Dissertação (mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2010.

SILVA, Marcio Gomes da. **Por uma pedagogia agroecológica**: os fundamentos teóricos de experiências educativas em agroecologia. In: Colóquio do Museu Pedagógico, 12., Niterói. **Anais...** Niterói: Museu Pedagógico, 2017. p. 1564-1569.

SILVA, Marcio Gomes da; SANTOS, Marcelo Loures dos. A prática educativa dos movimentos sociais na construção da agroecologia. **Educação em Perspectiva**, v. 7, n. 2, p. 263-282, jul./dez. 2016.

STRATHERN, Ann Marilyn. Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia. In: _____. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 159-209.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Catolicismo plural**: Dinâmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 17-30.

TEIXEIRA, Ramon da Silva. **Como a rama da abóbora**: o Movimento da Boa Nova, o “trabalho de base” e (re)invenções de saberes-fazer. 2020. 213 f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2020a.

TEIXEIRA, Ramon da Silva. Movimento da Boa Nova e a lógica simbólica da comunicação popular entre missionários sacramentinos e católicos de comunidades rurais. In: OLIVEIRA, Fabrício Roberto da Costa *et al* (Orgs.). **Cristianismos, sociabilidade e espaço público**: reflexões sobre as relações entre religião e sociedade. Campinas, SP: D7 Editora, 2020. p. 90-108.

TEIXEIRA, Ramon da Silva; RABELO, Livia. Observando coisas, desvelando políticas de conhecimento: a edificação da identidade militante católica de agentes da cultura das CEBs. **Sacrilegens**, v. 15, n. 2, p. 620-636, jul./dez. 2018.

TEIXEIRA, Ramon da Silva; RABELO, Livia. Um espaço de sociabilidade: a Casa do

Mobon, ponto de chegada e de partida. In: SILVA, Denilson Mariano da. (Org.). **Fermento, sal e luz: leigos em “saída missionária”**. Belo horizonte: O Lutador, 2019.

TEMPO DA QUARESMA. **Catequese católica**, sem data. Disponível em: <http://catequisar.com.br/texto/materia/celebracoes/quaresma/04.htm>. Acesso em: 26 jan. 2020.

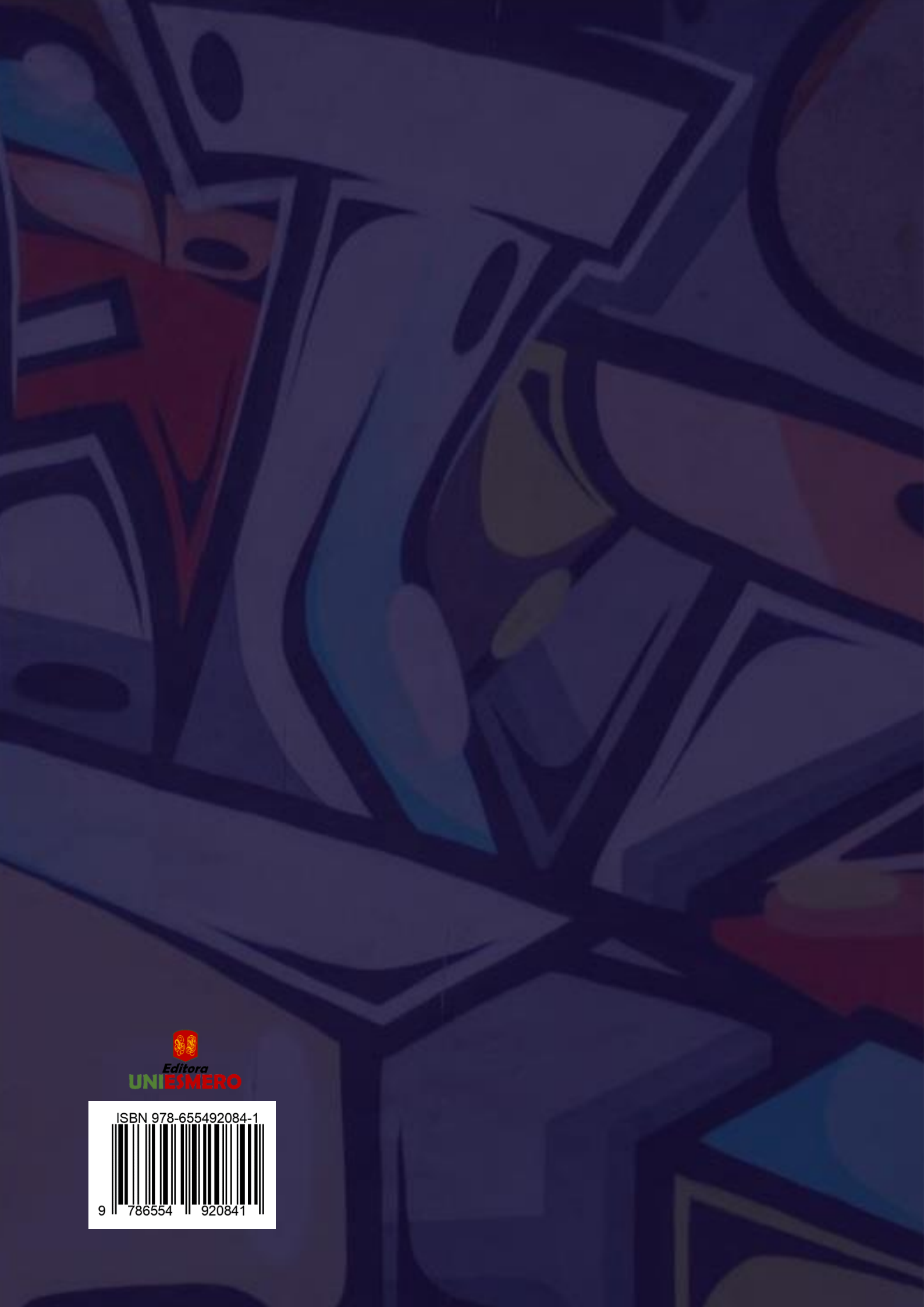
THEIJE, Marjo de. **Tudo o que é de Deus é bom: uma antropologia do catolicismo liberacionista de Garanhuns, Brasil**. Recife: FJN, Ed. Massangana, 2002.

VELHO, Otávio. O cativo da besta-fera. In: _____. **Mais realistas do que o rei: ocidentalismo, religião e modernidades alternativas**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007, p. 103-133.

VILLAR, Juliana Padula *et. al.* Os caminhos da agroecologia no Brasil. In: GOMES, João Carlos Costa; ASSIS, William Santos de. **Agroecologia: princípios e reflexões conceituais**. Brasília, DF: Embrapa, 2013.

VILLAR, Juliana Padula. **Práticas e saberes pela Agroecologia no Assentamento Padre Jésus em Espera Feliz - MG**. 2014. 92 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. 2014.

WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.




Editora
UNIESMERO

ISBN 978-655492084-1



9 786554 920841